



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
MESTRADO ACADÊMICO EM LINGUÍSTICA APLICADA

LUDOVICA OLÍMPIO MAGALHÃES

**POLIDEZ NA CONVERSA DE AUTISTAS: UMA ABORDAGEM DAS
ESTRATÉGIAS E DO TRABALHO COM AS FACES**

FORTALEZA – CEARÁ
2020

LUDOVICA OLIMPIO MAGALHÃES

POLIDEZ NA CONVERSA DE AUTISTAS: UMA ABORDAGEM DAS
ESTRATÉGIAS E DO TRABALHO COM AS FACES

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada. Área de concentração: Linguagem e Interação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Leticia Adriana Pires Ferreira dos Santos.

FORTALEZA – CEARÁ

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Estadual do Ceará

Sistema de Bibliotecas

Magalhães, Ludovica Olimpio .

Polidez na conversa de autistas: uma abordagem das estratégias e do trabalho com as faces [recurso eletrônico] / Ludovica Olimpio Magalhães. - 2020

Um arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico com 123 folhas.

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Fortaleza, 2020.

Área de concentração: Linguagem e Interação.

Orientação: Prof.ª Dra. Letícia Adriana Pires Ferreira dos Santos..

1. Transtorno do Espectro Autista. 2. Jogo de faces. 3. Polidez linguística. I. Título.

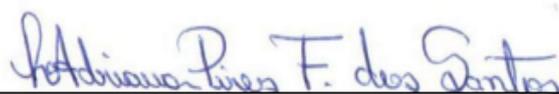
LUDOVICA OLIMPIO MAGALHÃES

POLIDEZ NA CONVERSA DE AUTISTAS: UMA ABORDAGEM DAS
ESTRATÉGIAS E DO TRABALHO COM AS FACES

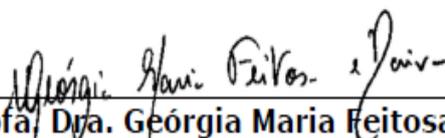
Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada. Área de concentração: Linguagem e Interação.

Aprovada em: 18 de dezembro de 2020

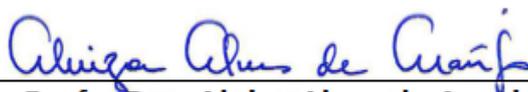
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Leticia Adriana Pires Ferreira dos Santos (Orientadora)
Universidade Estadual do Ceará – UECE



Profa. Dra. Geórgia Maria Feitosa e Paiva
Universidade Federal do Ceará – UFC



Profa. Dra. Aluiza Alves de Araújo
Universidade Estadual do Ceará – UECE

AGRADECIMENTOS

Eu amo o Senhor, porque Ele me ouviu quando lhe fiz a minha súplica. Ele inclinou os seus ouvidos para mim: eu o invocarei toda a minha vida (Salmos 116: 1-2). A esse Deus que me ama, que me escuta. O meu Senhor, meu tudo, meu Pai, meu amigo, meu refúgio, minha fortaleza, meu orientador, o Amado de minha alma. A Ele todo meu louvor e minha gratidão. O Alfa e o Ômega, o princípio e o fim de tudo. Sem Ele absolutamente nada é possível.

Aos meus pais, Fernando e Lourdinha, por todo amor e por cada ensinamento sobre ter princípios, persistir e tantos outros, que obtive durante toda minha trajetória de vida.

As minhas filhas, Victoria, Georgia e Iasmin, por todo amor, apoio e por toda compreensão e paciência ao longo desse tempo. O meu amor mais profundo é de vocês!

À minha filha Georgia, em especial, por ter sido coluna forte dentro de nosso lar.

Ao meu esposo Márcio, minha outra metade. Obrigada pelo amor de todas as horas, por todo apoio, paciência e companheirismo. Somos uma só carne! “Portanto, o homem deixará seu pai e sua mãe e se unirá a sua esposa, e eles serão uma só carne” (Gênesis 2, 24). Amo você!

As minhas irmãs Alexandra, Clarissa e Ana Luisa por me incentivarem a buscar sempre o melhor a todo instante.

Aos meus sobrinhos Armando e Daniel, alegrias de minhas horas de lazer e paz.

Às minhas quatro pets, Chloe, Minho, Mel e Miau por ficarem sempre presentes, deitadas nos meus pés durante as noites de estudo, mostrando-me que estavam comigo.

À minha orientadora, mais que querida, de quem sou fã incondicional, profa. Letícia Adriana, gratidão por sua sabedoria e conhecimento partilhados ao longo desses dois anos. Sua forma leve de conduzir esse processo fez toda diferença para mim. Minha eterna gratidão a todos os momentos que estivemos juntas partilhando conhecimento e vida. Sua docilidade e seu carinho me fazem tocar várias estratégias de polidez.

Às integrantes de minha banca de defesa, composta por duas professoras que para mim são exemplos de dedicação e profissionalismo, professoras Georgia Paiva e

Aluiza Alves, que se dispuseram gentilmente a estar comigo, apesar de toda correria da vida docente. Minha eterna gratidão.

À coordenação do POSLA, na pessoa do professor Lucineudo Irineu, sempre tão disponível a nos ajudar. Sua dedicação, sua humildade, seu carinho, seu olhar atento a cada discente e sua competência são exemplos de vida plena para mim. Sou sua fã, Lu.

Aos meninos e às meninas da secretaria do POSLA, sempre tão maravilhosos e prestativos. Sou grata demais por cada ajuda, por cada palavra, por cada email respondido, por tudooooo mesmo!

Aos meus colegas da turma 2019, por cada discussão, por cada ensinamento. Não esquecerei vocês.

À minha amiga Danielle Vasconcelos que o mestrado trouxe de presente a minha vida. Dani, sou eternamente grata por tudo. Você é luz de Deus para mim.

À cada participante autista que ao longo da jornada se tornou amigo(a), parceiro(a) e que foi sempre tão disposto(a) a me ajudar. Aprendi a amar e a compreender cada um de vocês. Tenho ao lado de vocês uma missão. Obrigada por fazê-la tão prazerosa. Estamos juntos!!!

À minha querida Auxiliadora, mulher amável, gentil e forte. Sempre disposta a me auxiliar, sendo a coluna forte de muitos contextos. Seu nome condiz com quem você essencialmente é. Gratidão eterna!

À Gabi e ao Lucas, por todo seu carinho, amizade, confiança, atenção e generosidade e amor.

À Dra. Fátima Dourado, por seu apoio e atenção a todas as minhas solicitações.

À Casa da Esperança, pelo acolhimento amigo e por me deixar conviver em seus muros.

À cada membro da Abraça Autismo Brasil por todo ensinamento e dedicação.

À minha amiga Cristiane (Cris), que ao longo desse tempo foi minha intercessora e incentivadora. Amo sua vida!

À minha amiga Sumaia, por todo acolhimento, todo carinho e orações.

À minha prima, Juliana, por me mostrar que ser forte nos momentos de dificuldade é algo inerente a nossa família!

À cada ovelha do grupo Sarça Ardente, meus irmãos em Cristo, que rezou por mim e por essa vitória, crendo que Deus sabe todas as coisas.

À cada membro do Pastoreio Shalom Adulto Regional de Fátima, família que o Senhor me presenteou. Vocês foram sustento para minha vida e para as minhas missões na terra.

A Genoveva Braga, Maurílio Cesar e Carlos Augusto por me ensinarem a voltar a sonhar e a olhar os meus desafios a partir de novas lentes.

Aos meus amigos Reginaldo e Rosemary por dividir comigo não somente a orientadora, mas livros, textos e todo seu conhecimento, as ideias e a amizade.

À minha doce amiga Suelene Oliveira, que desde quando nos conhecemos me fez acreditar que eu poderia ir além e fertilizar em muitos contextos. Sou eternamente grata a pessoa que você é.

À minha amiga Lorena Pitombeira, pelas discussões e pelo apoio.

À todos os professores do Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada, POSLA, pelos encontros por demais enriquecedores, e que muito corroboraram na minha formação acadêmica.

A cada colega do IFCE campus Tauá, minha segunda casa, minha segunda família, pelo acolhimento, pela força, pela parceria e compreensão.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro à realização desta pesquisa.

“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Tudo foi feito por Ele; e nada do que tem sido feito, foi feito sem Ele”.

(João, 1, 1-3).

RESUMO

Este estudo apresenta uma análise da linguagem de pessoas com transtorno do espectro autista, TEA, com grau leve e moderado, tendo como foco o fenômeno da polidez linguística. Para que nossa pesquisa fosse possível, procuramos verificar como os participantes da conversação interagem uns com os outros, fazendo o trabalho com as faces segundo a teoria das faces de Goffman (1967), e como eles utilizam as estratégias de polidez linguística e quais estratégias são mais recorrentes. Para compreender a linguagem de pessoas com o transtorno do espectro autista, analisamos as conversas de sujeitos autistas que fazem parte de projetos terapêuticos na casa da Esperança, alguns integrantes do grupo ativista Abraça Autismo Brasil, e também participantes de rodas de conversas realizadas por nós, bem como as conversas já transcritas por Rocha (2016). Adotamos, como referencial teórico básico, os postulados de Brown; Levinson (1987), Leech (1983) Goffman (1967), entre outros estudiosos dessa temática. Como resultado da análise, constatamos que os autistas usam em suas falas várias estratégias de polidez linguística. Dessa forma pudemos detectar que autistas são polidos e interagem socialmente, apesar de serem taxados como pessoas que não gostam de interações sociais ou que não sabem como fazê-lo. Pudemos também concluir, de forma similar a Teixeira quando estudou a linguagem de esquizofrênicos, que “as estratégias e modos de polidez”, usados por eles, não são dotados de valor absoluto, apesar de a polidez ser tida como um fenômeno universal” (TEIXEIRA, 2011, p.7).

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista. Jogo de faces. Polidez linguística.

ABSTRACT

This study presents an analysis of the language of people with autistic spectrum disorder, ASD, levels 1 and 2, focusing on the phenomenon of linguistic politeness. In order to make our research possible, we sought to verify how the participants in the conversation interact with each other, doing the work with faces according to Goffman's (1967) theory of faces, and how they use the strategies of linguistic politeness and which strategies are more recurrent. To understand the language of people with the autistic spectrum disorder, we analyzed the conversations of autistic subjects who participate in therapeutic projects at the Casa da Esperança, some participants of the activist group Abraça Autism Brazil also from the Casa da Esperança, and some participants in a circle of conversation held by us, as well as the conversations already transcribed by Rocha (2016). We adopted, as a basic theoretical reference, the postulates of Brown; Levinson (1987), Leech (1983) Goffman (1967), among other scholars of this theme. As a result of the analysis, we found that autists use in their speech several strategies of linguistic politeness. In this way we were able to detect that autists are polite and interact socially, despite being taxed as people who do not like social interactions or do not know how to do it. We could also conclude, similarly to Teixeira when she studied the language of the schizophrenic, that "the strategies and modes of politeness", used by them, are not endowed with absolute value, even though politeness is considered a universal phenomenon" (TEIXEIRA, 2011, p.7).

Keywords: Autistic Spectrum disorder. Face work. Politeness.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 –	“Genealogia” da pragmática.....	30
Quadro 2 –	Máximas de Leech.....	45
Quadro 3 –	Estratégias de Brown and Levinson.....	46
Quadro 4 –	Autismo no CID 10 e 11.....	56
Quadro 5 –	Com pequenas modificações das regras extraídas de Castilho; Preti (1986), de Koch (1997) e de Marcuschi (1991, p.10)	63
Quadro 6 –	Análise pela autora conforme as Máxima de Leech.....	74
Quadro 7 –	Análise pela autora conforme as Máxima de Leech.....	87
Quadro 8 –	Análise pela autora conforme as Máxima de Leech.....	93
Quadro 9 –	Análise pela autora conforme as Máxima de Leech.....	97
Figura 1 –	Níveis de gravidade para transtorno do espectro autista	55

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
1.1	Conhecendo a Casa da Esperança, onde tudo começa.....	15
2	NOVO PERCURSO NOS ESTUDOS DA LINGUAGEM.....	22
2.1	Os Estudos Linguísticos.....	22
2.2	O Percurso da Pragmática Linguística.....	23
2.2.1	Os Jogos de Linguagem.....	24
2.2.2	Austin e os Atos de Fala.....	26
2.3	O Percurso dos Estudos Pragmáticos.....	29
2.3.1	Da Pragmática à Nova Pragmática.....	29
3	AS TEORIAS DE POLIDEZ LINGUÍSTICA DELINEANDO FACE – UM INÍCIO.....	38
3.1	A Teoria da Polidez segundo Leech e Brown e Levinson.....	43
4	O AUTISMO E SUAS DIVERSIDADES.....	49
4.1	O Trastorno do Espectro Autista – TEA.....	49
4.2	O Tea e Seus Graus De Comprometimento.....	51
5	PERCURSO METODOLÓGICO.....	58
5.1	Qualificação da Pesquisa.....	58
5.2	Definição do Corpus.....	61
6	PROCEDIMENTOS.....	63
6.1	Participantes da Pesquisa.....	65
7	TRANSCRIÇÕES.....	68
7.1	Normas Para Transcrição Das Conversas.....	68
7.2	Análise Das Conversas.....	69
8	ANÁLISES DAS CONVERSAS.....	72
9	CONVERSAS ORDINÁRIAS – PESQUISA ETNOGRÁFICA REALIZADA POR ROCHA (2016)	104
9.1	Situação 1.....	104
9.2	Situação 2.....	105
9.3	Situação 3.....	105
9.4	Situação 4.....	106
9.5	Situação 5.....	107

9.6	Situação 6.....	107
9.7	Situação 7.....	109
10	RODA DE CONVERSA REALIZADA NO DIA 28.11.2020.....	110
11	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	114
	REFERÊNCIAS.....	118
	ANEXOS A - TERMO DE ASSENTIMENTO.....	123

1 INTRODUÇÃO

A ideia de pesquisar sobre o Autismo emergiu de uma inquietação baseada em nossa experiência como professora de língua inglesa, em que tivemos alunos autistas, e nossas interações sociais com os chamados “neurodiversos”.

Segundo o conceito atual de “neurodiversidade”, este postula que condições como TEA (Transtorno do Espectro Autista) entre outras, não são “anormalidades”, mas sim, diferenças neurológicas a serem apresentadas, reconhecidas e respeitadas. Essas diferenças presentes em nossa sociedade devem ser vistas como uma das categorias sociais tal qual qualquer outra como: etnia, gênero, classe social. Muitos autistas são estigmatizados, vistos muitas vezes como pessoas esquisitas, com comportamentos “diferentes”.

Buscamos definições sobre estigma e sua consequência para podermos compreender suas peculiaridades e constatamos que, segundo Goffman, estigma é a situação do indivíduo que está inabilitado para aceitação social plena (GOFFMAN, 2004, P.4). O estigma social é definido como uma marca, um sinal que caracteriza seu portador como incompetente ou desvalorizado. Os gregos, que tinham bastante conhecimento de recursos visuais, criaram o termo estigma para se referirem a sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o status moral de quem os apresentava. Os sinais eram feitos com cortes ou fogo no corpo e avisavam que o portador era um escravo, um criminoso ou traidor, uma pessoa marcada, ritualmente poluída, que devia ser evitada; especialmente em lugares públicos. (GOFFMAN, 2004, p.5)

Dessa forma foi possível constatar o peso do vocábulo vinculado ao peso de não ser aceito, sofrer depreciação, discriminação e exclusão que essas pessoas que carregam estigmas sofrem socialmente. Goffman prossegue delineando sua teoria ao comparar o estigma a um sinal. Um sinal extremamente depreciativo e que é empregado para que indivíduos que fujam ou se diferenciem da norma padrão sejam naturalmente afastados do grupo dominante. Dessa forma, esses indivíduos uma vez rejeitados e excluídos não podem compor áreas específicas da sociedade.

Podemos elencar vários exemplos de estigmas a partir de uma perspectiva social, como já vimos, ao demonstrar que estigmas são utilizados para exclusão e discriminação. Sob esse aspecto sociológico, podemos perceber estigmas nas

seguintes situações: nas deficiências, sejam elas físicas ou relacionadas a comportamentos não convencionais, pobreza, opção sexual, gênero, nacionalidade, religião e raça.

Dentro dessa perspectiva, alguns sujeitos “diferentes” do que a sociedade considera e estipula dentro de um padrão “normal” são frequentemente excluídos. O sujeito que não segue esses padrões sociais é levado ao isolamento na e pela sociedade, o que somente colabora para que evitem e/ou abominem as interações sociais.

Por vivenciar, muitas vezes, situações em que suas falas são geralmente desqualificadas ou menosprezadas e colocadas a margem dos espaços sociais de conversação, sujeitos com TEA são comumente deixados de lado, excluídos e suas vozes são silenciadas por não conseguir, tantas vezes, agir como pessoas “normais” segundo as regras de conduta social.

Quando normais e estigmatizados realmente se encontram na presença imediata uns dos outros, especialmente quando tentam manter uma conversação, ocorre uma das cenas fundamentais da sociologia porque, em muitos casos, esses momentos serão aqueles em que ambos os lados enfrentarão diretamente as causas e efeitos do estigma. O indivíduo estigmatizado pode descobrir que se sente inseguro em relação à maneira como os normais o identificarão e o receberão. (GOFFMAN, 2004, p.15).

Goffman menciona como a insegurança dos indivíduos estigmatizados se estabelece diante das interações sociais com os ditos “normais”, pois não é possível pressupor a forma que esses irão identificar e receber o indivíduo estigmatizado. Bem como é comum que esses indivíduos sejam interpretados como uma expressão direta de seu atributo diferencial estigmatizado, (GOFFMAN, 2004, p.16). Em outras palavras, todos os seus comportamentos, dificuldades, emoções estão intimamente ligadas ao seu atributo diferencial estigmatizado, no caso de autistas, fazer parte do espectro seria o atributo.

Ocorre também que se uma pessoa de baixa capacidade intelectual tem algum tipo de problema, a dificuldade é mais ou menos automaticamente atribuída a um "defeito mental", enquanto que se uma outra de "inteligência normal" tem dificuldade semelhante, esta não, é considerada como sintoma de qualquer coisa particular." (GOFFMAN, 2004. p.16-17)

Ao perceber algumas situações em que pessoas são estigmatizadas, desacreditadas, expostas e têm suas vozes silenciadas dá-se início a nossa pesquisa.

Visto que ao fazermos pesquisas na linha de estudos críticos da linguagem, partimos do princípio que devemos dar voz às minorias e/ou grupos desfavorecidos. É importante ressaltarmos que, ao utilizarmos o termo “minoria”, este não faz referência a número, mas a grupos excluídos do poder sócio, econômico e político.

Como bem diz o artigo 19º da DUDH (Declaração Universal dos Direitos Humanos) **“todo o indivíduo tem direito** à liberdade de opinião e de expressão, o que implica o **direito** de não ser inquietado pelas suas opiniões e o de procurar, receber e difundir, sem consideração de fronteiras, informações e ideias por qualquer meio de expressão”. O direito à voz e à expressão de seus pensamentos é um direito básico do ser humano.

Foi nesse cenário de inquietação que conhecemos a Casa da Esperança, esse local tão bem conhecido e mencionado e que tinha o “poder” através de suas terapias inclusivas de trazer pertença e brilho nos olhos dessas pessoas. A “casa”, como eles a conhecem, tinha sido indicada como um local de referência onde sujeitos autistas se sentiam orgulhosos e libertos, ao descobrir seus diagnósticos e fazer parte do espectro. A nova perspectiva de descobrir e compreender características comuns a esses sujeitos trouxe-lhes o que ordinariamente chamamos de “empoderamento”. Reconhecer-se e fazer parte de um grupo com sujeitos com as mesmas características que até então não eram compreendidas faz toda diferença na vida dessas pessoas.

Também nos instiga investigar a fala das pessoas com o transtorno do Espectro Autista, partindo de interações e uma escuta atenciosa e empática, pautada nos princípios éticos. Dessa forma, buscamos produzir um estudo que poderá ser de grande relevância para o auxílio na compreensão dos processos interacionais e das relações sociais que esses sujeitos estabelecem.

1.1 Conhecendo a Casa da Esperança, onde tudo começa

A Casa da Esperança, instituição sem fins lucrativos, que funciona em um sítio em Fortaleza e, atende cerca de 450 pacientes com autismo, entre crianças, jovens e adultos, realiza diversos trabalhos terapêuticos, e é fruto do desafio da Dra. Fátima Dourado, médica psiquiatra, mãe de filhos autistas, que idealizou a criação de uma instituição que pudesse devolver e garantir os direitos de um tratamento decente,

uma escola, um caminho e uma esperança, *a priori* a seus filhos, mas que *a posteriori*, por sua atitude, resiliência e perseverança, seria garantida a cada sujeito autista que buscasse a instituição.

Ao longo dos anos, muitos outros pais de autistas, oriundos de diversas partes do Brasil e de outros países, procuraram a Casa da Esperança como fonte de uma possível libertação do cárcere privado que eram submetidos seus filhos, com relatos de tratamentos quase sempre desumanos, sem nenhuma perspectiva de melhora ou avanço significativo. (DOURADO, 2006)

Tais procuras resultaram na Casa da Esperança como hoje a conhecemos, entidade filantrópica, que possui atendimento, inclusive, credenciado pelo Sistema Único de Saúde (SUS), capaz de realizar procedimentos de média e alta complexidade, e que objetiva garantir o acompanhamento de pacientes com transtorno mental e autismo. (DOURADO, 2006).

No convívio com os autistas, pudemos perceber o quanto eles, em suas interações sociais e seus processos de comunicação, podem vir a nos surpreender no que tange o estigma previamente formado de que autistas não interagem socialmente. Bem como, *a priori*, em um curso (Novas Perspectivas na atenção integral a pessoa autista) em que fizemos parte e que fora realizado em julho de 2019 na Casa da Esperança, que este estigma da não interação não se aplica a todos os sujeitos autistas.

Essa inquietação nos fez chegar ao interesse de pesquisar sobre as estratégias de polidez linguística e a preservação das faces e descobrir se podemos generalizar cada sujeito autista e colocá-lo em uma categoria em que todos dessa categoria possuem comprometimento social desenvolvimentista, uma vez que não é estranha a concepção de dificuldades de comunicação e interação social que autistas têm dificuldade de comunicação e interação social. Tantas vezes os estigmatizamos a partir de padrões que são criados socialmente e por conta desses padrões deixamos de vê-los como indivíduos únicos. Após algumas leituras de como os autistas se relacionam com os outros, pudemos perceber que o padrão que foi construído socialmente sobre eles pode ser desconstruído. Foi então diante desse fato, que nosso interesse pela pesquisa cresceu ainda mais, conforme mencionamos, pois pudemos perceber que alguns autistas não somente se comunicam, como se utilizam de estratégias de polidez linguística, dependendo de algumas situações a que são

submetidos. Essas situações podem variar, mas, muitas vezes, se configuram a partir de momentos em que eles se sentem mais confortáveis, acolhidos e não se sentem invadidos em seus espaços.

Visando ter respostas mais assertivas sobre como se comunicam os autistas por meio de sua fala, se eles jogam com a linguagem e as faces que apresentam, se estes utilizam máscaras para demonstrarem uma auto percepção coerente à sociedade, foi o que pretendíamos investigar e que justifica o presente trabalho.

A partir de algumas das falas desses sujeitos frequentadores da “casa”, coletadas em lives de domínio público no *youtube*, foi possível observar essas gravações disponibilizadas virtualmente. Da mesma forma, pudemos lançar mão de teorias que nos deram suporte científico para a pesquisa que realizamos, como a Análise da Conversação, a Teoria da Polidez e a Teoria das faces. Todas essas teorias que mencionamos foram utilizadas como aporte teórico fundamental às conclusões empíricas.

A Análise da Conversação, um dos focos do nosso estudo, tem sido identificada como um dos domínios da linguística que junto a outros ditos interacionistas, tais como a Sociolinguística, a Pragmática, a Psicolinguística, a Semântica Enunciativa, a Linguística Textual, a Análise do Discurso, tem se estabelecido por estimular as relações da Linguística com outras áreas do saber e por procurar trabalhar a linguagem a partir de novas categorias como “ação”, “outro”, “prática”, “sociedade” e “cognição” (MORATO, 2004, p. 311-312).

Desse modo, consoante Teixeira (2011), mais do que um transbordamento teórico e metodológico para lidar com esse fenômeno transdisciplinar, nosso estudo necessita de uma postura ética. Postura essa que compreenda a importância do trabalho do linguista para a sociedade contemporânea e perceba, como cita Morato (2004, p. 312), que “toda ação humana procede da “interação”. Esse enunciado remete a um entendimento lógico: a existência de interação social até mesmo entre as pessoas diagnosticadas com TEA ou quaisquer outros transtornos.

Para falar de estratégias de polidez, escolhemos como padrão norteador o fenômeno da polidez linguística, que pode ser compreendida como o ato de alguém que se comporta com educação e gentileza em suas interações sociais. O termo, porém, utilizado como teoria pragmática, extrapola esse sentido e passa a ser visto

de maneira mais ampla, observando as normas estabelecidas através de práticas sociais aceitas, pelos interlocutores como adequadas, considerando os contextos sociais, culturais e políticos em que eles estão inseridos para, dessa forma, propiciar uma convivência harmoniosa.

Segundo Goffman (2012), todas as pessoas vivem em um mundo de encontros sociais, sejam face a face ou mediados por outras pessoas, nos quais elas tendem a desenvolver uma linha, ou seja, “um padrão de atos verbais e não verbais com o qual ela expressa sua opinião sobre a situação, e através disso sua avaliação sobre os participantes, especialmente ela própria” (GOFFMAN, 2012, p.13). Essa linha que “mantida por e para a pessoa durante o contato com o outro tende a ser de um tipo institucionalizado legítimo” (GOFFMAN, 2012, p.15).

Para Goffman, estar imerso em um ambiente social traz aos indivíduos que estão interagindo o uso de sua “face”, a sua autoimagem pública. Sendo a face um valor social positivo que uma pessoa reclama para si por meio da linha que os outros pensam que ela reproduziu durante a interação social. De acordo com Goffman, a face é “a imagem da pessoa delineada em termos de atributos sociais aprovados, ainda que se trate de uma imagem que os outros possam compartilhar, como quando uma pessoa enaltece a sua profissão, ou a sua religião, graças aos seus méritos.” (GOFFMAN, 1967, p.13)

Todas as interações sociais são mediadas por imagens sociais. Segundo Goffman essas interações consistem em uma relação estabelecida por uma sequência de encontros que possibilitam a constituição do papel social do indivíduo. Nas interações sociais, as faces dos sujeitos não são permanentemente determinadas; elas se constroem no decorrer das relações, podendo sofrer mudanças, adquirindo, assim, um caráter dinâmico. Diante de tudo isso, há questões norteadoras que buscamos respostas neste estudo: será que os autistas, ao interagirem, são capazes de realizar um trabalho com as faces? Se o são, eles usam estratégias de polidez linguística? Eles jogam com a linguagem?

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) vem sendo estudado em diversas áreas de pesquisa no Brasil e no mundo. A partir de uma inquietação sobre como os Autistas se comunicam em conversas ordinárias e como eles jogam com suas faces, pareceu-nos relevante refletir sobre a importância do desenvolvimento de atitudes linguísticas corteses, bem como demonstrar quais máximas conversacionais são mais

comuns em suas conversas informais. Tal reflexão se justifica pelo fato de que, devido ao advento de pesquisas nessa área, essas nos levam a reflexão sobre possíveis eventos que ocorram atos de ameaça a face (FTAs), *face threatening acts*, conforme a denominação original de Brown e Levinson (1987).

Entende-se como “Face”, segundo Goffman, a imagem pública que cada membro deseja reivindicar para si e proteger. A linha conceitual sobre face na teoria da polidez linguística de Brown e Levinson é universal. No entanto, os autores advertem que, em cada sociedade específica, a face está sujeita às especificidades culturais, o que torna possível modificar a intensificação ou suavização dos atos de ameaça à imagem, vinculados fundamentalmente aos conceitos que prevalecem no contexto de vida pessoal e social onde os fenômenos da polidez linguística ocorrem.

A polidez é uma forma de expressar a preocupação com o sentimento do outro. Essa preocupação pode ser demonstrada de diferentes formas, que podem ser linguísticas ou não-linguísticas. Na maioria das vezes, entendemos a Polidez como um comportamento formal, onde na interação entre falantes e ouvintes existe uma intenção de não invadir o território do outro ou impor valores pessoais. Ser um sujeito polido significa expressar respeito ao seu ouvinte, evitando ofendê-lo. (HOLMES, 1990)

Outra forma comum e usual de se voltar o olhar para a polidez é caracterizá-la como uma expressão da boa vontade ou uma camaradagem, assim como um comportamento familiar onde não existem intromissões e não se ultrapassam as barreiras da individualidade dos sujeitos. Brown e Levinson (1987) descreveram a polidez como uma preocupação com a “face” do outro.

Justificamos nossa pesquisa ao perceber que, apesar de pessoas com Transtorno do Espectro Autista serem diagnosticadas com certas dificuldades de socialização, comunicação e possuem comportamentos restritos, percebemos, através de suas conversas, que estes se comunicam, dependendo de sua vontade e da empatia com seus interlocutores, como qualquer pessoa não autista. Outro ponto relevante é o uso da sinceridade como forma de comunicar seus sentimentos e opiniões. Nossos estudos investigativos pretendem mostrar como essa comunicação se dá, e como ela fere os princípios da cortesia / polidez Linguística, bem como, quais máximas da conversação são usadas para que as faces sejam preservadas. Ao compreendermos o movimento de polidez linguística, bem como de suas estratégias,

utilizadas por autistas, estamos dando passos à frente para mostrarmos a necessidade de um mundo menos preconceituoso, menos hostil e mais cortês. Além de preencher algumas lacunas sobre os estudos de polidez, inicialmente desenvolvidos por Brown e Levinson (1987), em uma perspectiva mais teórica; meus estudos, pelo contrário, serão relevantes por evidenciarem que atualmente a polidez é vista como dimensão central na interação social, na comunicação, como também servirá de reflexão para entendermos como uma forma de conduta (ser sincero em excesso) pode se manifestar por meio de enunciados e se tornar um ato impolido sem intencionalidade.

Ao analisar as conversas e os processos de interação de pessoas com autismo em níveis diferenciados (leves e moderados), acreditamos que iremos contribuir para a compreensão da natureza da linguagem, proporcionando um material relevante para que profissionais das mais diversas áreas, possam entender melhor a linguagem dessas pessoas.

A análise da conversação e o processo interacional de pessoas com o espectro autista podem realizar significantes contribuições com os estudos de diferentes áreas, tais como: a psicologia, a psiquiatria, entre muitas outras, ao favorecer a compreensão da natureza da linguagem.

Para contribuirmos com os estudos da linguagem, a exemplo de Teixeira (2011), dentro do espectro autista propomos como objetivo geral nessa pesquisa:

Analisar se a polidez linguística e as estratégias de preservação de faces se apresentam em conversas de pessoas com o Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Constatar se as seis máximas de Leech (1983) - um dos principais estudiosos da polidez juntamente com Brown e Levinson - máxima do discernimento, máxima da generosidade, máxima da aprovação, máxima da modéstia, máxima da concordância, máxima da simpatia - são usadas por autistas.

Comparar como se estabelecem as estratégias de polidez e os jogos de faces baseados nas máximas conversacionais.

Verificar se as estratégias de polidez linguística (*on record* - estratégia de discurso mais direto e literal; *off record* – estratégia de discurso indireto, implícito); ou *bald on record* - estratégia direta, sem atenuação, são utilizadas por autistas e como essas acontecem em conversas ordinárias.

Temos como questão geral de nossa pesquisa a seguinte indagação: a polidez linguística, bem como o jogo com as faces, comum nas conversações tidas como cooperativas e centradas, por fazer uso das máximas conversacionais, se apresenta em conversas de autistas leves e moderados, sem comprometimento de fala?

A partir da questão geral e diante de todo aporte teórico e de outros trabalhos que nos debruçamos, surgiram outras questões que quisemos solucionar. São elas:

As seis máximas de Leech (1983) - máxima do discernimento/tato, máxima da generosidade, máxima da aprovação, máxima da modéstia, máxima da concordância, máxima da simpatia - são usadas por autistas?

De que maneira as estratégias de polidez e os jogos de faces, permeiam a conversa de autistas?

Até que ponto jovens e adultos com TEA manipulam sua linguagem para alcançar propósitos comunicativos e sociais?

2 NOVO PERCURSO NOS ESTUDOS DA LINGUAGEM

“A linguística é o estudo científico da linguagem humana” (Martinet, 1978). Diante dessa observação de Martinet, podemos pressupor que todos os aspectos da linguagem humana devem ser estudados e justificados pela ciência linguística. Dentro da linguística tradicional, o Estruturalismo, concebido por Saussure, percorre uma trajetória voltada a entender a língua por ela mesma, disassociando-a da fala, isto é, do uso. Como bem menciona Fiorin (2008), a linguística passou a ter como foco a função que os elementos linguísticos exerciam no sistema. Podemos dizer que dessa forma os elementos linguísticos só adquirem valor quando estão em relação com o todo seguindo uma organização interna. Martelotta (2008, p.114) resume bem como a língua deve ser considerada, “como uma estrutura, uma organização que segue leis internas, estabelecidas dentro do próprio sistema”.

Com o Funcionalismo, a linguística passa a dar importância à participação do falante na construção dos discursos, na perspectiva de investigar os recursos que esse faz uso nessas construções.

2.1 Os Estudos Linguísticos

A linguística tradicional ao se distanciar dos sujeitos e de suas práticas sociais atribuiu às questões sociais um plano secundário. Como assevera Rajacopalan (2010) a respeito dessa distância “relegou as questões sociais atravessadas pela linguagem a um plano secundário” (LOPES, 2006, p. 34). A Linguística Aplicada caminha por trilhas distintas, ao objetivar buscar soluções para os problemas da língua em seu uso ao mesmo tempo em que dá voz a seus sujeitos. Moita Lopes (2006, p. 21) afirma que,

“[...] é inadequado construir teorias sem considerar as vozes daqueles que vivem as práticas sociais que queremos estudar; mesmo porque, no mundo de contingências e de mudanças velozes em que vivemos, a prática está adiante da teoria [...]” (MOITA LOPES, 2006, p. 31).

Essa concepção, no entanto, tem sido confrontada, nos últimos tempos, por perspectivas contrárias. Referimo-nos aos estudos da linguagem que têm se aproximado, cada vez mais, de relações disciplinares transfronteiriças, capazes,

inclusive, de apontar para a impossibilidade de compreender essa linguagem autonomamente e de influenciar uma virada linguístico-cultural. (LOPES, 2006).

Mostraremos nesse capítulo os caminhos percorridos pelos estudos pragmáticos. Retornaremos à prévia concepção representacionista da linguagem para, em seguida, nos posicionar por outra vertente, a saber, a Nova Pragmática, evidenciando, assim, a filiação desta pesquisa à concepção da linguagem como ação, como prática social, imbricada a elementos históricos, culturais, políticos.

2.2 O Percurso da Pragmática Linguística

Ludwig Wittgenstein (1889-1951), um dos mais renomados filósofos do século XX, é reconhecido como o principal responsável pelo movimento que colocou a linguagem no centro da reflexão filosófica, conhecido como “virada linguística”. A partir desse ponto a linguagem deixava de figurar apenas como um instrumento para nomear as coisas ou transmitir pensamento.

Wittgenstein apresenta-se em duas fases onde seu pensamento e suas colocações apresentam-se bem distintas. Em sua primeira fase escreve o *Tractatus Logico-Philosophicus*, no qual pretendia desnudar a linguagem em sua essência, e assim romper com a tradicional visão filosófica que focalizava sua importância somente na função designativa da linguagem e pouco conferia notoriedade entre as palavras e as coisas no mundo. Ele verificou que as palavras não tinham a mesma representação em todas as situações, visto que a linguagem era uma atividade humana situada cultural e historicamente. Diante dessa afirmação, podemos comprovar que a linguagem não é algo morto no qual uma palavra representa algo e é usada somente para designar objetos. Nessa perspectiva, Wittgenstein constata que a origem da problemática na filosofia da linguagem advém de Platão ao interpretar todas as palavras como nomes próprios, e que cada nome próprio tinha um objeto correspondente. Wittgenstein questiona essa concepção e rompe com a visão da filosofia no qual cada objeto tem um nome invariável independente do contexto de fala.

Wittgenstein afirma que o homem ao construir sua relação com o mundo tem esse vínculo disseminado pela linguagem em suas copiosas formas. Daí a afirmação de que “os limites da minha linguagem significam os limites de meu mundo.”

A linguagem sempre será norteadada pela quantidade de objetos que podemos nomear. É possível somente compreendermos algo que é nominado e possui uma referência no mundo. Nominamos e fazemos referência somente ao que nos é conhecido, e isso depende de nosso conhecimento de mundo, de nossas experiências de vida. Podemos dizer que nossos limites são a quantidade de objetos nomeados que fazem parte de nosso mundo.

Após o *Tractatus*, ele publica o artigo "Some Remarks on Logical Form" como uma tentativa de reparar alguns dos problemas que ele antecipadamente conseguia visualizar em relação ao *Tractatus*. Mas é somente em *Philosophische Untersuchungen* (Investigações Filosóficas), publicado em 1953, que Wittgenstein vem afirmar que não há essência a ser descoberta, levando toda a empreitada anterior, o *Tractatus*, a ser vista como fracasso e criticando a si mesmo por suas prévias observações.

Há quatro anos tive ocasião de voltar a ler o meu primeiro livro (o *Tratado Lógico-Filosófico*) e de explicar as suas teses. De súbito, pareceu-me então que devia publicar conjuntamente a minha velha com a minha nova maneira de pensar: que esta [IF] só podia ser verdadeiramente iluminada pelo contraste e contra o campo de fundo daquela [TLP] (WITTGENSTEIN, 2002b, p. 166).

Em sua segunda fase, conhecido por o “segundo Wittgenstein”, ele defende que a linguagem não é um todo homogêneo, mas um aglomerado de linguagens.

2.2.1 Os Jogos de Linguagem

A partir desse pressuposto, Wittgenstein traça uma similaridade entre a noção de linguagem e a noção de jogo. Ele chama atenção para a perspectiva de que existem muitos tipos de jogos; como jogos de cartas, jogos de tabuleiro, jogos onde uma competição esportiva se configura e que todos esses jogos possuem semelhanças, e também diferenças, mas todos esses possuem regras claras. Ao ser comparada com um jogo e diante dessa perspectiva, a linguagem assume duas características: a de ser autônoma e a de ser delimitada por regras. Essas regras, nesse contexto, baseadas em um “jogo” têm seu alicerce em “formas de vida” uma vez que são atividades cotidianas que os seres humanos praticam. Para Wittgenstein,

a partir de Investigações Filosóficas, a linguagem passa a ser classificada como parte integrante da vida cotidiana dos seres humanos, como dormir, comer, trabalhar e não como a filosofia argumentava a priori.

Quando os filósofos usam uma palavra – “saber”, “ser”, “objeto”, “eu”, “proposição”, “nome” – e procuram apreender a *essência* da coisa, deve-se sempre perguntar: essa palavra é usada de fato desse modo na língua em que ela existe? Nós reconduzimos as palavras do seu emprego metafísico para seu emprego cotidiano. (PU §116)

Wittgenstein vem confrontar o pensamento filosófico que busca o sentido metafísico das palavras, que previamente eram para transmitir pensamentos e designar objetos. Mas palavras de uso contínuo no cotidiano das pessoas não tinham relevância para a filosofia, visto que não fazia parte da *díade* já denominada.

Diante de sua própria observação, Wittgenstein questiona o equívoco do pensamento filosófico, que em sua inquietude busca explicações lógicas para todos os fatos. A partir dessa constatação, ele conclui que o pensamento filosófico conduz a “castelos de areia” (PU §118).

Sua fragilidade em não esclarecer formas de uso da linguagem em contextos reais de fala trouxe a Wittgenstein essa inquietação. Daí sua forte contribuição na proposição da virada linguístico-performativa.

Essas formas de vida estão diretamente ligadas ao modo de viver a partir de um aspecto sócio-cultural em que o ser humano está inserido. A partir de 1932, quando Wittgenstein estende a analogia do jogo à linguagem como um todo, e não somente a sistemas axiomáticos, surge com a proposição o termo “jogo de linguagem”. A princípio Wittgenstein pensou os jogos de linguagem como um “cálculo matemático”, de uma forma lógica no qual sua função mais importante seria evidenciar as diversas similaridades entre o jogo e a linguagem. Partindo do pressuposto de que a linguagem também possui regras para sua formação, regras gramaticais que devem ser respeitadas e estabelecidas. Wittgenstein atesta a ideia de que o significado das palavras não está relacionado ao objeto que a sucede, mas que esse significado é determinado por regras, e essas regras orientam o funcionamento da linguagem como um todo. Ele afirma que o ser humano aprende as palavras ao usá-las, assim como em um jogo, como o jogo de xadrez que aprendemos a jogar ao utilizar as peças. Por outro lado, se tirarmos a peça do interior do jogo, ela não teria mais o mesmo uso, o mesmo significado. “Assim como no caso dos jogos, os lances possíveis dependem

da situação (posição no tabuleiro), e, para cada lance, certas reações serão inteligíveis, ao passo que outras serão rejeitadas” (GLOCK, 1998, p.226) Da mesma forma, a linguagem é concebida na perspectiva de um jogo, onde algumas situações são possíveis, enquanto outras não o são. Os significados das palavras situam-se dentro do aspecto de um jogo, onde seus participantes fazem uso dessas palavras da forma que os convém, mas norteados por regras sócio-culturais.

O que Wittgenstein quis demonstrar foi que participamos a todo instante em situações diversas de diferentes “jogos de linguagem”. Segundo (WITTGENSTEIN, 2000), os Jogos de linguagem “fazem parte” de uma forma de vida, estão envoltos por ela. E esses jogos ao longo do tempo também podem sofrer modificações, pois a humanidade está em constante evolução e mudança, e então novos jogos se estabelecem, dependendo das novas necessidades da comunidade linguística, mas sempre estarão presentes. Nossos jogos de linguagem são partes fundantes de nossa forma de vida, “as práticas gerais de uma comunidade lingüística” (GLOCK, 1998, p. 229).

Por meio de suas descobertas Wittgenstein inaugura uma nova perspectiva sobre como a linguagem a partir de seus pensamentos pode ser revisitada por filósofos e linguistas. Os estudos linguísticos no campo pragmático avançaram significativamente com suas descobertas, que posteriormente vieram fortalecer as discussões propostas por Austin.

2.2.2 Austin e os Atos de Fala

Com suas discussões sobre a linguagem e os jogos de linguagem, Wittgenstein quando afirmou que o significado emergia das situações em contextos interacionais, contribuiu fortemente para reforçar argumentos posteriormente propostos por outro filósofo analítico, o inglês, John Langshaw Austin. Austin vivencia um período histórico decisivo para a linguística em termos gerais. Nos Estados Unidos com Noam Chomsky e os estudos sobre sintaxe, na França Emile Benveniste, com os estudos semânticos, bem como Michel Foucault e Jacques Derrida, Strawson, Ryle e Hare que também se debruçavam em estudos sobre a linguagem. Austin interessava-se pela linguagem ordinária, real, cotidiana, diferentemente de Chomsky, como assevera Ottoni (1998),

Atitude inversa à de Noam Chomsky que, para elaborar a sua "sintaxe", os seus "universais lingüísticos", procurou sustentação teórica na Lógica, na Gramática de Port-Royal. Esta Gramática, pode-se dizer, produz uma explicação racional do fenômeno lingüístico e dos princípios universais, relacionando de modo definitivo a linguagem humana à lógica. (OTTONI, 1998. p.12)

Austin queria se distanciar da lógica filosófica, da linguagem ideal, o que para os filósofos era o maior problema da linguagem. Palavras não possuem conceitos precisos e podem significar diferentes coisas em diferentes contextos. O que Wittgenstein anteriormente já havia dito. O grande empreendimento de Austin se deu ao ter publicada sua obra "How to do things with words" que foi fruto de suas palestras em Harvard. A partir de suas pesquisas uma nova visão sobre a linguagem é inaugurada.

A linguagem até então era percebida a partir de atos constataivos, isso significava que enunciados apenas constatavam ou descreviam um estado de coisas no mundo. Com a influência de Wittgenstein, e sua proposta sobre jogos de linguagem, em que situações onde a linguagem era orientada por regras a depender das convenções sociais, Austin sugere uma nova forma de conceber a linguagem. Ele propõe os atos performativos. A palavra deriva da língua inglesa, da palavra "performance", que significa "execução, atuação". Dessa forma, Austin concluiu que existem enunciados que indicam, fazem parte de uma ação, assim como a palavra "performance" sugere. Ao contrário dos atos constataivos, que serviam para descrever estados das coisas. Austin justifica que esses atos ao ser proferidos realizam uma ação no mundo. Se observarmos as situações abaixo, poderemos ter clara a proposta de Austin. A partir de três enunciados distintos, temos três situações distintas, bem como 3 ações também distintas, vejamos:

Eu os declaro marido e mulher! (Um sacerdote ao realizar uma cerimônia de matrimônio)

Bruno, em nome da lei você está preso! (Um policial ao prender um criminoso)

Eu o declaro inocente! (Um juiz absolvendo um réu de um crime que ele provavelmente não cometeu)

Se analisarmos cada uma das situações separadamente, veremos que na primeira situação, o casal provavelmente após a benção do sacerdote foi receber os cumprimentos dos convidados na certeza que já estavam formalmente casados. Na

segunda situação, o rapaz que fora preso ao cometer um delito seguramente deve ter ido para uma delegacia prestar depoimento, pois compreendemos que o policial tem a autoridade para realizar o ato de prendê-lo. Na terceira situação, naturalmente o réu, *a priori* acusado, se dirigiu para fora dos tribunais, sentindo a liberdade de sua inocência concedida por uma autoridade capaz de concedê-la. Através desses exemplos, podemos constatar claramente a teoria dos atos performativos de Austin que se cumpre nesses enunciados.

Com seu enunciado, “todo dizer é um fazer” que se concretiza nos exemplos elencados acima, Austin inaugura uma nova fase para os estudos linguísticos. Ottoni (1998) descreve bem essa nova fase,

Este salto, que desfaz a distinção entre *performativo-constativo* produz uma visão de linguagem que não é mais idêntica à utilizada na distinção anterior entre o *performativo* e o *constativo*. Esta visão produz, como já foi dito, uma virada brutal na questão da referência; ou seja, *verdade* e *falsidade* são conceitos que não terão mais um papel relevante nem prioritário para Austin. A partir deste momento podemos falar de uma visão performativa, na qual o sujeito não pode se desvincular de seu objeto fala e, conseqüentemente, não é possível analisar este objeto fala desvinculado do sujeito. A partir deste momento pode-se falar de uma "visão performativa" que pressupõe necessariamente uma nova concepção, uma nova abordagem da linguagem humana, onde o sujeito não pode se desvincular de seu objeto fala e, conseqüentemente, onde não é possível analisar este objeto fala desvinculado do sujeito. (OTTONI, 2002).

Austin, a partir da constatação dos performativos, abandona a dicotomia entre atos performativos e atos constatativos e adota sua teoria que foi denominada “teoria dos atos de fala”. Adiante percebeu que ainda existia uma bifurcação entre esses atos, o que ele denominou de atos de fala diretos e indiretos, ao perceber que “as enunciações podem ser performativas sem estarem na forma normal das performativas explícitas” (LEVINSON, 2007, p. 296). Essa classificação será abordada (revista) por Searle (1981 [1969], 2002 [1979]).

Austin corrobora através de sua teoria sobre os atos performativos para a instituição da concepção de três diferentes atos:

- Atos locucionários, que são atos de dizer/afirmar algo.
- Atos ilocucionários demonstram a força exercida pelo ato de dizer algo.
- Atos perlocucionários dizem respeito ao efeito do dizer algo sobre o interlocutor.

A partir de sua teoria a respeito dos atos de fala motivada pela teoria de Jogos de linguagem de Wittgenstein, Austin inaugura uma nova fase para os estudos linguísticos-pragmáticos e dessa forma é um dos grandes motivadores para que a conhecida virada linguístico-performativa acontecesse.

2.3 O Percurso dos Estudos Pragmáticos

O aspecto pragmático da linguagem concerne às características de sua utilização (motivações psicológicas dos falantes, reações dos interlocutores, tipos socializados da fala, objeto da fala, etc.) por oposição ao aspecto sintático (propriedades formais das construções linguísticas) e semântico (relação entre as unidades linguísticas e o mundo) (DUBOIS, 2006, p.480).

2.3.1 Da Pragmática à Nova Pragmática

Segundo Armengaud (2006), a pragmática começa a dar seus primeiros sinais de existência tendo como base a fundação da semiótica, que parte da perspectiva Pierciana de que “o homem pensa por signos”. É a partir das concepções do filósofo lógico matemático Charles Pierce (1839-1914) que os estudos semióticos, que tem como objetivo a análise da ação e a atividades dos signos, foram delimitados. A essas ações e atividades do signo, Pierce chamou de semiose. Ainda segundo Armengaud, Pierce é aquele que fez da vida dos signos e da troca dos signos o ambiente vital do espírito e fez da semiótica o continente da linguística.

A partir dele, a linguagem será compreendida sob o paradigma da comunicabilidade e o sentido será função do uso. (ARMENGAUD, 2006, p. 27-28).

Nos postulados de Levinson (2007), o uso moderno do termo pragmática é atribuído ao filósofo Charles Morris (1983) que a princípio desejava delinear um perfil para a ciência dos signos, a semiótica. Dentro de sua perspectiva do estudo dos signos, Morris apresenta a concepção tripartite de diferentes áreas de investigação: a sintaxe, a semântica e a pragmática.

Nesse sentido, Morris definiu a sintaxe como o estudo das relações formais entre os signos. A semântica, como o estudo das relações dos signos com os objetos

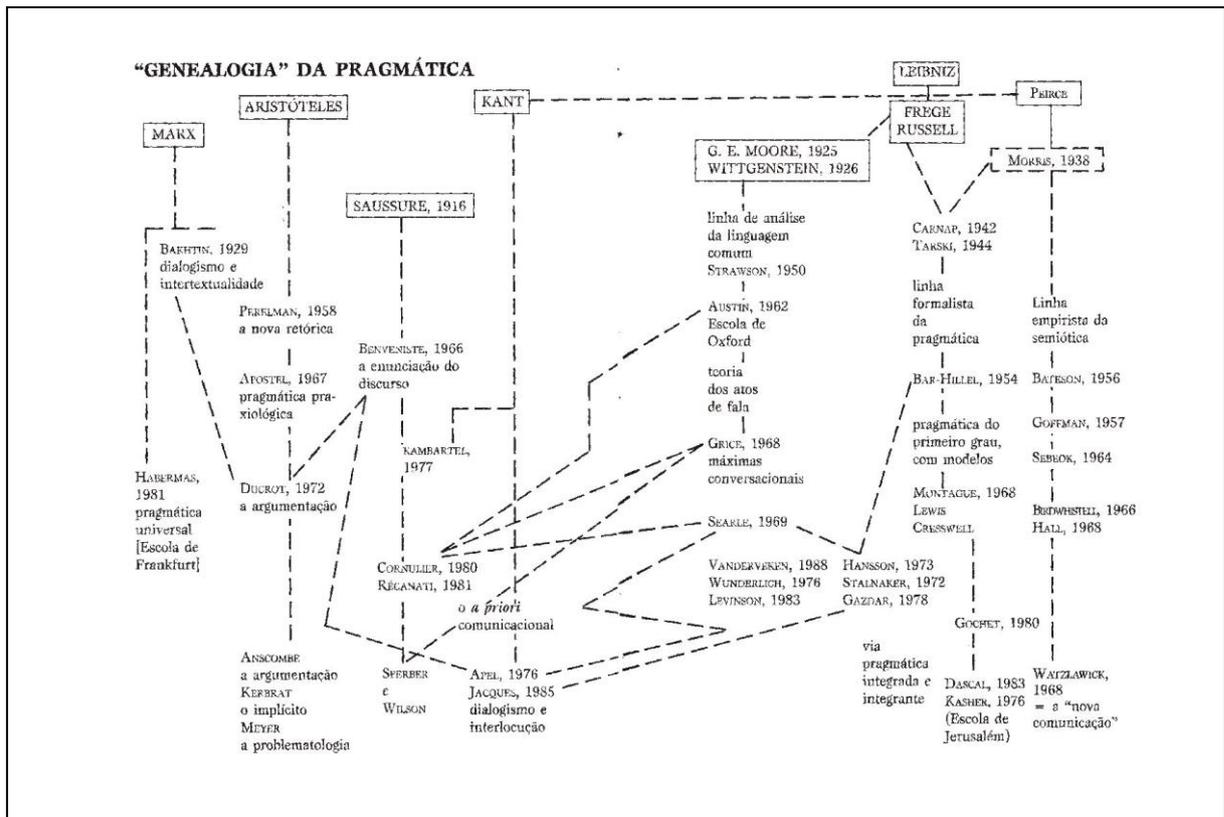
aos quais esses signos são aplicáveis. E a pragmática como o estudo das relações dos signos com os intérpretes/interlocutores.

Segundo Fiorin (2005), a pragmática se caracteriza pelo estudo da linguagem em uso. “É a ciência do uso linguístico, estuda as condições que governam a utilização da linguagem, a prática linguística.” (FIORIN, 2005, p. 161).

O pensamento de Fiorin nos remete ao pensamento de Peirce que versava sobre linguagem e uso. Dessa forma, podemos perceber que Peirce já havia pensado a pragmática, como essa ciência que estuda a linguagem em uso.

A seguir demonstramos um quadro apresentado por Armengaud (2006) com a genealogia da pragmática e sua trajetória até Levinson (1983). É interessante percebermos que a mesma pragmática deriva de várias correntes teóricas, às vezes tomam posição de forma imbricada, outras vezes tomam diferentes direções.

Quadro 1 - “Genealogia” da pragmática



Fonte: Armengaud, (2006, p. 150-151).

Partindo da linha vertical que identificamos e iremos seguir para nossa discussão, a pragmática apresenta seu início com Moore (1925) e Wittgenstein (1926) e finaliza com Levinson (1983). Porém, ao fazermos uma análise mais detalhada

podemos perceber que sua linha vertical, a mesma que nos conduz à pragmática atual, dialoga com outras linhas verticais. Essas outras linhas se apresentam compostas por Bar-Hillel (1954) e Carnap (1942) que contribuíram relevantemente ao apresentar preliminarmente a pragmática, e Staknaker (1972), que propôs a concepção de uma pragmática formal.

Com Morris (1976) posteriormente, é concebida uma vertente que tem o intérprete, formulado por Pierce, como usuário do signo. Ele concebe o usuário que faz uso da linguagem, bem como a forma na qual faz esse uso, como centro de suas análises. Os postulados de Pierce da mesma forma influenciaram a pragmática, e foi somente a partir desse ponto que o interlocutor é configurado a partir da concepção Pierciana de usuário. Segundo Espíndola (2010), teremos a seguir a pragmática conversacional com Grice (1968), a pragmática ilocucional com Austin (1962) e Searle (1969) e a semântica da enunciação com Ducrot (1972) e Vogt (1980).

Podemos perceber em nossas pesquisas, que essa discussão poderá nos levar a diversos caminhos, por isso decidimos pelo pouco tempo que dispomos para discussão, delimitar nosso fio condutor a partir de Wittgenstein (1926), seguido de Austin (1962), Grice (1968), Searle (1969), Levinson (1983) e Rajagopalan (2014) com a nova pragmática. Nas sessões anteriores, discutimos sobre as influências de Wittgenstein a partir de sua teoria sobre jogos de linguagem e Austin e Searle com a teoria dos atos de fala sob a pragmática.

Segundo Charandeau e Maingueneau (2004), em seu Dicionário de Análise do discurso, a pragmática pode ser definida a partir de três concepções; como subdisciplina da linguística, como uma certa corrente de estudo do discurso e por último, como certa concepção da linguagem. (p.393). Para Charandeau e Maingueneau (2004), a pragmática se desenvolveu a partir dos estudos de Austin a respeito dos “atos de fala”, mais precisamente os atos ilocucionários, a concepção de Grice sobre implícitos e máximas conversacionais e as pesquisas sobre enunciação linguística, realizadas sobretudo por Benveniste. Discutiremos a seguir tomando como base os pressupostos de Grice (1968), Levinson (1983) e Rajagopalan (2014).

Grice, em suas pesquisas, deparou-se com a possibilidade de um enunciado poder comunicar mais do que somente o que o seu sentido literal aponta. A partir dessa percepção e de sua observação sobre a violação dos princípios que regem as conversações, propôs a teoria das implicaturas conversacionais, implícitos,

inferências contextuais. A priori Grice não se utilizou do termo “implícito”, mas a partir de sua descrição das regras que regem as conversações podemos inferir que ele já postulava a ideia.

Grice, ao propor as regras que norteiam as conversações pressupõe que todos os participantes das interações fazem esforços cooperativos, em algum ponto da interação. Se esses esforços não ocorrerem, a comunicação também não ocorrerá. A partir desse pressuposto, Grice dá origem ao princípio da Cooperação, que é concebido como o princípio geral da conversação. Ao demonstrar esse princípio Grice também nos apresenta quatro categorias, que contêm máximas e submáximas. A saber: categoria de quantidade, categoria de qualidade, categoria de modo e categoria de relação.

- A categoria de QUANTIDADE se relaciona com a quantidade de informação a ser fornecida, e sob ela estão as seguintes máximas:

1. Faça sua contribuição tão informativa quanto for necessário (para os propósitos atuais da troca).

2. Não faça sua contribuição mais informativa do que seja necessário.

- Na categoria da QUALIDADE, há uma supermáxima: "Tente fazer com que sua contribuição seja verdadeira" e mais duas máximas específicas:

1. Não diga o que você acredita ser falso.

2. Não diga alguma coisa para a qual você não tem evidências adequadas.

- Na categoria da RELEVÂNCIA, há uma única máxima, a saber: "Seja relevante".

- Na categoria do MODO, se refere a como o que é dito deve ser dito, inclui-se a supermáxima 'Seja perspicaz' e 4 máximas como:

1. Evite a obscuridade da expressão.

2. Evite ambigüidade.

3. Seja breve (evite a prolixidade desnecessária).

4. Seja metódico.

Grice, ao postular as quatro categorias com suas máximas e submáximas e o princípio da cooperação, pensou em todas essas regras para que os interlocutores ao observá-las tivessem interações sociais bem sucedidas. Grice posteriormente percebeu que, mesmo com a quebra de uma das máximas conversacionais, interlocutores conseguem tanto expressar o significado pretendido como

compreender além do que está sendo dito explicitamente em estruturas linguístico-discursivas. A partir dessa percepção, Grice busca esclarecer como os significados e os efeitos de sentido são alcançados em enunciados realizados implicitamente.

A partir do termo implicatura, Grice organiza toda a sua explicação sobre o dito - a proposição em seu valor semântico, por ele chamado de convencional ou literal, e o implicado - o significado que foge da determinação por Condições-de-Verdade, sendo derivado a partir do contexto da conversação e apreendido pelos receptores por meio de um raciocínio lógico (humano) e objetivo. Ele também apresenta uma maneira de abordar os significados implícitos, encontrados nos diálogos de pessoas engajadas em uma conversação, oferecendo, com isso, uma alternativa ao modelo de código, ao descrever a comunicação através do cálculo das intenções do falante, processo esse realizado pelo ouvinte, através da inferência. (SILVEIRA, 2007, p. 36).

Grice (1982) para fundamentar e exemplificar sua teoria sobre as implicaturas faz uso de suas análises a partir do diálogo a seguir:

Suponha que (A) e (B) estejam conversando sobre um amigo comum (C) que está atualmente trabalhando num banco. (A) pergunta para (B) como (C) está se dando em seu novo emprego, e (B) retruca: "Oh! Muito bem, eu acho; ele gosta de seus colegas e ainda não foi preso. Neste ponto (A) deve procurar o que (B) estava implicando, o que ele estava sugerindo, ou até mesmo o que ele quis dizer ao dizer que (C) ainda não tinha sido preso. (GRICE, 1982, p.84).

Grice busca demonstrar através desse exemplo como a estrutura das implicaturas se articula. Entendemos que, ao compreendermos como a articulação das estruturas acontece, possivelmente compreenderemos o que está sendo insinuado, sugerido, indicado. Compreender o que está implícito é uma forma de não comprometer a conversação. A compreensão de implícitos pode exigir de ambos os interlocutores conhecimento extralinguístico, conhecimento sobre regras sociais, fatos sócio-históricos e outras circunstâncias que permeiam os discursos, assim como as diversas possibilidades de interpretação dos enunciados, os diferentes pontos de vista, bem como a intenção do falante. Charaudeau (2009), em sua afirmação a seguir, esclarece o que buscamos demonstrar sobre a compreensão dos implícitos e sua dependência de várias circunstâncias do discurso:

A finalidade do ato da linguagem (tanto para o sujeito enunciador quanto para o sujeito interpretante) não deve ser buscada apenas em sua configuração verbal, mas, no jogo que um dado sujeito vai estabelecer entre esta e seu sentido implícito. Tal jogo depende da relação dos protagonistas entre si e da relação dos mesmos com as circunstâncias de discurso que os reúnem. Charaudeau (2009, p.24).

Dessa forma a compreensão do implícito depende de várias circunstâncias que estão situadas além do que explicitamente é dito.

Segundo Oliveira; Basso (2014), Grice (1982), a partir das análises do emprego das máximas pelos interlocutores formula sua teoria sobre implicaturas, sugerindo uma dicotomia entre implicaturas convencionais, que estão associadas a aspectos lexicais e implicaturas conversacionais, que apresentam quatro características específicas. A saber: cancelabilidade, a inseparabilidade do conteúdo, a não convencionalidade, e a indeterminabilidade. As implicaturas conversacionais são divididas em particularizadas e generalizadas.

Não iremos nos aprofundar nesses conceitos, buscamos apenas demonstrá-los superficialmente para que conceitos basilares essenciais da teoria das máximas e implicaturas de Grice (1982) fossem abordados em nossa pesquisa. Visto que são de extrema importância para os estudos pragmáticos e conseqüentemente nortearam os estudos que fundamentam nossa pesquisa.

Posteriormente Levinson (2000) critica a teoria das implicaturas de Grice:

Para o teórico, uma teoria da comunicação deveria considerar três níveis de significado, e não apenas dois, conforme fez Grice. Além do significado semântico da sentença ou sentence type-meaning e do enunciado ou utterance token-meaning, Levinson (2000) sustenta que há um outro tipo de significado, em um nível intermediário, de acordo com interpretações default, que é a interpretação preferida, chamada de utterance typemeaning. (SILVEIRA, 2007, p. 57).

De acordo com Levinson (2000), a interpretação dos enunciados deve também circunscrever uma terceira forma de interpretação a que ele denominou “interpretação preferida”, que não se localiza nem a nível semântico nem a nível pragmático. Ao interpretarmos enunciados, as inferências são efetivadas por meio de dois tipos de contextos, o contexto particular e o contexto geral. Ao criticar a teoria das implicaturas de Grice e demonstrar uma nova forma de interpretação de enunciados, Levinson (2000) arquiteta sua teoria, na qual é formada por três categorias representadas por heurísticas, que segundo ele são suficientes para

descrever o que ele denominou “implicaturas conversacionais generalizadas”. Cada heurística questiona uma máxima postulada por Grice.

- Heurística 1 (Máxima de quantidade) O que não é dito, não é
- Heurística 2 (Máxima de qualidade) O que é simplesmente descrito, é estereotipadamente exemplificado
- Heurística 3 (Máxima de modo) O que é dito de maneira anormal, não é normal

Posteriormente, o próprio Levinson percebeu que sua teoria possuía inconsistências. Entrementes, Levinson busca demonstrar que sua teoria das implicaturas conversacionais generalizadas opera sobre condições de verdade propostas pela semântica e que essa semântica que depende das condições de verdade também é dependente, mas dessa vez, da pragmática.

Voltemos a nossa discussão sobre a pragmática de onde partimos do pressuposto de que essa ciência, segundo Marcondes (2005) é sustentada na concepção de uso e contexto. Como podemos ver:

A pragmática, por sua vez, diz respeito à linguagem em uso, em diferentes contextos, tal como utilizada por seus usuários para a comunicação. É, portanto, o domínio da variação e da heterogeneidade, devido à diversidade do uso e à multiplicidade de contextos. [...] Na verdade, a pragmática consiste na nossa experiência concreta da linguagem, nos fenômenos linguísticos com que efetivamente lidamos. (MARCONDES, 2005, p. 10).

Para Levinson (1989), o conceito de pragmática diz respeito ao estudo das relações entre língua e contexto. Partindo do pressuposto da importância do contexto, as definições de Levinson e Marcondes dialogam entre si. Levinson por sua vez não pára em uma só definição, mas se utiliza de várias definições para pragmática. A saber,

“Pragmática é o estudo das relações entre língua e contexto que são gramaticalizadas ou codificadas na estrutura de uma língua.” (LEVINSON, 1989.p.8); “Pragmática é o estudo de todos os aspectos do significado não contemplados em uma teoria semântica” (id, p.10);“A pragmática tem como tema principal aqueles aspectos do significado dos enunciados que não podem ser explicados mediante uma referência direta das condições de verdade das orações enunciadas. Sem rodeios: PRAGMÁTICA = SIGNIFICADO = CONDIÇÕES DE VERDADE. (id, p.11);“Pragmática é o estudo das relações entre a língua e o contexto que são básicas para uma descrição da compreensão da linguagem”. (id, p.18);“A pragmática é o estudo da capacidade dos usuários da língua de combinar orações e contextos apropriados”..(id, p.21);“A pragmática é o estudo da deixis (ao menos em

parte), a implicatura, a pressuposição, os atos de fala, e vários aspectos da estrutura do discurso". (id, p.23)

Percebemos que Levinson (1989) não chega a uma definição e um conceito único do que é pragmática, mas demonstra segundo todos esses conceitos que a pragmática circunscreve aspectos linguísticos de ordem: estrutural, semântico, contextual, referencial e do discurso.

Voltamos a esteira de uma não definição a respeito do que realmente e essencialmente é a pragmática. Pareceu que a mesma problemática, perdura em sua trajetória desde o princípio. Em seu artigo "os caminhos da Pragmática do Brasil", Rajagopalan nos apresenta sua dificuldade para investigar pesquisas no Brasil que tenham relação com a pragmática por conta da dificuldade existente em chegarmos a uma definição do que realmente é pragmática. Acreditamos que, por esse mesmo motivo, Rajagopalan em outra obra, menciona a possível existência não somente de uma pragmática específica, mas de "pragmáticas", no plural. Rajagopalan (1999):

Ao apresentar um volume de artigos dedicados à pragmática, publicado em 1983, Vogt (1983: 7) já avisava: "Hoje a pragmática são muitas coisas, sem ser nenhuma em especial". Passadas uma década e meia, a situação permanece inalterada, como bem evidencia a afirmação feita pelo presente autor no texto de apresentação ao número 30 dos *Cadernos de Estudos Lingüísticos* da Unicamp, dedicado à pragmática: "A pragmática ainda é vista por muitos estudiosos, não sem razão, como um verdadeiro saco de gatos" (Rajagopalan, 1996: 6), ou ainda, "O interesse da pragmática, para mim, sempre foi a inexistência da disciplina propriamente dita - na verdade, parece muito mais sensato falar em pragmáticas, no plural". (RAJAGOPALAN, 1999).

Rajagopalan (2010), com a publicação de seu livro *A Nova Pragmática: Fases*, concebida no seio da Linguística Aplicada, crítica e que tem como foco principal a linguagem e as questões sociais. Nesse contexto ganha força e busca sua emancipação se distanciando e, ao mesmo tempo, ressurgindo distinta da Semântica. Visto que a semântica não soluciona problemas oriundos dos usos linguísticos, pois estuda exclusivamente o significado dos signos linguísticos, seu modo de relação com os objetos que designam, e a verdade das sentenças em que os signos estão incluídos. Dessa forma, faz abstração de variações de uso específicas e considera o significado dos termos independente dos usos. (MARCONDES, 2002, p.9-10).

Rajagopalan, por sua vez, com a nova pragmática, busca não somente uma emancipação da semântica, mas também um redescobrimto, uma releitura

austiniana dos atos de fala de Austin, sem as intervenções logicistas e formalistas de Searle. Segundo ele,

A “Nova Pragmática” (RAJAGOPALAN, 2010; SILVA, et al, 2014) surge então como negação dessa interpretação formalizante da teoria dos atos de fala (Cf. ALENCAR, 2005). Ela (de)marca outro olhar para a Pragmática partindo de uma leitura alternativa, ou, se não for redundante, de uma leitura austiniana de Austin propondo um outro modo de ler Austin, no qual “[a] leitura não searleana de Austin” (RAJAGOPALAN, 2010b, p.18) golpeia e desconstrói a “leitura oficial”, mostrando que a linguagem sempre será uma forma de ação social.

Compreendemos que Rajagopalan sugere com a nova pragmática a possibilidade de a linguagem ser investigada, de forma integrada, enquanto ato de fala a partir do pressuposto de que a mesma está circunscrita por dimensões sociais, culturais, econômicas e políticas e essas dimensões inerentes a ela não podem e não devem ser ignoradas. Rajagopalan define a nova pragmática como:

A Nova Pragmática nada mais é do que a fase da Pragmática que conseguiu se desvencilhar das velhas amarras herdadas de outros tempos, que impediam os pesquisadores de encarar a linguagem com todas as complexidades que ela apresenta sem lhes dar costas ou simplesmente menosprezá-las em nome de aperfeiçoamento da teoria (RAJAGOPALAN, 2014, p.13)

Finalizamos essa sessão limitando-nos a pensar a pragmática como um termo que circunscreve um grande número de abordagens e conceitos que se deslocam desde os estudos da retórica, passando pela Filosofia da Linguagem e pela própria Linguística, em uma vertente mais do que estruturalista, até a Semiótica e a semântica.

3 AS TEORIAS DE POLIDEZ LINGUÍSTICA DELINEANDO FACE – UM INÍCIO

Os estudos que fundamentaram os conceitos de Polidez tiveram sua origem na Pragmática e também foram fortemente influenciados pela Sociolinguística Interacional, que tem como um de seus principais teóricos o sociólogo Ervin Goffman (1922-1982) que fez uma análise clara do funcionamento da linguagem como um fato sociointeracional.

Goffman inicia suas considerações a respeito da “face” a partir da expressão inglesa “*to lose face*”, usada para dizer que o indivíduo perdeu sua reputação, foi humilhado e teve sua moral abalada.

Ao interessar-se pelo comportamento dos indivíduos e suas relações sociais, Goffman publica a obra *A representação do eu na vida cotidiana*. Nessa obra, o autor discute a ideia de que socialmente os indivíduos se comportam como atores sociais, onde representam, encenam e sustentam uma fachada social. Apoiado em uma perspectiva teatral, Goffman nos traz a concepção de ator – plateia para nossas interações sociais. Essas interações, caracterizadas como “peças” sociais, contêm atores que reclamam para si que suas “platéias” levem a sério a impressão que eles desejam sustentar.

[...] quando um indivíduo desempenha um papel, implicitamente solicita de seus observadores que levem a sério a impressão sustentada perante eles. Pede-lhes para acreditarem que o personagem que vêem no momento possui os atributos que aparenta possuir, que o papel que representa terá as conseqüências implicitamente pretendidas por ele e que, de um modo geral, as coisas são o que parecem ser (GOFFMAN, 1985, p. 25)

Ao lançar, em 1967, seu livro *Interaction Ritual*, Goffman sugeriu que, ao estar imerso em um ambiente social, o indivíduo de uma forma ou de outra põe em cena sua face, sua máscara, a sua auto-imagem pública com o objetivo de controlar a imagem que passa aos outros. Com isso, o termo face adquire uma nova perspectiva, que vai além de algo meramente físico, e passa a ser definido como o valor social positivo, legitimado e reconhecido, e que uma pessoa reclama efetivamente para si por meio da linha que os outros supõem que ela seguiu durante um determinado contato. A face é definida, nos termos desse autor como:

Um valor social positivo de uma pessoa que efetivamente afirma sobre si mesma pela linha que os outros assumem que ele adotou durante um contato particular. Face é a imagem do *self* delineada em termos de atributos sociais aprovados – embora a imagem que os outros possam compartilhar, como quando uma pessoa faz uma boa demonstração de sua profissão ou religião, fazendo uma boa demonstração de si mesmo. (GOFFMAN, 1967, p.5).

Goffman (1967) parte do pressuposto de que o “*self*” é uma construção social e que pode ser representado pela perspectiva de face, como uma autoimagem pública. Segundo Mead (1992) a noção de “*self*” é construída com base em processos comunicativos mediante interações sociais. O sujeito adquire sua identidade pessoal e sua consciência social através das interações. Para ele, indivíduo e sociedade são indissolúveis. Casagrande (1991) *apud* Yncera (1991), demonstra a partir de suas colocações sua concordância com a teoria sobre indissociabilidade apresentada por Mead (1991):

Plenamente instalado no contexto social de sua atividade, o sujeito humano não aparece mais na concepção mediana como indivíduo, senão como self. Como um sujeito que encontra a possibilidade de reconhecer-se, de referir o sentido de seus atos em direção a si mesmo, num processo contínuo de encontrar-se com outros sujeitos que formam parte, de maneira íntima, de sua própria realidade existencial, e que deve aprender paulatinamente a ampliar o marco de referência de seus atos (YNCERA, 1991, p. 152)

Dessa forma, Yncera parte do pressuposto de que: o ser humano será um “ser para si”, quando for “um ser para o outro” (CASAGRANDE, 2011). Segundo Mead (1991), quanto mais o indivíduo for atuante na sociedade, quanto mais ele interagir socialmente, mais se individualiza e mais concretiza seu “*self*”, tomando consciência de si mesmo. A concepção de “*self*” é social, se concretiza através de processos sociais e aparece somente na conduta social dos sujeitos.

O self, que é central para toda a chamada experiência mental, aparece somente na conduta social dos vertebrados humanos. Os indivíduos se convertem em um objeto para si mesmos, precisamente, porque descobrem-se a si mesmos adotando a atitude dos outros que estão envolvidos nas suas condutas. [...] Além do mais, a verdade é que o self pode existir somente para o indivíduo se ele assume os papéis sociais dos outros. (MEAD, 1981, p. 283-284).

Para que o indivíduo forme e concretize seu “*self*”, ele necessitará de interações sociais. Sabemos que todos nós vivemos em um mundo de encontros sociais e para que esses encontros sejam devidamente realizados nos é exigido

representações ou encenações sociais, onde somos atores e platéia simultaneamente. Em cada interação social, os participantes representam/encenam padrões de atos verbais e não verbais e dessa forma fazem suas próprias análises ou julgamentos sobre a situação e sobre os envolvidos, mas prioritariamente essas análises começam em si mesmos.

Goffman justifica que esses padrões de atos verbais e não verbais que um indivíduo desempenha nos contatos sociais expressam sua visão da situação, sua avaliação dos participantes e prioritariamente sua avaliação de si mesmos. Esse conceito pode ser denominado “linha”, como uma linha de conduta e essa “linha” irá sempre permear as interações, mesmo que os interlocutores não estejam conscientes disso ou não tenham a intenção. Essa linha sempre existirá para manter um padrão de conduta de acordo com a imagem que esse indivíduo queira que os seus interlocutores tenham dele.

Não importa que a pessoa pretenda assumir uma linha ou não, ela sempre o fará na prática. Os outros participantes pressuporão que ela assumiu uma posição mais ou menos voluntariamente, de forma que se ela quiser ser capaz de lidar com a resposta deles a ela, ela precisará levar em consideração a impressão que eles possivelmente formaram sobre ela. (GOFFMAN, 1967. p.13).

Seguindo o fio condutor a que nos leva Goffman (1967), deparamo-nos com sua afirmação de que linha é a conduta do indivíduo em situações interacionais e face é a imagem social que o indivíduo projeta em decorrência da linha de conduta que ele adotou, mas essas duas concepções somente ocorrem permeadas pelas interações.

Ao dar-nos conta que a face é construída somente nas interações, nos parece lógico afirmar que, ao fim dessas interações, ela se torna desnecessária e desaparece. Todas as interações exigem um esforço contínuo no qual cada indivíduo faz para manter-se ao nível da dignidade que projeta sobre si mesmo e o tratamento que acredita merecer por parte dos outros. “O eu é construído a partir da visão do outro, ao mesmo tempo que esse eu é emocionalmente ligado à sua imagem, razão pela qual deseja que esta seja valorizada e respeitada”. (GOFFMAN, 1967, 5 y s.).

Uma vez que estabelecida uma face, o indivíduo assume um compromisso com aquela imagem, esse comprometimento pode ser estabelecido por meio de contatos face-a-face entre os interlocutores ou podem ser mediados por outros participantes. Mas, ao ser estabelecida uma face, é estabelecido conjuntamente um

compromisso social, visto que os interlocutores irão ter suas expectativas e até mesmo exigir uma postura apropriada.

Podemos dizer então que quanto mais uma pessoa sustenta uma imagem que já possui há bastante tempo e se sente confortável com essa imagem, menos ela colocará seus sentimentos a prova e se sentirá bem. Se a situação estabelecer uma face melhor do que ela esperava desta forma ela também se sentirá bem, mas se suas expectativas forem frustradas ela provavelmente se sentirá mal ou ofendida. Goffman (1967) assegura que as interações sociais geram sempre um comprometimento entre os interlocutores. Ele afirma:

De modo geral, o apego de uma pessoa a fachada particular, junto com a facilidade de comunicar informações falseadoras por ela e por outros, constitui uma das razões que fazem com que ela considere que a participação em qualquer contato com os outros seja um compromisso. (GOFFMAN, 1967, p.14).

Dessa forma, o compromisso assumido exige que ambos os interlocutores possuam atributos apropriados para que as interações ocorram de forma socialmente aceitas e suas faces não fiquem expostas. Sendo a face um atributo socialmente construído, algumas posições socialmente hierarquizadas exigem dos indivíduos posturas e condutas que sejam apropriadas para que o seu papel social seja propriamente desenvolvido. Esses papéis exigem determinadas condutas e repertórios que possam assegurar comportamentos socialmente esperados.

Podemos dizer que uma pessoa tem, está com ou mantém a fachada quando a linha que ela efetivamente assume apresenta uma imagem dela que é internamente consistente, que é apoiada por juízos e evidências comunicadas por outros participantes, e que é confirmada por evidências comunicadas por agências impessoais na situação. Em tais momentos, a fachada da pessoa claramente é algo que não está alojado dentro ou sobre seu corpo, mas sim algo localizado difusamente no fluxo de eventos no encontro, e que se torna manifesto apenas quando esses eventos são lidos e interpretados para alcançarmos as avaliações expressas neles. (GOFFMAN, 1967, p.14-15)

Considerando que a face é constituída durante a interação, especialmente pela avaliação que o outro tem de seu interlocutor, a imagem pública precisa ser negociada, para que ambos não percam a face, um diante do outro. Isso quer dizer que a face do indivíduo é definida a partir do juízo e de evidências comunicadas por seu interlocutor. Para que a própria face seja mantida é fundamental que a face do

outro também seja respeitada e mantida em segurança, dessa forma possíveis ameaças as faces de ambos são evitadas e a harmonia nas interações é estabelecida.

Diversos são os motivos pelos quais os interlocutores desejam proteger, manter suas faces. Esses motivos podem ser desde ligações emocionais envolvidas, posição social, orgulho, vaidade, um poder exercido sobre o seu interlocutor, para evitar atitudes ou falas hostis a seu respeito ou seu próprio julgamento que conclui que seu interlocutor deve ser protegido. A preservação da face anula possíveis incidentes que possam ameaçar as faces dos envolvidos, e cada cultura, cada sociedade, tem suas práticas próprias. Diante da ameaça, as faces envolvidas nas interações, os interlocutores empreendem no trabalho da face (*Face work*) para que a harmonia interacional seja mantida. A importância da manutenção da face é um pré-requisito primordial nas interações. Sobre isso, Goffman afirma que a manutenção da face é uma condição da interação e não o seu objetivo. (GOFFMAN, 1967, p.19) e que o trabalho de face (*Face-work*) serve para neutralizar, isto é, eventos cujas implicações simbólicas efetivas ameaçam a face (GOFFMAN, 1967, p.20)

Para que haja uma preservação das faces envolvidas, Goffman (1967) cita duas atitudes fundamentais: o auto-respeito e a estima ao outro. Dessa forma resultamos em um meio eficaz de preservar a própria imagem, assim como a imagem e a dignidade dos demais participantes.

Segundo Goffman (1967, p.22-24) existem dois tipos de processos básicos de preservação da face. O processo de evitação, que diz respeito a resguardar-se de interações, temas e situações embaraçosas, em que ameaças são possíveis de ocorrer, e o processo corretivo, que sugere que diante um evento interacional os interlocutores ao não conseguirem evitar incompatibilidades a respeito de seus valores sociais, tentarão corrigir os seus efeitos a fim de compensar um dano produzido à imagem do outro. Esses eventos Goffman (1967, p. 26) denominou “incidentes”.

O conceito de face goffmaniano não pode, de forma alguma, estar desmembrado do conceito de território, ambos do mesmo autor. Goffman compreende “território” como tudo o que pertence ao indivíduo. As partes do corpo, os objetos pessoais, roupas ou o próprio domínio da conversação e não somente relacionado ao território físico, à “porção de espaço que cerca um indivíduo” (GOFFMAN, 1973, p. 44). Diante do domínio conversacional, o sujeito pode fazer suas escolhas sobre com quem e o que quer falar. Ao delimitar seu território não permite que seu interlocutor

ultrapasse os limites impostos. Dessa forma, dizemos que os territórios do *self* constituem espaços físicos demarcados, situacionais e todo e qualquer objeto utilizado pelos interlocutores para proteger sua imagem nas situações interacionais. Os conceitos sobre face e território nortearam os estudos posteriores de Brown e Levinson (1987), como veremos a seguir.

3.1 A Teoria da Polidez segundo Leech e Brown e Levinson

O uso do termo “polidez”, no dia-a-dia, descreve um comportamento formal, onde a intenção é não invadir o território do outro ou impor valores pessoais no processo de interação. Ser polido, segundo (HOLMES, 1990, p.4), significa expressar respeito em relação à pessoa com quem você fala, evitando ofendê-la.

Em linguagem mais informal, diária, podemos perceber o ser “polido” como regra de boa convivência, camaradagem ou educação, que tem como padrão o não agir com intromissão à vida do outro. Brown e Levinson (1987), norteados pelo trabalho inicial de Goffman(1967), descreveram a polidez como uma preocupação com a “face” das pessoas. O termo “face” é baseado no uso diário de “perdendo a face” e “salvando a face” (incluindo as expressões verbais) como uma ameaça potencial em relação à face do outro.

Brown e Levinson (1987) desenvolvem os princípios básicos sobre a face/imagem, os fatores que influenciam a escolha das estratégias da polidez lingüística e os atos de ameaça à face - *Face Threatening Acts* - FTAs - conforme a denominação original dos autores, bem como as circunstâncias das variáveis sociológicas que afetam o modelo da polidez lingüística proposto. “Face”, entendida como imagem pública, que cada membro deseja reivindicar para si consiste em dois aspectos, segundo os autores mencionados acima: a) - a imagem negativa – reivindicação básica do território e proteção pessoal, isto é, liberdade de ação e liberdade de imposição; b) - imagem positiva – auto-imagem positiva ou “personalidade”, incluindo o desejo de que esta auto-imagem seja apreciada e aprovada. A noção de imagem adotada por Brown e Levinson é derivada de todo indivíduo, para Goffman (1980, p. 77), tem uma face, que ele define como “o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reclama para si mesma através daquilo que os outros presumem ser a linha por ela tomada durante um contato específico”.

Com a intenção e a necessidade de preservação de sua face positiva, os interagentes adotam determinados comportamentos, como a cortesia, a cordialidade, a solidariedade, em suas relações e interações.

É embasado na teoria de Goffman (1967), que Brown e Levinson (1987) iniciam os debates acerca da polidez linguística. Para os autores, existem dois tipos de faces: a face positiva e a negativa, tanto no falante como no ouvinte. A primeira diz respeito à necessidade e interesse de aceitação e aprovação pelos outros, pelos interlocutores. Já a segunda, ao resguardo, à preservação de sua intimidade, ao que se quer esconder nas interações sociais, evitando uma desnecessária aproximação e conhecimento do seu eu.

Nos diversos contatos que se tem com os outros, com a finalidade de que os relacionamentos sejam harmoniosos, a face positiva é realçada, enquanto a negativa, protegida. Quando ocorre uma interação dos falantes e estes sofrem com a impolidez causada por atos de ameaça à face, é nessa realidade que intervém o “*face-work*”, ou “trabalho com as faces”. Segundo Kerbrat-Orecchioni (2014, p.80), esse termo designa “tudo o que uma pessoa empreende para que suas ações não impliquem em perda diante de ninguém e nem de si mesma”. Para Kerbrat-Orecchioni (2014, p. 80), é um ato “que se consiste em fechar arestas que possam causar atos de ameaça à face do interlocutor, que muitas vezes somos levados a cometer, tornando-os assim menos ofensivos para as faces delicadas de nossos parceiros de interação”. (KERBRAT-ORECCHIONI, 2014).

Leech (2005), importante estudioso da polidez, remodelou o conceito de face e estabeleceu duas metas para circunscrever os aspectos das faces positivas e negativas de Brown e Levinson (1987). Leech diz que a face é a imagem positiva do *self* ou auto-estima, que o sujeito mantém como reflexo da estima que outras pessoas têm por ele, que, ao interagir, ele pode procurar atingir uma meta de face negativa que visa evitar perder a face, que é a desvalorização da estima da pessoa aos olhos do outro. O mesmo sujeito pode também realçar sua face positiva, através da intensificação, da manutenção da auto-estima, como resultado da valorização ou manutenção da estima da pessoa aos olhos dos outros. Ao definir as máximas da polidez tinha como propósito principal minimizar o custo ao outro e ao mesmo tempo potencializar o seu benefício.

Leech, ao propor as máximas, tinha como propósito a eficiência do processo interativo, acreditando que ser polido é parte essencial dessa interação. De acordo com a tabela abaixo podemos ver como suas máximas são construídas e como se desenrolam.

Quadro 2 - Máximas de Leech

MÁXIMAS DE LEECH	
Máxima do discernimento/ tato	Minimizar o custo ao outro Maximizar o benefício ao outro
Máxima da Generosidade	Minimize o benefício a si próprio Maximize o custo para si próprio
Máxima da Aprovação	Minimizar a depreciação do outro Maximizar o enaltecimento do outro
Máxima da modéstia	Minimizar o enaltecimento de si mesmo Maximizar o enaltecimento do outro.
Máxima da concordância	Maximizar a concordância entre si e o outro. Minimizar a discordância entre si e o outro.
Máxima da simpatia	Minimizar a antipatia entre um e o outro Maximizar a simpatia entre si e o outro

Fonte: elaborado pela autora

Na tentativa de preservar as faces envolvidas na interação (falantes e seus interlocutores), Brown e Levinson (1987) afirmam que os participantes, nessas interações sociais adotam estratégias para atenuar as ameaças que podem ocorrer nesse processo. Os autores dessas interações, então, segundo Kerbrat-Orecchioni (2017), analisam os efeitos que os atos de fala têm sobre as faces dos envolvidos e como esses atos se articulam com a polidez. Existindo, todavia, dois tipos de faces a serem preservadas/mantidas. Segundo Brown e Levinson, a existência de dois tipos de polidez, também negativa e positiva está presente nas interações. A primeira é direcionada à preservação de faces negativas, e a segunda, à preservação de faces positivas.

Ademais, Brown e Levinson (1987) apresentam novas modalidades que são articuladas quando o enunciador opta por realizar um ato ameaçador às faces. São essas as estratégias utilizadas: ***bald-on-record***, ***on-record*** e ***off-record***. Na primeira modalidade, ***bald-on-record***, o enunciador prioriza apenas a precisão da mensagem, assim, o ato é realizado com envolvimento, mas sem preocupação com a preservação das faces. Na modalidade ***on-record***, o locutor demonstra envolvimento e comprometimento com o ato, realizando-o com preocupação com as faces envolvidas (positivas e negativas, suas e do interlocutor), desenvolvendo estratégias

de polidez positiva e de polidez negativa, preservando as faces envolvidas. Já na modalidade **off-record**, o locutor opta por ser indireto, não se comprometendo ou se envolvendo com o ato.

Utilizaremos o quadro a seguir para nortear nossas pesquisas e analisar os dados recolhidos. O quadro a seguir mostra as estratégias apontadas por Brown e Levinson (1987).

Quadro 3 - Estratégias de Brown and Levinson (continua)

Modalidade/Recurso	Estratégias
Opção por utilizar a Polidez Positiva (<i>on-record</i> para face positiva)	Dê atenção ao outro e seus interesses, desejos, necessidades. Note-o.
	2. Exagere. Demonstre interesse, aprovação, simpatia com o outro.
	3. Intensifique o interesse para com o outro.
	4. Use marcadores de identidade de grupo.
	5. Procure acordo (com o outro).
	6. Evite o desacordo.
	7. Pressuponha/aumente/confirme pontos/terrenos em comum.
	8. Brinque, faça piadas.
	9. Afirme ou pressuponha o conhecimento e a preocupação que tem os desejos do outro.
	10. Ofereça, prometa.
	11. Seja otimista.
	12. Inclua a si (falante) e o outro (ouvinte) na atividade.
	13. Dê (ou peça) razões.
	14. Finja/simule ou afirme/evidencie reciprocidade.
	15. Dê presentes ao outro (simpatia, compreensão, cooperação)
Opção por utilizar a Polidez Negativa (<i>on-record</i> para face negativa)	1. Seja convencionalmente indireto.
	2. Questione, restrinja, limite.
	3. Seja pessimista.
	4. Minimizar a imposição, a força.
	5. Mostre deferência, respeito.
	6. Peça desculpas.
	7. Impessoalize o falante (self) e o outro. Evite os pronomes “eu” e “tu”.
	8. Declare o ato de ameaça como se fosse uma regra geral.
	9. Nominalize, nomeie.
	10. Mostre-se como se estivesse em dívida (em débito) ou como se não estivesse endividando o outro (colocando o outro em débito).
Opção por ser Indireto (<i>off-record</i>)	1. Dê sugestões, palpites.
	2. Dê pistas de associação.
	3. Pressuponha.
	4. Minimizar.
	5. Exagere.
	6. Use tautologias (redundâncias).
	7. Use contradições.
	8. Seja irônico.
Modalidade/Recurso	Estratégias
Opção por ser Indireto (<i>off-record</i>)	1. Use metáforas.
	2. Use/Faça perguntas retóricas.
	3. Seja ambíguo.
	4. Seja vago.

(conclusão)

5. Super generalize.
6. Desloque o outro (ouvinte).
7. Seja incompleto, use elipses.

Fonte: PEIXOTO; SANTOS (2013, p.327-352)

Para Brown e Levinson (1987), em todas as interações sociais ocorrem atos que intrinsecamente são ameaçadores à face, como já mencionamos anteriormente - *Face Threatening Acts* - FTAs - atos de ameaça à face (AAFs). Segundo os autores, quatro categorias de atos de ameaça à face existem:

- a. Atos que ameaçam a face positiva do ouvinte: desaprovação, críticas, insultos, acusações, desprezo, ridicularização, reclamações.
- b. Atos que ameaçam a face negativa do ouvinte: pedidos, ordens, sugestões, conselhos, avisos, lembranças, ameaças, advertências, desafios;
- c. Atos que ameaçam a face positiva do falante: pedidos de desculpa, humilhação, confissão, auto-humilhação, aceitação de elogios, fraqueza emocional;
- d. Atos que ameaçam a face negativa do falante: aceitação de ofertas, promessas e agradecimentos.

Esses atos podem ocorrer de forma *on record* ou *off record*, isto é de forma direta, sem sutilezas, sem uma preocupação com a face do outro, ou indireta, com a intenção de suavizar o FTA.

Para determinar o grau de ameaça de um ato - *Face Threatening Acts* - FTAs - atos de ameaça à face (AAFs), os autores levaram em conta três variáveis culturais além do contexto situacional:

1. a distância social entre os interlocutores; que diz respeito à relação simétrica entre os participantes da interação, baseado no tipo de interação que possuem, a frequência dessa interação e o grau de intimidade entre eles e,
2. a relação de poder entre eles, isto é, o grau de imposição que o falante pode ter sobre o ouvinte ou vice-versa, diz respeito a uma relação assimétrica com que ouvinte e falante podem ou não expor suas vontades e,
3. a classificação cultural do grau de imposição, ou seja, como cada cultura percebe o valor de imposição de um FTA.

Segundo Brown e Levinson (1987), essas três variáveis sociológicas serviram para moldar as quatro macroestruturas que estavam imbricadas nos atos de fala e que fundaram os princípios da polidez. Os autores postulam que essas variáveis compreendem todos os fatores relevantes para o estabelecimento da

polidez, como ocupação, amizade, status, fatores situacionais, entre outros, os quais são circunstanciais. (CUNHA, 2009).

As macroestruturas que nos referimos são:

a. ***bald on record*** que consiste em uma produção linguística onde é dito somente o essencial.

b. ***polidez positiva***, que ocorrem em função da face positiva do ouvinte. Nesse caso o falante deve indicar que tem os mesmos interesses e vontades do ouvinte.

c. ***polidez negativa***, uma ação compensatória referente à face negativa do ouvinte.

d. De acordo com Brown e Levinson (1987:129), corresponde aos 'ritos negativos' e 'rituais de evitação (*avoidance*)' de Durkheim (1915) ;

e. ***off record***, agir off record significa que o falante deseja transmitir uma mensagem, isentando-se de qualquer intenção comunicativa direta, dando margem a várias interpretações defensivas, evitando maiores responsabilidades por algum eventual FTA que tenha cometido com a mensagem. (CUNHA, 2009)

Tomamos como base todos esses conceitos para nossas análises demonstradas na sessão "análises".

4 O AUTISMO E SUAS DIVERSIDADES

Escolhemos iniciar a partir de uma indagação: Afinal, o que é Transtorno do espectro autista, transtorno autístico ou somente autismo?

4.1 O Transtorno do Espectro Autista - TEA

Partiremos da etimologia da palavra “autism”, que segundo (ROCHA, 2016), nos traz a constatação de que o termo se origina do grego “autos”, que indica “próprio”, que se agrega ao sufixo “ismo” que tem a denotação de uma orientação ou estado. Da junção dos dois sintagmas resultou o termo “autismo”, que carrega a conotação de um estado de alguém que está absorvido de si próprio e abstraído de tudo mais que o rodeia. Segundo Campos (1924):

Autismo é uma perturbação caracterizada pela modificação das relações que, normalmente, existem entre a vida interior e o meio externo. O exagero da primeira constitui o autismo. No autismo de certa intensidade, os doentes mantêm um contato insuficiente com o ambiente, evitam as relações sociais, vivem num mundo de fantasias, em que os desejos são tidos como satisfeitos e os temores e as perseguições como verídicos. (CAMPOS, 1924)

De acordo com Mandal (2020), a palavra autismo era utilizada para sugerir uma auto-admiração mórbida. O indivíduo era assim caracterizado ao ser percebido em situações em que o mesmo se retirava socialmente das interações e entrava em seu mundo particular.

Pontes (2003), apud Bleuler (1896): menciona em sua obra “O destino da esquizofrenia” Nós designamos sob o nome de esquizofrenia um grupo de psicoses que evoluem tanto sob o modo crônico, como por surtos, que podem parar ou retroceder, mas sem permitir um *restitutio ad integrum* completo.

Por volta do século XIX, a esquizofrenia estava classificada em quatro tipos, segundo Bleuler (1924), e estes quatro tipos eram classificados por seus sintomas fundamentais: (focaremos no que diz respeito ao autismo somente) Autismo – a não relação com a realidade. Os esquizofrênicos vivem: “no mundo em si..., eles limitam o contato com o mundo exterior... nós denominamos autismo esse desligamento com a realidade combinada com a predominância relativa ou absoluta

da vida interior”. Foi o que a psicanalista B. Bettelheim denominou de “fortaleza vazia” (PONTES, 2003, p.19)

Mas somente em 1943, com o psiquiatra Leo Kanner, por meio da publicação do artigo intitulado *Autistic disturbances of affective contact* que o autismo pôde ser excluído dos parâmetros da esquizofrenia. Kanner (1943) apresentou em seu estudo os resultados colhidos em uma análise realizada com onze crianças que apresentavam características que, até então, ainda não tinham sido estudadas. Essas características eram: déficits nas relações sociais e na comunicação, além da presença de comportamentos repetitivos e interesses restritos. Comportamentos típicos dentro do espectro autístico.

Ao longo do tempo e de outras pesquisas realizadas na área foi-se descobrindo mais sobre o transtorno. E somente com Hans Asperger (1906-1980), o termo “autismo” foi conhecido, mas não ainda concebido, como o fazemos hoje. No entanto era percebido como um “espectro de distúrbios”, no qual também se incluiria o “distúrbio de Asperger”, depois conhecida como “síndrome de Asperger” no qual levava seu nome. Asperger acreditava que o autismo era uma junção entre fatores genéticos e ambientais. A grande contribuição de Asperger foi a descrição do autismo, visto que a síndrome já era conhecida. Só não possuía uma nomenclatura adequada.

Ainda nos são desconhecidas as razões pelas quais um indivíduo nasce com o transtorno. Para o psicanalista Bruno Bettelheim em sua obra “Fortaleza vazia” as possíveis razões para o autismo partem da falta de afetividade familiar, a partir de “pais ausentes e mães más”, mas ainda não se tem certeza de suas causas. Encontramos diferentes perspectivas para caracterizar o autismo, segundo Gricker (2010) a definição do termo autismo oscila, de um subtipo de esquizofrenia, o autismo transformou-se em um produto de pais negligentes e, depois, em uma anomalia neural. Todo um diagnóstico psíquico não se inicia a partir de exames laboratoriais ou de imagens, mas por observação de comportamentos, por isso sua subjetividade.

Ao longo de nossas pesquisas, pudemos nos deparar com situações que nos deixaram perplexas diante da realidade recentemente vivida em alguns países. Segundo Grinker (2010):

Na Índia, o indivíduo autista é tido como “retardado mental” ou “louco”. Há poucos psiquiatras e o autismo é mantido como segredo de família. Só em 1999, o governo indiano reconheceu o autismo como um diagnóstico. (p. 246). Na Coreia do Sul há muita vergonha: “Muitas vezes os autistas são escondidos e com isso acabam ficando sem tratamento e raramente são integrados na vida comunitária” (p. 246) Já na África do Sul, uma criança fisicamente normal mas com algum comportamento estranho pode passar despercebida e ser classificada como indisciplinada ou possuída por um espírito mau, mas “frequentemente não são vistas apenas como deficientes” (p. 266).

Em muitos países o transtorno autístico é um problema invisível para a sociedade e os seus sujeitos esquecidos. Em grande parte de nossas pesquisas muito pouco ainda se sabe acerca do autismo sob uma perspectiva social. Pudemos constatar um número mínimo de pesquisas que partiam de um interesse em descobrir sobre as “falas” do sujeito autista. O que nos remete a ideia de invisibilidade social do sujeito com TEA.

4.2 O Tea e Seus Graus De Comprometimento

O TEA é marcado pelo argumento de permanente prejuízo na interação social, alterações da comunicação e padrões limitados ou estereotipados de comportamentos e interesses.

Segundo KLIN (2006):

De 20 a 30% dos indivíduos com autismo nunca falam. Esse percentual é consideravelmente menor do que era há cerca de 10 a 15 anos, graças, em grande parte, à intervenção precoce e intensiva...] Bebês e crianças jovens com autismo podem guiar a mão dos pais para obter um objeto desejado, sem fazer contato visual (i.e. como se ela estivesse obtendo o objeto pela mão e não pela pessoa). Ao contrário da criança com transtorno de desenvolvimento da linguagem, não há motivação aparente em estabelecer comunicação ou tentar comunicar-se por meios não-verbais.

Podemos perceber que, dentro de um espectro, temos vários subgrupos com características e que agregam comprometimentos diversos. Para nossa pesquisa, ateremo-nos à área da linguagem e, a partir dela, as interações sociais. Como explicaremos a seguir.

Para entendermos melhor o espectro e suas gradações, podemos verificar as características de cada nível relatado abaixo. De acordo com o quadro clínico e a CID-10, denominada como Classificação Estatística Internacional de Doenças e

Problemas Relacionados com a Saúde (CID; em inglês *International Statistical Classification of Diseases and Related Health Problems, ICD*). Essa denominação determina a classificação e codificação das doenças. Do mesmo modo, determina uma ampla variedade de sinais, sintomas, achados anormais, denúncias, circunstâncias sociais e causas externas de danos e/ou doença. A CID-10, criada em 1993, apresenta e classifica o Espectro do Transtorno Autista em três “autismos” distintos: “autismo clássico”, que enquadra indivíduos que são voltados para si mesmos, e sua fala não é a principal forma de comunicação. O “autismo de alto desempenho” (também denominado de síndrome de Asperger), esses não possuem comprometimento verbal, são muito inteligentes e podem ou não possuir uma certa dificuldade de interação social. Existem também os que não são incluídos no espectro, por não possuírem outras características específicas, ao mesmo tempo que apresentam dificuldade de comunicação e interação social. Estão inclusos na categoria: “distúrbio global do desenvolvimento sem outra especificação (DGD – SOE)

Podemos perceber que dentro do espectro existem graus de comprometimento da linguagem e da interação social. É dito que, na maioria dos diagnósticos e intervenções precoces e intensas com ajuda de diversos profissionais, o não uso da função da linguagem e interação torna-se bem menos recorrente. Segundo Klin (2006) nos relata, um número considerável de indivíduos com autismo nunca fala. Esse número varia de 20 a 30 por cento. Mas, ao longo dos últimos 20 a 25 anos, esse percentual tornou-se consideravelmente menor, devido à intervenção precoce e intensiva. Por isso a importância de uma intervenção nos primeiros anos de vida da criança autista, para que em sua fase adulta muitos de seus problemas tenham sido sanados ou minimizados.

Pensamos que devemos fazer um fio condutor na trajetória de vida do sujeito autista desde sua infância até a idade adulta para que possamos delinear alguns comportamentos inerentes a esses sujeitos. Segundo Dourado (2012), na infância, metade das crianças autistas não desenvolvem a linguagem oral até por volta de 3 anos. Essas crianças, muitas vezes, produzem apenas palavras soltas, de forma ecológica, em que repetem a última palavra de seu interlocutor, ou somente balbuciam. Essas podem também somente repetir a fala de algum personagem ou apresentador de televisão.

Algumas crianças apresentam trocas fonológicas e ou fonéticas. Também é comum um atraso no aprimoramento morfológico da linguagem, na aprendizagem da formação de frases, no uso adequado dos verbos e demais classes gramaticais.

Outras desenvolvem os elementos da linguagem de forma bem mais elaborada, mas falam somente para alcançar seus objetivos mais imediatos e não conseguem estabelecer conversas mais longas ou relatos. Outros com menos comprometimento, conseguem fazer relatos e dialogar, falam de forma eloquente, mas apenas sobre assuntos de seu interesse, sem levar em conta o interesse do seu interlocutor.

O adulto autista vivencia, muitas vezes em sua infância, dificuldades e não desenvolve, na maioria dos casos, uma atenção conjunta (processo cuja importância ultrapassa os limites da aquisição da linguagem e influencia a sua organização discursiva, ou seja, torna-se responsável pela linguagem que, durante o primeiro ano de vida, ajudou a criança a adquirir). Ao possuir essa dificuldade, a criança não estabelece um interesse no que está “fora” dela e esses desafios podem perdurar até sua fase adulta. Isso se apresenta em forma da falta de resposta quando são chamadas e o desinteresse em relação às pessoas ao seu redor, independente de seu parentesco ou relação de convívio. Podem também manifestar dificuldade em participar de brincadeiras em grupo, preferindo sempre brincar sozinhas.

A criança autista, prefere muito mais o isolamento, seus afazeres, suas preferências, a comunicação e a interação com o outro. Essas preferências podem se estender a idade adulta. E esses déficits de comunicação e interação social incluem:

Déficits na reciprocidade social e/ou emocional (ex: incapacidade de iniciar ou responder a interações sociais ou conversas, nenhum compartilhamento de emoções)

Déficits de comunicação social não verbal (ex: dificuldade de interpretar a linguagem corporal, gestos e expressões das outras pessoas; redução nas expressões faciais e gestos e/ou contato visual)

Déficits no desenvolvimento e na manutenção de relacionamentos (ex: estabelecer amizades, ajustar o comportamento a situações diferentes)

Essas crianças também possuem dificuldade em interpretar expressões faciais e gestos, bem como apresentam uma “incapacidade” de balbuciar e aprender a também se comunicar com gestos. Essa criança pode apresentar um atraso anormal

na fala, e quando começa a falar, pode ter dificuldades para combinar palavras em frases que façam sentido. Do mesmo modo, pode utilizar-se da repetição das mesmas frases por diversas vezes.

Segundo KLIN (2006), o diagnóstico de um transtorno autístico também requer desenvolvimento anormal em pelo menos um dos seguintes aspectos: social, linguagem, comunicação ou brincadeiras simbólicas/imaginativas, nos três primeiros anos de vida.

Inicialmente o transtorno era definido por níveis de comprometimento como relatado anteriormente pelo padrão: Autismo clássico, Autismo de alto desempenho (também chamado de síndrome de Asperger), e Distúrbio global do desenvolvimento sem outra especificação (DGD-SOE).

A partir de junho de 2019, O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) passou a constar na nova Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde, a CID-11 (ICD-11) na sigla em inglês para International Statistical Classification of Diseases and Related Health Problems), lançada em 2019, pela Organização Mundial da Saúde (OMS). O documento seguiu a alteração feita em 2013 na nova versão do Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais, o DSM-5 (na sigla em inglês para: Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders), que reuniu todos os transtornos que estavam dentro do espectro do autismo num só diagnóstico: TEA. Na tabela a seguir podemos ter uma visão de como o autismo foi classificado em níveis de 1-3, qual a gravidade de cada nível e quais suas características.

Figura 1 - Níveis de gravidade para transtorno do espectro autista

TABELA 2 Níveis de gravidade para transtorno do espectro autista		
Nível de gravidade	Comunicação social	Comportamentos restritos e repetitivos
Nível 3 "Exigindo apoio muito substancial"	Déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal causam prejuízos graves de funcionamento, grande limitação em dar início a interações sociais e resposta mínima a aberturas sociais que partem de outros. Por exemplo, uma pessoa com fala inteligível de poucas palavras que raramente inicia as interações e, quando o faz, tem abordagens incomuns apenas para satisfazer a necessidades e reage somente a abordagens sociais muito diretas.	Inflexibilidade de comportamento, extrema dificuldade em lidar com a mudança ou outros comportamentos restritos/repetitivos interferem acentuadamente no funcionamento em todas as esferas. Grande sofrimento/dificuldade para mudar o foco ou as ações.
Nível 2 "Exigindo apoio substancial"	Déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal; prejuízos sociais aparentes mesmo na presença de apoio; limitação em dar início a interações sociais e resposta reduzida ou anormal a aberturas sociais que partem de outros. Por exemplo, uma pessoa que fala frases simples, cuja interação se limita a interesses especiais reduzidos e que apresenta comunicação não verbal acentuadamente estranha.	Inflexibilidade do comportamento, dificuldade de lidar com a mudança ou outros comportamentos restritos/repetitivos aparecem com frequência suficiente para serem óbvios ao observador casual e interferem no funcionamento em uma variedade de contextos. Sofrimento e/ou dificuldade de mudar o foco ou as ações.
Nível 1 "Exigindo apoio"	Na ausência de apoio, déficits na comunicação social causam prejuízos notáveis. Dificuldade para iniciar interações sociais e exemplos claros de respostas atípicas ou sem sucesso a aberturas sociais dos outros. Pode parecer apresentar interesse reduzido por interações sociais. Por exemplo, uma pessoa que consegue falar frases completas e envolver-se na comunicação, embora apresente falhas na conversação com os outros e cujas tentativas de fazer amizades são estranhas e comumente malsucedidas.	Inflexibilidade de comportamento causa interferência significativa no funcionamento em um ou mais contextos. Dificuldade em trocar de atividade. Problemas para organização e planejamento são obstáculos à independência.

Esses passaram a ser definidos em três níveis distintos, divididos entre Leve, Médio e Grave. Sujeitos autistas que se enquadram no nível 1, frequentemente apresentam dificuldades para iniciar relações sociais, e podem ter pouco interesse em interagir com os demais sujeitos. Comumente apresentam respostas inusitadas ou adversidades a aberturas sociais. Possuem dificuldades quando ocorre troca de atividades e demonstram ter problemas de planejamento e organização.

Autistas que se enquadram no nível 2, ou médio, podem ou não apresentar um nível um pouco mais grave de déficit em suas relações sociais e em sua comunicação verbal e não verbal. Quase sempre têm limitações em iniciar interações sociais e acumulam prejuízos sociais mesmo que exista a presença de um familiar ou outra pessoa de apoio. Possuem uma inflexibilidade bem mais acerbadada em seus comportamentos e também apresentam dificuldades com mudanças ou com os comportamentos repetitivos. Outra característica desse nível do transtorno é que esses sujeitos autistas sofrem intensamente para modificar o foco das suas ações e dificilmente conseguem essa mudança.

Autistas enquadrados no nível 3 do transtorno, ou nível grave, possuem déficits bem mais graves em relação à comunicação verbal e não verbal, além de dificuldades evidentes para iniciar uma interação social, com graves prejuízos de desempenho e ocorrência, o que torna suas interações desafiadoras.

No Brasil, para obtenção de um diagnóstico preciso, psiquiatras e neuropediatras dispõem de instrumentos para identificação de características autísticas. Não iremos aprofundar os conceitos de cada um desses instrumentos, mas optamos por fazê-los conhecer. São eles:

- ATA (escala de avaliação de Traços Autísticos)
- ABC (inventário de Comportamentos Autísticos)
- SQ (Questionário de verificação de Autismo)
- CARS (childhood autism rating scale)

Os quadros a seguir classificam o autismo de acordo com as CIDs 10 e 11. A finalidade da correção de cada item é facilitar o diagnóstico e simplificar a codificação para acesso a serviços de saúde. Dessa forma, o profissional se depara diante de características bem mais detalhadas sobre cada nível do espectro, tornando possível a detecção do diagnóstico de uma forma mais rápida e eficiente.

Quadro 4 - Autismo no CID 10 e 11

Autismo na CID-10	Autismo na CID-11
<ul style="list-style-type: none"> • F84 – Transtornos globais do desenvolvimento (TGD) <ul style="list-style-type: none"> • F84.0 – Autismo infantil; • F84.1 – Autismo atípico; • F84.2 – Síndrome de Rett; • F84.3 – Outro transtorno desintegrativo da infância; • F84.4 – Transtorno com hipercinesia associada a retardo mental e a movimentos estereotipados; • F84.5 – Síndrome de Asperger; • F84.8 – Outros transtornos globais do desenvolvimento; • F84.9 – Transtornos globais não especificados do desenvolvimento. 	<ul style="list-style-type: none"> • 6A02 – Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) <ul style="list-style-type: none"> • 6A02.0 – Transtorno do Espectro do Autismo sem deficiência intelectual (DI) e com comprometimento leve ou ausente da linguagem funcional; • 6A02.1 – Transtorno do Espectro do Autismo com deficiência intelectual (DI) e com comprometimento leve ou ausente da linguagem funcional; • 6A02.2 – Transtorno do Espectro do Autismo sem deficiência intelectual (DI) e com linguagem funcional prejudicada; • 6A02.3 – Transtorno do Espectro do Autismo com deficiência intelectual (DI) e com linguagem funcional prejudicada; • 6A02.4 – Transtorno do Espectro do Autismo sem deficiência intelectual (DI) e com ausência de linguagem funcional; • 6A02.5 – Transtorno do Espectro do Autismo com deficiência intelectual (DI) e com ausência de linguagem funcional; • 6A02.Y – Outro Transtorno do Espectro do • 6A02.Z – Transtorno do Espectro do Autismo, não especificado.

Muitos adultos autistas leves são prejudicados ao receber diagnóstico tardio, visto que não possuem tantos prejuízos em suas vidas cotidianas, pois não apresentam deficiência intelectual ou déficits relacionados à linguagem. O maior prejuízo nesses casos é o emocional, visto que esses sujeitos podem passar anos e anos sem conseguir se encaixar na sociedade, pois não se sentem pertencentes a nenhum grupo social. E como não têm conhecimento sobre o espectro e suas características, podem sentir-se completamente excluídos. Adultos autistas manifestam sensibilidade ao toque, à luz, aos sons, às texturas, ao calor e ao frio. Não conseguem enfrentar situações em que muitos estímulos são apresentados, bem como demonstram dificuldades em desenvolver e manter relacionamentos com pessoas. Possuem apego a rotinas e a padrões ritualizados de comportamentos.

Muitos autistas podem ser vistos como pessoas rudes, grosseiras, podem demonstrar padrões restritos de interesses e atividades, bem como apresentar gestos repetitivos.

5 PERCURSO METODOLÓGICO

Essa pesquisa está inserida no campo da Linguística Aplicada, mais especificamente dentro de um viés da Pragmática Linguística, onde buscamos observar o fenômeno da Polidez na conversa dos sujeitos com Transtorno do Espectro Autista - TEA, que produzem diversos significados ao perpassar a comunicação ordinária dentro de nossa sociedade. Por seu caráter cultural, e até particular, os estudos pragmáticos entendem a Polidez como estratégia discursiva. Nesta seção, apresentamos considerações acerca de todo *design* metodológico adotado em nossa pesquisa, a fim de alcançar o objetivo de compreender como os sujeitos com Transtorno do Espectro Autista - TEA, desenvolvem o trabalho com as faces e se utilizam de estratégias de polidez linguística, em rodas de conversas ordinárias e lives disponibilizadas pelo *youtube*, valendo-se de recursos diversos para proteger ou expor suas faces.

5.1 Qualificação da Pesquisa

A definição da metodologia deste estudo parte do entendimento de que o método é essencial para o desenvolvimento do processo de pesquisa e consequente construção do conhecimento relevante e consistente. Para o alcance de tais predicados e dos objetivos, pretendemos seguir o percurso metodológico descrito abaixo.

Inicialmente buscamos o estudo de outros trabalhos de linguistas, psiquiatras, neurologistas e psicólogos que abordam temas relacionados a teoria da polidez, análise da conversação, jogos de faces e Transtorno do Espectro Autista - TEA. Fizemos o estado da arte com intuito de levantar uma bibliografia consistente e ao mesmo tempo para que pudéssemos avaliar o que já foi dito e estudado sobre a fala dos sujeitos com TEA.

As leituras, a pesquisa bibliográfica, sobre os temas em questão, serviu de base, a exemplo de Teixeira (2011), para que pudéssemos fundamentar nossa pesquisa que teve como critérios o método de raciocínio hipotético-dedutivo e foi descritiva, com procedimentos de campo.

Com nossa pesquisa bibliográfica, pudemos inicialmente obter um panorama geral sobre o tema pesquisado. Obtivemos uma visão mais clara sobre em que “estado da arte” se encontra o problema na atualidade, se existem trabalhos na área, que trabalhos já foram previamente realizados, quais os resultados desses trabalhos já realizados e que posicionamentos teóricos já existem sobre o tema em questão. Através desse diagnóstico, pudemos constatar que modelos teóricos iniciais de referência poderíamos utilizar como base para elaborarmos um planejamento da pesquisa.

Destarte, foi possível determinar as técnicas que foram empregadas na coleta de dados e na determinação das amostras, que acreditamos serem representativas e suficientes para apoiar nossas conclusões previamente observadas. Essas técnicas, consoante Lakatos (2005, p. 107), “são consideradas um conjunto de preceitos ou processos de que se serve uma ciência; são, também, a habilidade para usar esses preceitos ou normas, na obtenção de seus propósitos. Correspondem, portanto, à parte prática de coleta de dados”.

Nessa segunda etapa do estudo que consistiu em uma pesquisa de campo, que foi qualitativa, uma vez que esse tipo de abordagem “não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc” (GERHARD; SILVEIRA, 2009, p.31). Por conta de sua essência, exigiu-nos técnicas de coleta de dados mais pertinentes à natureza do tema, e após essa coleta foi necessário o uso de outras técnicas para registro e análise desses dados coletados.

Realizamos, para coleta desses dados em nossa pesquisa, a observação direta intensiva na Casa da Esperança, antes da pandemia do Covid-19¹ e posteriormente com as técnicas da observação e transcrição de rodas de conversa em ambiente hipermídia, gravadas e situadas em domínio público na internet, bem como de rodas de conversa organizadas por nós, pesquisadores, onde fizemos uso da ferramenta virtual Google Meet, para realizar reuniões em grupo. Que, a nosso ver, foi a estratégia mais pertinente de melhor realização, visto o momento da pandemia

¹ A pandemia pelo novo vírus SARS-COV-2, conhecido por COVID 19, tem se apresentado como um dos maiores desafios sanitários em escala global deste século (WERNECK E CARVALHO, 2020). O COVID -19 teve seu início na China por volta do final do ano de 2019 e espalhou-se rapidamente por todo mundo, infectando mais de 67 milhões de pessoas levando a óbito mais de 1 milhão e 500. E com previsão de muitos outros casos por vir. (www.worldometers.info/coronavirus)

do Covid-19, que assolou o nosso país e o mundo de maneira inusitada. A pandemia do Covid-19 ao trazer-nos uma situação completamente atípica, de isolamento social a priori, fez-nos rever vários de nossos conceitos sobre interações sociais. Visto que nossos hábitos, no que condiz às interações sociais presenciais, são bem mais comuns.

Com o passar desse primeiro momento, que teve início em março de 2020 e quando tudo estava bastante incerto e não tínhamos muito o que especular, nossa sociedade começou a procurar estratégias para estar e continuar isolada fisicamente, mas não isolada socialmente. Por essa razão, a explosão na quantidade de lives, vídeos disponibilizados no *youtube* e muitos outros recursos digitais para minimizar a solidão, a dor, a angústia e o despreparo nesse contexto que nos encontrávamos.

Isolados, sem a capacidade de exercer nossa liberdade de ir e vir. Salvo, para executar ou fazer uso de serviços essenciais, tais como: ir ao supermercado, à farmácia, ou a hospitais. Nossa cidade se transformou em uma cidade erma. Enquanto o mundo virtual se abria e tomava proporções inusitadas, para nunca mais voltar a ser o mesmo.

Por essa razão tivemos que remodelar por completo nossa metodologia de pesquisa, a priori presencial, e migrar para o mundo digital, para que pudesse ser realizada. Nessa nova forma de pesquisa e observação, buscamos fazer uso de todos nossos sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade desses sujeitos. Em conversas ordinárias com os sujeitos com TEA, buscamos sempre utilizar as técnicas de observação sistemáticas, participantes, na vida real, cotidiana. Essa observação a que nos propomos realizar, segundo Lakatos (2005 p. 107), “não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar”

Tal como Ferrari (1974, p.229), em Lakatos (2005, p. 188) defende que os procedimentos de campo consistem em observar “os fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presumem relevantes, para analisá-los [...], não deve ser confundida com a simples coleta de dados”.

A nossa pesquisa de campo, como Tripodi et al. (1975, p.42-71) em Lakatos (2005, p. 188), se caracterizou como qualitativa, e consistiu em investigações também empíricas cuja principal finalidade foi o delineamento ou análise das

características de fatos ou fenômenos ligados à conversação e à polidez linguística. Uma vez que esse tipo de abordagem “não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc” (GERHARD; SILVEIRA, 2009, p.31). O que nos exigiu técnicas de coleta de dados mais pertinentes à natureza do tema. Após essa coleta, foram necessárias outras técnicas para registro e análise desses dados coletados. Relatamos a seguir.

5.2 Definição do Corpus

Após a coleta dos dados, foi realizada a interpretação desses dados coletados, como realizado por Weiser (2009) em sua tese de doutorado, de forma empírica, por se basear em conversas autênticas em rodas de conversa virtuais e lives que foram gravadas, transcritas e minuciosamente analisadas. Consideramos também “a naturalidade dos dados que não foram produzidos, especialmente, para a finalidade da gravação e interpretação”. Destarte seguimos o método indutivo.

A Análise da Conversação, em geral, inicia seus estudos pelo método indutivo. Lakatos (2005) evidencia que o método indutivo é aquele “cuja aproximação dos fenômenos caminha geralmente para planos cada vez mais abrangentes, indo das constatações mais particulares às leis e teorias (conexão ascendente). Onde a cadeia de raciocínios estabelece a conexão do particular para o geral.

Na pesquisa de campo, a princípio, utilizamos as técnicas de observação direta extensiva. “Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar” (LAKATOS, 2005, p. 107). As técnicas de observação escolhidas foram sistemáticas, participantes, na vida real, no cotidiano dos encontros virtuais em rodas de conversa e lives que ficaram gravadas e disponíveis que já mencionamos.

Convidamos cerca de 10 sujeitos autistas, todos participantes de projetos de inclusão na Casa da Esperança em Fortaleza-Ceará, para fazerem parte de rodas de conversa que ocorreram às sextas-feiras às 18h, e puderam acontecer por meio da ferramenta digital Google Meet, sob minha orientação e a orientação da Professora Dra. Letícia Adriana Pires Ferreira dos Santos.

Além dos dados coletados em nossas rodas de conversa e nas rodas de conversa realizadas pela Abraça ², que possui um canal no Youtube, também usamos os dados oriundos de conversas já coletadas por Rocha (2016) em outros momentos de interação de sujeitos com TEA, que se deram de forma presencial, em que a pesquisadora realiza uma pesquisa etnográfica. Pudemos também realizar em novembro do presente ano uma roda de conversa em que estivemos a frente da organização e contamos com 2 participantes autistas.

O projeto citado teve a aprovação do Comitê de Ética de Pesquisas com seres humanos – COMEPE, com o número fornecido através do ofício submetido em 31 de agosto de 2018, com protocolo **CAAE nº. 97298718.2.0000.5038** e sob a responsabilidade da pesquisadora Profa. Dra. Leticia Adriana Pires Ferreira dos Santos. Dessa forma, o projeto evidencia que as pesquisas do Laboratório Interdisciplinar Linguagens, Comunicações e Subjetividades - LINCOS, do qual somos integrantes, são bastante pertinentes, pois ocupam-se com questões sobre como a Linguística Aplicada pode trazer reflexões e mudanças significativas a nossa sociedade. O protocolo das pesquisas atende aos preceitos éticos de estudos envolvendo seres humanos. Desse modo, nossa pesquisa se adequa às normas que regulamentam a pesquisa com seres humanos do Conselho Nacional de Saúde, Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996 e complementares. Em outubro de 2020, tivemos a aprovação de nosso projeto também no comitê de Ética, como já mencionamos anteriormente com o projeto intitulado: “A (Im)polidez na conversa de autistas, uma abordagem das estratégias e do trabalho com as faces”, que tem como protocolo **CAAE nº 38777220.8.0000.5534**, conjuntamente com a anuência da responsável pelo projeto na casa da Esperança, Dra. Fátima Dourado, e dos autistas participantes no processo interacional.

² A Associação Brasileira para a Ação por Direitos das Pessoas com Autismo (Abraça) é uma organização nacional de defesa dos direitos humanos das pessoas com TEA. Criada em 2008 com a finalidade de defender os direitos e promover a cidadania plena das pessoas com autismo e suas famílias. Comprometidos pela a inclusão, a desinstitucionalização, o respeito a diversidade e contra as práticas sociais abusivas e excludentes, bem como pelo fortalecimento dos laços familiares.

6 PROCEDIMENTOS

Após coletarmos os dados a serem analisados passamos para a fase seguinte. Transcrever as falas nas rodas de conversa que realizamos virtualmente bem como as que coletamos nas rodas virtuais do canal Abraça Brasil Autismo e as conversas coletadas por Rocha (2016)³. Buscamos colher conversas para nossa análise que fossem mais espontâneas possíveis, mas infelizmente, por falta de opção, fomos restringidas a fazer uso das falas desses sujeitos nas rodas de conversa virtuais, situações essas que não podem ser consideradas totalmente espontâneas, apesar de percebermos que, em todas as rodas virtuais, os participantes estavam bastante à vontade, visto que já se conheciam fora daquele contexto. Para que pudessemos transcrever os dados, foi importante delinear quais parâmetros utilizar para essas transcrições. Dessa forma, para transcrever os dados das conversas, a exemplo de Teixeira (2011), usarei o quadro que segue como guia:

Quadro 5 - Com pequenas modificações das regras extraídas de Castilho; Preti (1986), de Koch (1997) e de Marcuschi (1991, p.10) (continua)

OCORRÊNCIAS	SINAIS
Incompreensão de palavras ou segmentos	((incompreensível))
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre).	/
Entoação enfática	Maiúsculas
Alongamento de vogal ou consoante (como r, s)	:: podendo aumentar para ::: ou mais
Silabação	-
Interrogação	?
Pausa (para as pausas além de mais de 1.5 segundos, indica-se o tempo).	(+) ou (2,5)
Comentários descritivos do transcritor	((minúsculas)).
Comentários que quebram a sequência temática da exposição, desvio temático.	----
Superposição, simultaneidade de vozes.	[simultaneidade de vozes]
Indicação de que a fala foi tomada ou Interrompida em determinado ponto. Não no seu início.	(...)

³ A pesquisa de Rocha(2016) de cunho etnográfico, apresenta uma análise da linguagem de pessoas diagnosticadas com TEA. A pesquisadora utilizou como categoria de análise a polidez linguística, e teve como aporte teórico os trabalhos de Goffman (1967), Brown; Levinson (1987), Leech (1983), assim como Austin (1962), Wittgenstein (1989) a partir da concepção de linguagem da Nova Pragmática Rajacopalan (2010, 2014), Grandi; Panek (2015).

(conclusão)

Citações literais, reproduções de discurso direto ou leituras de textos, durante a gravação.	"
--	---

Fonte: Adaptado por Teixeira(2011),

Seguindo essas normas, as transcrições foram feitas, adotando também:

1. Espaço simples, porém dando dois espaços entre um turno e outro;
2. As iniciais dos interlocutores pesquisadores serão feitas em negrito, sendo a primeira letra "I" de interlocutor em maiúsculo e em negrito, seguido das duas iniciais do nome desses interlocutores em minúsculo e em negrito também. Exemplo:

Lom;

3. As iniciais dos sujeitos da pesquisa contiveram duas iniciais de um nome hipotético para eles, em letra maiúscula e em negrito;

4. As hesitações devem ser marcadas por reticências;

5. Nas falas dos sujeitos durante seus turnos transcrevemos buscando ser fiel ao original. Não fizemos revisões das falhas de escrita de acordo com as convenções ortográficas de Língua Portuguesa.

6. Nas conversas coletadas por Rocha (2016), respeitamos a transcrição da forma que se encontra na dissertação. Não fizemos revisões das falhas de escrita de acordo com as convenções ortográficas de Língua Portuguesa e não utilizamos os parâmetros acima para que as conversas ficassem fiéis as que se encontram na dissertação.

Começamos a escrever os primeiros capítulos que nos serviram de base para a compreensão da pesquisa de campo. Logo após a coleta de dados, começamos as transcrições de acordo com as normas sugeridas acima.

A penúltima etapa dessa pesquisa, foi de análise de todos os dados coletados por meio das gravações realizadas por nós mesmas e por meio das rodas de conversa virtuais disponibilizadas no canal da Abraça, no youtube, usando como categorias de análise as máximas de Leech(1987) e as estratégias de Polidez segundo Brown e Levinson(1989); Por último, apresentamos os resultados para alguns dos sujeitos que participaram da pesquisa para que tivessem ciência de tudo o que foi estudado, analisado e os resultados que obtivemos.

6.1 Participantes da Pesquisa

A princípio, conforme mencionado anteriormente, convidamos alguns participantes ativos, prioritariamente ativos em projetos na Casa da Esperança, com quem tivemos contato mais próximo, ao participar do curso por essa instituição oferecido e que fora realizado em julho de 2019, denominado (Novas Perspectivas na atenção integral a pessoa autista). Após esse primeiro contato face-a-face, convidamos individualmente alguns sujeitos diagnosticados com TEA, que também eram participantes do curso promovido para fazer parte de nossa pesquisa. Os sujeitos convidados eram jovens e adultos, do sexo feminino e masculino e que tinham sido diagnosticados com autismo leve, sem comprometimento da linguagem funcional, de acordo com o CID-11, **6A02.0** – Transtorno do Espectro do Autismo sem deficiência intelectual (DI) e com comprometimento leve ou ausente da linguagem funcional. A linguagem funcional e eficiente ocorre em contextos de troca interacional e é requisito básico para uma boa comunicação. Como nossa pesquisa versa em torno da linguagem foi necessário selecionarmos os participantes a partir dessas características.

Esses sujeitos foram chamados a participar de rodas de conversa presenciais que aconteceriam uma vez por mês, aos sábados à tarde. Montamos então um grupo online com a ferramenta whatsapp para que fosse possível ter um contato mais próximo com os participantes e termos também um canal de comunicação mais eficiente para que pudéssemos estar dando avisos ou esclarecendo dúvidas sobre nossa pesquisa.

Seguimos, assim, somente por um mês, pois logo em seguida, em março de 2020, tivemos o início da pandemia e logo após o isolamento social. Em posse dos contatos dos participantes, pudemos sondar se estes se disponibilizariam para participar de nossas rodas de conversa que por motivo da pandemia migraria para o ambiente virtual. Tivemos uma aceitação muito satisfatória em relação a esse novo formato de interação, podemos dizer que o número de participantes foi bem mais expressivo dessa forma. Todos os sujeitos participantes aceitaram fazer parte da pesquisa, ou seja, aceitaram conversar sobre TEA, suas implicações, dificuldades e subjetividades, suas rotinas, bem como terem todas as suas conversas registradas. Através da ferramenta Google Meet, seria possível gravar todas as conversas do início

ao fim e guardá-las para posterior análise. Após termos esclarecido sobre nossa pesquisa e a aceitação dos sujeitos, entregamos o documento com a autorização do termo de consentimento livre esclarecido. Já de posse de todos os documentos encontramos um novo desafio. Não tínhamos ainda recebido o consentimento do comitê de ética. Enquanto esperávamos o consentimento, o que devido também a pandemia tomou mais tempo do que esperávamos tivemos que mudar nossa trajetória. Tivemos a informação de que muitos participantes da Casa da Esperança eram membros da Abraça Autismo Brasil e que estariam realizando rodas de conversa virtuais em seu canal público no you tube. Dessa forma decidimos transcrever e analisar essas conversas, visto que iríamos ter os mesmos participantes e então não estaríamos fugindo de nossas intenções iniciais, e ao mesmo tempo trabalhando com ética e com as normas de pesquisa com seres humanos. Assim fizemos. Analisamos todas as suas falas nesse contexto, pois devido a pandemia muitas rodas de conversa foram disponibilizadas no canal, mas separamos e focamos nas rodas que membros da Casa da Esperança fizeram parte para que não fugíssemos de nossa proposta inicial.

Além disso, também buscamos conversas de outros projetos realizados na Casa da Esperança, com autorização do Comitê de Ética de Pesquisas com Seres humanos. Vale acrescentar que as rodas de conversas eram feitas por meio de um projeto de Extensão na Casa da Esperança, autorizado pela Estácio e coordenado por nossa orientadora. É válido salientar que os dados já coletados também são oriundos de conversas já realizadas e concedidas através do projeto já aceito, sob o título de **Cortesia, Jogos de Faces e de Linguagem na Conversa de Crianças e Jovens Autistas da Casa da Esperança em Fortaleza**, pelo Comitê de Ética do Centro Universitário Estácio do Ceará em Pesquisas com Seres Humanos, **fornecido através do ofício submetido em 31 de agosto de 2018, com protocolo CAAE nº. 97298718.2.0000.5038, sob a responsabilidade da nossa orientadora**, Profa. Dra. Leticia Adriana Pires Ferreira dos Santos, consoante já mencionamos. O projeto citado teve a aprovação do Comitê de Ética de Pesquisas com seres humanos – COMEPE, evidenciando que as pesquisas do Laboratório Interdisciplinar Linguagens, Comunicações e Subjetividades - LinCoS, do qual somos integrantes, são bastante pertinentes, pois ocupam-se com questões sobre como a Linguística Aplicada pode trazer reflexões e mudanças significativas a nossa sociedade. O protocolo das

pesquisas atende aos preceitos éticos de estudos envolvendo seres humanos. Desse modo, a pesquisa também se adequou as normas que regulamentam a pesquisa com seres humanos do Conselho Nacional de Saúde, Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996 e complementares.

Após a liberação de nosso CAAE, tivemos somente pouco tempo para realizar rodas organizadas por nós mesmas. Dessa forma realizamos apenas uma roda de conversa informal, no dia 28.11 às 15h30min e teve como tema: “Autismo e conversas em momentos especiais, uma abordagem cognitivo-pragmática”. Visto que tínhamos tomado conhecimento que dois de nossos participantes autistas tinham ficado noivos recentemente. Convidamos os dois, a quem colocamos os nomes hipotéticos de Pedro e Dani para nos encontrarmos virtualmente e conversarmos sobre a nova etapa de suas vidas e todas as implicações dessa nova etapa, bem como queríamos ouvi-los em relação ao seus sentimentos, motivações, desafios e tudo mais relacionado ao futuro sacramento do matrimônio que estariam recebendo. Nossa conversa seria informal e ordinária, o que nos traria um corpus significativo nesse contexto.

7 TRANSCRIÇÕES

7.1 Normas Para Transcrição Das Conversas

A Análise da Conversação, segundo Marcuschi (1991), baseia-se em material empírico, reproduzindo conversações reais e considerando que todos os detalhes de uma conversação são importantes. Esses detalhes são não somente verbais, mas entonacionais, paralinguísticos, entre outros. Para cada pesquisa deve-se então traçar o que de fato é mais importante para análise. Marcuschi (1991) ainda sugere que para transcrições de conversas o sistema ortográfico é o mais sugerido. Pois esse sistema adota a escrita-padrão mas considera a produção em seu real acontecimento e também reflete sobre a variação linguística de cada indivíduo.

Para Marcuschi (1991), as palavras ou expressões são usadas de modo diferente do modelo original, devendo, portanto, serem escritas da mesma forma com que foram pronunciadas. (TEIXEIRA, 2011). Contudo, seguimos as convenções de escrita ortográficas.

Utilizamos um quadro adaptado e extraído de Castilho; Preti (1986) e adotado por Koch (1977) em Teixeira (2011), com as normas mais frequentes para uma transcrição, já mencionadas na sessão anterior.

Ao realizar as transcrições em nossa pesquisa, adotamos os seguintes critérios gráficos:

- Espaço simples, porém, dando dois espaços entre um turno e outro;
- Nas lives transcritas e outras rodas de conversa, onde não houve a interação da pesquisadora diretamente, colocamos a inicial de um nome hipotético do interlocutor feita em negrito. Exemplo: **M**

- As iniciais dos sujeitos da pesquisa feitas com duas iniciais de um nome hipotético para eles, em letra maiúscula e em negrito;

- As hesitações marcadas por reticências;

Ao identificarmos as ocorrências de estratégias de polidez e marcadores discursivos, destacamos a palavra, ou expressão em negrito para que esses fossem relacionados aos códigos que os procediam.

7.2 Análise Das Conversas

Após termos nossa pesquisa aceita pelo comitê de ética da Universidade Estadual do Ceará com o projeto intitulado: “A (im)polidez na conversa de autistas: uma abordagem das estratégias e do trabalho com as faces”, que teve como número de parecer cosubstanciado, **CAAE nº: 38777220.8.0000.5534**, parecer nº 4.383.060, em 05 de novembro de 2020, pudemos realizar nossas rodas de conversa para que pudéssemos ter um corpus bem mais fiel as nossas primeiras intenções para nossas análises.

Nessa etapa do nosso trabalho, analisamos algumas das conversas observadas a partir de partes das transcrições realizadas durante nossas rodas de conversa virtuais, bem como as rodas realizadas no youtube. Nesse contexto pudemos dar especial enfoque aos critérios a seguir:

- As dificuldades de formulação verbal e de envolvimento.
- A análise dos dispositivos sob o viés da Pragmática Linguística, que envolvem aspectos linguísticos e paralinguísticos.
- Os marcadores discursivos identificados nas interações.
- A construção do jogo de faces do sujeito com TEA, como um sujeito que reflete muita sinceridade e não consegue filtrar o que deve ser dito em suas interações e que a priori comunica tudo o que pensa.
- As estratégias de polidez utilizadas nas conversas durante os turnos de fala desses sujeitos e seus interlocutores.

As transcrições deveriam ser realizadas após revisitarmos, desta vez com um olhar mais atento, a todas as pistas linguísticas e paralinguísticas que estávamos buscando a priori, para fundamentar nossas hipóteses primárias. Dessa forma acessaríamos nossas gravações realizadas durante os encontros (rodas de conversa presenciais).

Inicialmente, tínhamos em mente discutir em nossas rodas de conversa sobre a perspectiva individual de cada sujeito com TEA a respeito de sua posição na sociedade, seus sentimentos, anseios, sonhos e através de suas falas analisar como esses sujeitos jogavam com suas faces e se utilizavam as estratégias de Polidez e

quais eram essas estratégias. Após isso, iríamos delinear quais estratégias eram mais recorrentes e quais não o eram.

Com o início da pandemia do Covid-19 nossa pesquisa tomou um rumo diferente, pois iríamos também ter como novo dado a premissa de que todo sujeito com TEA prefere estar isolado socialmente. Esse novo dado nos sugeriu novos questionamentos para nossa pesquisa, mesmo de forma virtual, em um momento no qual a sociedade estava isolada fisicamente. Pudemos constatar que nem todos os sujeitos com TEA estavam confortáveis com o isolamento social, ao contrário do que pensávamos. Muitos deles por ter suas rotinas alteradas estavam extremamente desconfortáveis e infelizes. Outros por outro lado, acharam que o isolamento foi algo excelente, visto que já viviam, antes, mesmo da pandemia mais reclusos em suas casas. Para esses a pandemia veio como uma forma de estar mais em contato com suas famílias, ter mais tempo para realizar suas atividades diárias e seus hobbies. Pudemos perceber então que um estigma social de que autistas gostam e preferem o isolamento se desfazia pela fala desses sujeitos. De acordo com Shattuck (2013), em sua pesquisa, há dados que demonstram que jovens adultos com TEA são mais propícios a estar socialmente isolados. Os dados da pesquisa com adultos jovens autistas, segundo Shattuck (2013):

- Quase 40% nunca se encontraram com amigos.
- 50% nunca receberam telefonemas ou foram convidados para alguma atividade social.
- 28% viviam socialmente isolados e não tinham nenhum contato social.

Segundo Shattuck (2013), essa dificuldade de interação social é muito comum e marcante no TEA. A realidade de isolamento social comumente não é a preferência do sujeito autista, mas sim uma dificuldade de estabelecer relações de amizade, devido ao fato de serem vistos como “diferentes” dos outros, “esquisitos”. Por essa razão são muitas vezes ignorados pela sociedade neurotípica⁴. De acordo com Rocha (2016) em sua pesquisa, ela relata uma cena em que presencia essa

⁴ Trata-se de uma abreviação para “Neurologicamente típico”. Termo utilizado pela comunidade autista para se referir aos sujeitos que estão fora do espectro.

dificuldade de interação, o isolamento, a dor de ser ignorado, comum aos autistas, ao mesmo tempo em que o jovem faz um apelo:

[...] me ensina a fazer amigos, me ensina como a gente faz para agir como uma pessoa normal [...].

Reunimos todas essas conversas espontâneas já transcritas, as rodas de conversa online pelo *youtube* e a roda realizada pelas pesquisadoras, como já havíamos mencionado anteriormente. Nosso corpus utilizado para posterior análise foi retirado de lives que estão disponíveis publicamente no canal do *youtube* da Abraça Autismo⁵, bem como na dissertação de mestrado de Rocha (2016).

⁵ Endereço do canal da Abraça autismo:
https://www.youtube.com/results?search_query=abra%C3%A7a+autismo

8 ANÁLISES DAS CONVERSAS

Para compreender a linguagem de pessoas com o transtorno do espectro autista, analisamos as conversas transcritas a partir de rodas de conversa que se realizaram de forma virtual com transmissão pelo youtube no canal da ABRAÇA BRASIL AUTISMO, bem como as conversas já transcritas por Rocha (2016). Dispostemos nossa atenção especialmente sobre os seguintes critérios:

- A construção do jogo de face do sujeito com TEA.
- As estratégias de polidez utilizadas nas conversas segundo as categorias de Brown e Levinson (1987)
- As estratégias de polidez utilizadas segundo as categorias das máximas de Leech (1983)

Para que se tornasse possível uma melhor análise a respeito do fenômeno da polidez em conversa de sujeitos com TEA, buscamos investigar se esses sujeitos faziam uso em seus enunciados das seis máximas de Leech (1983), conforme mencionamos anteriormente se tratar de um dos teóricos que propagou a Teoria da Polidez Linguística. Através de nossas análises foi possível confirmar que sujeitos com TEA, apesar de serem vistos como pessoas avessas as interações sociais são capazes de fazer uso das seis máximas de Leech (1983) (*Máxima do discernimento, A máxima da generosidade, A máxima de aprovação, A máxima da modéstia, A máxima de concordância, A máxima da simpatia*) dessa forma atendem ao princípio de polidez linguística segundo a escala de custo e benefício, cujo propósito maioritário é a minimização do custo ao outro, e a potencialização do seu benefício.

Revisitando a teoria da Polidez, segundo Leech (1983), **a máxima do discernimento** apregoa que o falante deve maximizar o benefício e minimizar o custo ao outro; **a máxima da generosidade** determina que o custo deva ser do falante, minimizando o benefício próprio; **a máxima da simpatia** requer que os participantes da interação diminuam a antipatia mútua e aumentem a simpatia; **a máxima da aprovação** espera que o falante diminua o seu próprio enaltecimento e aumente o do outro; **a máxima da modéstia** quer que o enaltecimento da imagem do outro, enquanto minimiza a sua própria imagem; **máxima da concordância** requer que os participantes da interação minimizem a discórdia e maximize a concordância (TEIXEIRA, 2011).

A partir da teoria das máximas de Leech (1983) aplicadas nas rodas de conversa transmitidas pelo canal Abraça Brasil Autismo. Analisamos quatro rodas de conversa virtuais com os integrantes da casa da Esperança, como já havíamos citado anteriormente.

Leech argumenta que a lei geral da polidez é mais focada no interlocutor, no outro, do que até mesmo no próprio enunciador, demonstrando a grande importância desse interlocutor nas interações. As máximas da generosidade, da aprovação e da modéstia parecem ser mais estratégicas para se conseguir ser polido do que as demais. Esse fenômeno tem maior ocorrência em interações centradas. Dessa forma, podemos observar a importância que o enunciador concede ao seu interlocutor, que para a análise da conversação, diante de situações como esta, onde o enunciador quer ser polido e cooperativo, ele se compromete com o que profere em algum grau. Marcuschi (1991) postula que a formulação das estratégias serve para compreender a dinâmica das interações.

A primeira roda a ser analisada foi transmitida no dia 26 de junho de 2020, com os três integrantes da Casa da Esperança e a médica psiquiatra, diretora da casa, Dra. Fátima Dourado, que os acompanha em seus tratamentos. A roda apresenta uma discussão entre os três jovens e a médica, que os questiona sobre o “ser autista”, sob várias perspectivas e o novo normal na sociedade. A roda tem como título: Autismo e o novo normal.⁶ Vejamos como esses sujeitos aplicam as máximas em seus discursos.

⁶ Roda de conversa disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WP12iIBdZNo>

Quadro 6 - Análise pela autora conforme as Máxima de Leech

(continua)

<p>Máxima do discernimento</p> <p>a) minimize o custo ao outro;</p> <p>b) maximize o benefício ao outro.</p>	<p>Fala 1</p> <p>CS: ...a gente deve buscar a (++) ((incompreensível)) da sociedade para que haja a adaptação e inclusão dessas condições neurodivergentes (+) e não a eliminação delas</p> <p>Fala 2</p> <p>SS: (+) respeitar uma pessoa autista e qualquer pessoa neurodiversa ou qualquer pessoa deficiente é um ato de amor e nós seres humanos (+) eu acredito que todos nós temos um pouco de amor dentro de nós (+) porque (+) é porque (+) é (+) é algo muito intrínseco da gente (+) é amar e ser amado e distribuir amor entende?</p> <p>Fala 3</p> <p>SS: porque quando você se torna parte (+) se torna não (+) quando você descobre que é parte da neurodiversidade (+) você passa a incluir outras pessoas na sua vida também (+)</p>
<p>Máxima da generosidade</p> <p>minimize o benefício para si próprio;</p> <p>maximize o custo para si próprio.</p>	<p>Fala 1</p> <p>JV: a pouco tempo eu coloquei um vídeo é (++) explicando para a família e pros amigos sobre essa nova fase (++) como uma nota e muitos desconheciam sobre essa(++)esse transtorno (+) então acho que falta conhecimento na sociedade(++) falta esse repertório sociocultural.</p>
<p>Máxima de aprovação</p> <p>a) minimize a depreciação do outro;</p> <p>b) maximize o enaltecimento do outro.</p>	<p>Fala 1</p> <p>CS: É bom(++) neurodiversidade é a noção de que condições neurológicas fora do padrão são partes naturais da diversidade humana (++) então assim como eu tenho (++) assim como tem diferentes cores de pele(+)diferentes cores dos olhos também existem diferentes tipos de cérebro e são variações naturais da diversidade humana (+) portanto não devem ser eliminadas(...)</p> <p>Fala 2</p> <p>SS: porque não tô dizendo que o diagnóstico do autismo é bom(++) é tipo (++) é incrível assim (+) porque na maioria das vezes ele pode trazer uma certa (+) um certo desconforto para a família (++) mas ele é (++) ele é bom sim (+) porque você descobre o que você tem e você descobre como tratar (...)</p> <p>Fala 3</p> <p>SS: (++) você não ia precisar das regalias entre milhões de (++)((incompreensível)) (++) que o diagnóstico te dá (++) eu tenho uma coisa a dizer a</p>

(conclusão)

	essas pessoas que acham isso (++) , nenhum transtorno (++) nem mesmo o autismo é fraco na hora da crise(...)
<p>Máxima da modéstia</p> <p>a) minimize o enaltecimento de si mesmo;</p> <p>b) maximize o outro.</p>	<p>Fala 1</p> <p>SS: (++) eu recebi o meu diagnóstico no aniversário da minha mãe e (++) que presentão e por lá eu conheci muitas pessoas (+) eu conheci o Ciel (+) eu conheci o João Victor eu conheci o Vicente (+) eu conheci Blue (+) conheci quem mais conheci (++) o Sávio(++) conheci o Saulo (+) que são pessoas que hoje em dia são muito importantes na minha vida (+)</p> <p>Fala 2</p> <p>SS: todos nós precisamos de atendimento psicológico (+) precisamos de amigos (+) precisamos da nossa família e precisamos principalmente de apoio (++) porque é o que falta (++)</p>
<p>Máxima de concordância</p> <p>a) maximize a concordância entre si e outro;</p> <p>b) minimize a discordância entre si e o outro.</p>	<p>Fala 1</p> <p>SS: ser autista não é ser mais humano ou menos humano(++) não é ser mais ou menos inteligente(+) é ser como todos somos(++) uma pessoa diferente que deve ser respeitada e deve ter os seus direitos e (++)...</p>
<p>Máxima da simpatia</p> <p>a) minimize a antipatia entre um e outro;</p> <p>b) maximize a simpatia entre si e outro.</p>	<p>Fala 1</p> <p>SS: sim é (++) eu não tava prestando muita atenção quando você disse o tema (+) qual é mesmo? (+) desculpa</p> <p>Fala 2</p> <p>SS: todos nós precisamos de atendimento psicológico (+) precisamos de amigos (+) precisamos da nossa família e precisamos principalmente de apoio (++) porque é o que falta (++) desde sempre a gente vem se sentindo estranho (+)</p> <p>Fala 3</p> <p>SS: por exemplo eu descobri o meu diagnóstico (+) descobri não (++) eu recebi o meu diagnóstico no aniversário da minha mãe e (++) que presentão.</p>

Fonte: elaborado pela autora

Ao observar todas as máximas propostas por Leech (1983), percebemos que a polidez linguística é sempre norteadas com a finalidade de amenizar situações onde exista desconforto para o interlocutor. Cabe ao falante essa ação de amenizar, que exige a maximização do próprio custo para que o seu interlocutor se sinta à vontade na interação. Conforme podemos constatar o uso de todas as seis máximas

de Leech por sujeitos dentro do espectro autista demonstra o quanto esses sujeitos validam o cuidado e empatia com os seus interlocutores.

Os sujeitos com TEA são capazes de utilizar diversos mecanismos em uma conversação com a finalidade de estabelecer e/ou manter uma interação social. Nas interações centradas entre sujeitos com TEA e outros sujeitos, podemos perceber que as máximas de discernimento, de modéstia, de aprovação, de simpatia e de concordância foram as que mais apareceram. Esse resultado nos mostra que os autistas se preocupam em não expor sua face e nem a de seus interlocutores, apesar de em diversas situações se posicionarem firmemente, exigindo que suas vozes não sejam silenciadas, clamando para si respeito, atenção, escuta e amor. Segundo Leech (1983), as estratégias de polidez serão sempre escolhidas segundo uma escala de custo-benefício, sempre mais focada no interlocutor, do que em si mesmo. O *self* fica em segundo plano, visto que para ser polido e cooperativo o falante se compromete com seu interlocutor, concedendo-lhe mais importância na interação.

Na próxima sessão, usaremos as categorias de análise segundo Brown e Levinson (1987). Teixeira (2011), em sua tese de doutorado nos traz as seguintes contribuições:

As estratégias enunciadas de modo de realização *on-record* revelam que o falante tem a intenção de se comprometer, de se responsabilizar ao desempenhar um determinado ato ameaçador de face. As principais vantagens de escolher estratégias *on-record* são: receber crédito de honestidade; apurar apoio público; evitar mal entendidos e resgatar a face. A realização de forma *off-record* se manifesta quando o falante busca evitar qualquer tipo de afiliação ou responsabilidade com aquilo que está sendo enunciado. (TEIXEIRA, 2011).

Veremos a seguir como esses sujeitos lidam com essas estratégias e de que forma isso acontece. Nos foi possível analisar as mesmas falas dos sujeitos na roda de conversa acima, partindo das categorias propostas por Brown e Levinson(1987), que mencionamos anteriormente. Essas categorias norteadoras, sucedem a teoria das máximas de Leech (1983). No trecho a seguir, **SS** faz uso da estratégia de polidez positiva que, segundo Brown e Levinson (1987), objetiva deixar claro que seus interlocutores, participantes da roda são ouvintes admiráveis e interessantes. **SS** apela, portanto, para um exagero na aprovação e simpatia pelos ouvintes, autistas, deixando claro o valor e estima a cada um dos autistas participantes

da roda de conversa virtual. Ao agir dessa forma **SS** faz uso da estratégia de **Polidez Positiva on-record** para face positiva - **Intensifique o interesse para com o outro.**

SS: (++) eu recebi o meu diagnóstico no aniversário da minha mãe e (++) que presentão e por lá eu conheci muitas pessoas (+) eu conheci o Ciel (+) eu conheci o João Victor eu conheci o Vicente (+) eu conheci Blue (+) conheci quem mais conheci (++) o Sávio(++) conheci o Saulo (+) **que são pessoas que hoje em dia são muito importantes na minha vida (...)**

SS demonstra todo seu apreço e o seu interesse em validar os seus sentimentos relativos aos outros participantes, expondo publicamente o quanto eles são importantes em sua vida.

JV também faz uso dessa mesma estratégia ao ser questionado sobre um possível “novo normal pós pandemia do Covid-19”. Ao mostrar-se interessado em questões sociais em que muitos outros sujeitos estão envolvidos e são diretamente prejudicados pela falta de compreensão e compaixão, ele faz uso da estratégia - **Intensifique o interesse para com o outro.**

JV: conscientização social é (+) tá justamente ligado a compaixão ao caráter de solidariedade (+) é você entender o lado (+) o outro lado do que aquela pessoa tá sentindo (+) né? (+) você ser um neurotípico entender uma pessoa que é neurodiversa e responsabilidade pública tá justamente ligado aos deveres (+) né? (...)

SS se mostra bastante empenhada em transmitir para os presentes na roda seu posicionamento a respeito da importância de instruir as pessoas em relação ao autismo. A intenção principal da roda de conversa era realizar essa conscientização sobre como os autistas se comportam, e sentem em relação a todos os ditos “normais”. **SS** dá atenção especial aos interesses, necessidades e desejos dos outros participantes da roda e obviamente dos seus, por estar inserida nesse movimento de conscientização da sociedade. Ela faz uso da estratégia de **Polidez Positiva on-record** para face positiva – **Dê atenção ao outro e seus interesses, desejos, necessidades. Note-o.**

SS: dar apoio às pessoas para que elas nos apoiem (+) entende? e essa é a função dessa live (+) instruir as pessoas para que elas possam cada vez mais abraçar a gente (+) né? (...)

Em sua fala a seguir, **SS** utiliza nesse momento uma estratégia de **Polidez Positiva on-record** para face positiva - **Inclua a si (falante) e o outro (ouvinte) na atividade**. Ao incluir a si (falante) e aos outros (ouvintes) na atividade interacional ela reclama para si um sentimento de pertença a um grupo, que nesse caso específico, não é somente o grupo dos neurodiversos, mas o grupo de todos os seres humanos, e que todos os seres humanos têm amor dentro deles. Podemos perceber de acordo com sua fala, que ela faz um clamor a humanidade, ao dizer, que todos os seres independentes de suas condições, devem ser vistos como iguais perante a sociedade e a partir desse pressuposto devem ser respeitados em suas diferenças,

SS: (+) respeitar uma pessoa autista e qualquer pessoa neurodiversa ou qualquer pessoa deficiente é um ato de amor e **nós seres humanos (+) eu acredito que todos nós temos um pouco de amor dentro de nós (+) porque (++) é porque (++) é (++) é algo muito intrínseco da gente (+) é amar e ser amado e distribuir amor entende? (...)**

Em outra fala dentro de seu turno **SS** utiliza mais uma vez a mesma estratégia **Polidez Positiva on-record** para face positiva - **Inclua a si (falante) e o outro(ouvinte) na atividade**. Mas nesse enunciado **SS** inclui como “a gente” os autistas somente, pessoas que precisam de tudo o que é comum ao ser humano social, mas que pela falta de conhecimento da sociedade sofrem exclusão, falta de apoio e falta de empatia.

(++) todos nós precisamos de atendimento psicológico (+) precisamos de amigos (+) precisamos da nossa família e precisamos principalmente de apoio (++) porque é o que falta (++) **desde sempre a gente vem se sentindo estranho (+) vem se sentindo incomum (+) vem se sentindo é (++) excluído e tudo isso por falta de apoio (+) por falta de empatia (+) por falta de conhecimento e é por isso que é muito importante que vocês saibam sobre o autismo (...)**

Na mesma fala **SS** usa outra estratégia de **Polidez Positiva on-record** ao usar **marcadores de identidade de grupo**, ao mencionar “pessoa autista” “neurodiversa”, em seu enunciado.

SS: (+) respeitar uma pessoa autista e qualquer pessoa neurodiversa ou qualquer pessoa deficiente é um ato de amor e nós seres humanos (+) eu acredito que todos nós temos um pouco de amor dentro de nós (+) porque (++) é porque (++) é (++) é algo muito intrínseco da gente (+) é amar e ser amado e distribuir amor entende? (...)

Em seu turno **CS** também se utiliza da mesma estratégia trazendo para si, para todos que estão na roda, bem como para todos que a assistem ou irão assistir posteriormente uma identidade de grupo. Nesse caso mencionamos o grupo maior, a sociedade, que abrange todos os subgrupos.

CS: a gente deve buscar a (++) ((incompreensível)) da sociedade para que haja a adaptação e inclusão dessas condições neurodivergentes (+) e não a eliminação delas (...)

SS oferece razões que a faz sentir-se da forma que sente. Saber do seu diagnóstico mudou sua forma de pensar trazendo-lhe mais segurança, mais abertura, mais comunicação com os outros, menos exclusão. Dessa forma ela se utiliza da estratégia de **Polidez Positiva on-record – Dê ou peça razões.**

SS: (++) que eu não soubesse do meu diagnóstico não (++) que eu não soubesse do meu transtorno eu seria uma pessoa muito mais insegura (+) muito mais (++) é como eu posso dizer é (++) muito mais assim fechada e muito mais excludente (++) porque quando você se torna parte (+) se torna não (+) quando você descobre que é parte da neurodiversidade (+) você passa a incluir outras pessoas na sua vida também (...)

SS demonstra em sua fala a grande alegria que a médica, dra. Fátima Dourado, presente e mediadora da roda, proporcionou-lhe ao disponibilizar seu diagnóstico no dia do aniversário de sua mãe. Para **SS** não poderia ter tido data melhor e nem tampouco presente melhor. Ao fazer uso desse enunciado ela se utiliza da estratégia de **Polidez positiva on record – Dê presentes ao outro (simpatia, compreensão, cooperação).**

SS: por exemplo eu descobri o meu diagnóstico (+) descobri não (++) eu recebi o meu diagnóstico no aniversário da minha mãe e (++) que presentão (...)

SS também se utiliza dessa estratégia de **Polidez positiva on record – Dê presentes ao outro (simpatia, compreensão, cooperação)**, ao usar do princípio da cooperação e compreensão com os seus ouvintes neurotípicos. Ele demonstra compreensão em relação a assim como é difícil para os autistas lidarem com os neurotípicos mais difícil é os neurotípicos lidarem com autistas.

SS: (+) é eu creio que (+) que (+) sim (+) com certeza lidar com neurotípicos é difícil (+) mas mais ainda (+) mais ainda é (+) é difícil os neurotípicos lidarem com os autistas (...)

No enunciado a seguir, **SS** utiliza duas estratégias de Polidez positiva on-record. A primeira delas é - **Afirme ou pressuponha o conhecimento que tem com o desejo do outro**. Ao se preocupar com o possível desconforto de sua família e de todas as famílias que recebem o diagnóstico do transtorno.

SS: hoje em dia ser autista para mim é ser eu mesma (+) **porque não tô dizendo que o diagnóstico do autismo é bom(++)** é tipo (++) é incrível assim (++) **porque na maioria das vezes ele pode trazer uma certa (++) um certo desconforto para a família (++)** mas ele é (++) ele é bom sim (+) porque você descobre o que você tem e você descobre como tratar (...)

Ao mesmo tempo que se preocupa com o desconforto da família ao ser revelado o diagnóstico sua fala demonstra muito otimismo. Em sua concepção ao ser revelado o diagnóstico a família viverá em Liberdade, pois não mais viverá na ignorância por não entender o transtorno, suas características, suas minúcias ao mesmo tempo que terá um planejamento de todo tratamento. Quais os profissionais adequados, as melhores terapias, as melhores instituições e tudo mais relacionado ao tratamento. A estratégia utilizada por **SS** é de **Polidez Positiva – on record – Seja otimista**.

SS: hoje em dia ser autista para mim é ser eu mesma (+) **porque não tô dizendo que o diagnóstico do autismo é bom(++)** é tipo (++) é incrível assim (++) **porque na maioria das vezes ele pode trazer uma certa (++) um certo desconforto para a família (++) mas ele é (++) ele é bom sim (+) porque você descobre o que você tem e você descobre como tratar (...)**

JV em seus dois turnos também vai se utilizar dessa estratégia – **Seja otimista**. Segundo Brown e Levinson (1987), essa estratégia é utilizada quando o enunciador assume que o seu interlocutor deseja o mesmo que ele. Em sua primeira fala, ao ser diagnosticado recentemente dentro do espectro ele afirma que hoje tem “praticamente” uma “nova vida”. Assim como todos os outros autistas da roda ao receberem seus diagnósticos.

JV: tá sendo assim algo novo (++) né? (+) pra mim (+) né? **praticamente uma nova vida (+), eu diria (+) por que desde muito tempo eu não sabia que eu fazia parte do espectro autista (+) né? (...)**

Em sua segunda fala, **JV** se mostra mais uma vez otimista, ao mencionar que, após o diagnóstico laudado pela dra. Fátima, ele consegue ver sentido em muitas de suas peculiaridades, das características do ser autista. Demonstra um sentimento de realização por se entender autista e também por conseguir ressignificar muitas de suas dificuldades de antes do diagnóstico.

JV: (++) é mais um sentimento assim é de realização (++) por que eu tô praticamente significando algumas peculiaridades que já ocorriam na minha vida durante muito tempo e repetidas (++) e de forma repetida (+) então eu tô praticamente significando (+) eu tô significando todas essas características e isso é muito bom (+) porque eu consigo achar um sentido agora na (++) e não pensar que é um problema assim (++) algo que é da minha identidade (++) algo defeituoso (...)

Brown e Levinson postulam que dar razões é uma maneira de implicar "eu posso ajudá-lo" ou "você pode me ajudar", e, assumindo a cooperação, uma maneira de mostrar que a ajuda do outro é necessária. **SS** deixa claro através de sua fala o real motivo para a roda de conversa acontecer. Ela, juntamente com os outros participantes oferecem, através da roda, uma conscientização sobre o quanto é importante conhecer as características, os desafios, os hábitos das pessoas com TEA, para que possam ser aceitas, apoiadas, abraçadas e amadas. Dessa forma, ela se utiliza da estratégia **de Polidez Positiva on-record – Ofereça/prometa**.

SS: - (...) nós precisamos amar mais principalmente pessoas que que não são (++) que não são como a gente (+) entende? porque quando a gente faz isso (+) a gente cria novos horizontes para elas porque é (+) a mas você tem que batalhar você tem que conseguir (+) você tem que você tem que (+) tem que se esforçar mais (++) cara eu ouvir isso é tipo você pedir pra eu virar um neurotípico do nada porque (++) porque tudo que está a minha volta é uma interpretação do meu cérebro que é diferente da interpretação do seu cérebro (+) então(+) nós temos todos uma outra visão(+)todo um outro comportamento todo uma outra é (++) comunidade de autistas (+) **então nós precisamos é (+) dar apoio as pessoas para que elas nos apoiem (+) entende? e essa é a função dessa live (+) instruir as pessoas para que elas possam cada vez mais abraçar a gente (+) né?**

CS, em seu turno ao responder um questionamento da mediadora da roda sobre sua opinião a respeito do que é neurodiversidade, busca um acordo em sua fala. Como estudante de psicologia pressupostamente possui entendimento sobre padrões de comportamento humano. Dessa forma busca de sua mentora que ela concorde com o que ele explicita, pois sua colocação circunscreve vários aspectos, desde a noção de uma condição neurológica à concepção da diversidade humana. Ao

fazer isso, se utiliza da estratégia de **Polidez Positiva** – *on record* - **Procure acordo com o outro.**

CS: (+) neurodiversidade é a noção de que condições neurológicas fora do padrão são partes naturais da diversidade humana (++) então assim como eu tenho (++) assim como tem diferentes cores de pele, diferentes cores dos olhos também existem diferentes tipos de cérebro e são variações naturais da diversidade humana (+) portanto não devem ser eliminadas (...)

Segundo Brown e Levinson (1987), as estratégias de Polidez Positiva são utilizadas quando existe um desejo de aproximação em que o falante almeja pelo menos alguns dos desejos do ouvinte. Nessas interações é importante que haja interesse e aprovação da personalidade um do outro, para que se estabeleça uma reciprocidade, baseada em pressupostos que indicam desejos e conhecimento partilhados.

Baseados nessa afirmação de Brown e Levinson (1987), podemos perceber que **JV** em sua fala demonstra ter uma reciprocidade com sua médica. Atribuindo-lhe o mérito da descoberta de seu diagnóstico após uma longa trajetória passando por alguns profissionais, pois cabe ao médico psiquiatra ou neurologista a incubência de diagnosticar problemas relativos à mente humana. **JV** ao evidenciar a competência profissional da médica faz uso da estratégia de **Polidez Positiva** – *on record* - **Finja/ simule ou afirme /Evidencie reciprocidade.**

JV: o professor Jefferson Falcão (+) que é aluno dela de doutorado (+) e ele é (++) tem uma filha com (++) que faz parte do transtorno do espectro autista que indicou a dra. Fernanda (+)psicóloga e a dra. Fátima (++) então foi através de todo esse link né? (...)

Brown e Levinson (1987) postulam que o sujeito, ao optar por ser vago sobre suas opiniões para não ser visto como alguém que tende a discordar, faz uso de expressões que demonstram os extremos em uma escala de valor relevante. **JV** em sua fala menciona o relevante trabalho que vem sendo realizado incorporado ao projeto empreendido pela Abraça Autismo Brasil, trabalho esse que todos os participantes da roda fazem parte. Dessa forma nenhum dos presentes deixaria de concordar com sua fala sobre as qualidades do projeto e como cada um deles se posiciona a favor do ativismo pela neurodiversidade. **JV** faz uso de uma estratégia de Polidez Positiva – *on record* – **Evite o desacordo.**

JV: é (+) debater sobre a (+) sobre essas leis (+) né? (+) **e trabalhar justamente (+) trabalhar como como (+) como é que age (+) como a abraça tá fazendo (+)** trabalhar com ativismo (+) e também o governo precisa se manifestar (+) né? (...)

Nesse outro trecho de sua fala JV continua se utilizando da mesma estratégia buscando sempre evitar o desacordo, visto que ele já possui um entendimento de como cada integrante da roda se posiciona em relação as questões sociais relacionadas aos autistas, bem como ao ativismo da neurodiversidade. **JV** também argumenta sobre a importância de ter bons profissionais envolvidos, como psiquiatras, fazendo referência a área de atuação da médica presente. Podemos afirmar que sua fala é bastante permeada por essa estratégia.

JV: eles poderiam trabalhar com campanhas de marketing governamental para informar a população através de argumentos de autoridade psiquiatras e psicólogos sobre o transtorno espectro autista (+) e também usar relatos (+) né? (+) de nós ativistas da neurodiversidade (+) o ministério da educação (+) poderia fazer projetos pedagógicos é (+) com (+) com psicopedagogos pesquisadores (+) é psicólogos na área habilitar os demais educadores e de uma certa forma (+) é (+) ressignificar (+) alterar (+) é (+) o padrão da educação que a gente tá vivendo (...)

No diálogo abaixo em JV e FD o advérbio “né”, que é a contração da expressão “não é”, é utilizada diversas vezes. Essa expressão é geralmente utilizada para confirmar o que foi falado anteriormente ou para pedir aprovação sobre alguma coisa. Ao pedir aprovação a FD sobre algo que foi dito JV faz uso de uma outra estratégia de **Polidez Positiva – on record – Pressuponha/ aumente/ confirme pontos/terrenos em comum**. Essa estratégia é utilizada por ele durante muitos trechos de suas falas.

FD: - (+) eu acho que na medida que vocês tão ganhando força (+) né (+) na Abraça (+) nos congressos de autismo (+) nos diferentes ativismos (+) né que vocês estão fazendo por aí (+) nas universidades (+) na ciência (+) né? (...)

FD: - então assim babando com essa contribuição imensa que vocês tão dando (+) não só para o entendimento do que é o autismo (+) mas pra esse (+) para desmontar esse modelo ainda tão capacitista (+) tão excludente (+) tão competitivo que a gente vive hoje (+) é isso (+) eu queria então ouvir cada um de vocês em suas considerações finais (+) que recado vocês têm pra dar (+) aqui prá pessoas que estão confinadas em suas casas (+) algumas delas assombradas com o que estão vendo dentro de si (+) e antes de passar prá considerações finais eu hoje atendi um menino de 13 anos (+) autista (+) na (+) foi uma consulta diagnóstica e isso que a Emiliana disse é verdade(+), vocês têm um autoconhecimento tão grande (+) vocês tem um cuidado com as palavras tão grande e passam tanto tempo refletindo sobre

si mesmos que talvez (+) por isso (+) vocês sejam pessoas tão (+) na imensa maioria dos autistas que eu conheço (+) pessoas tão confiáveis (+) porque vocês passam muito tempo matutando sobre suas próprias ações (+) né? (+) então (+) é muito bacana (+) e muitas vezes os neurotípicos são tão voltados para fora que tem pouco tempo de trabalhar essa interioridade (+) então (+) o que é que vocês diriam como considerações finais(+), que recado vocês dão aí (+) principalmente aqui no Brasil pra quem tá hoje refletindo sobre si mesmo (+) sobre a sociedade (+) sobre a pandemia (++) quem começa? (...)

JV: (+) mas (+) é (+) é justamente sobre a perspectiva de uma pessoa que tem (+) que faz parte do transtorno do espectro autista (+) é (+) **eu noto que nós nascemos (+) né?** com essa capacidade é(+), não no automático(+), mas no manual (+) **então a gente acaba racionalizando muito (+) né? (+) a gente acaba racionalizando muito as emoções(+), né? (...)**

é: (+) algumas habilidades (+) a gente tem que ir no manual do nosso cérebro e não vai a (+) e não vai ocorrer de forma automática (+) já o neurotípico (+) que ocorre de forma automática (+) ele acaba nem refletindo sobre as emoções dele (+) sobre é (+) praticamente as habilidades sociais (+) ele simplesmente faz (+) então (+) isso é de uma certa forma prejudicial (+) e (+) **nesse período de quarentena (+) né? (+) em que as pessoas estão (++) só estão assim mais (+) é (+) reflexivas (+) né? (+) tem essa oportunidade de refletir (+) sobre as suas (+) os seus problemas (+) né? (+)** e: todas as suas fragilidades é (++) é uma oportunidade de justamente (+) é (++) **melhorar (+) de aperfeiçoar (+) como é o nosso caso (+) né? (...)**

JV em outra de suas falas utiliza novamente a mesma estratégia buscando a confirmação de pontos/terrenos em comum com sua médica e com seus colegas da roda.

JV: (+) pro autismo ser considerado o novo normal eu gostaria de trazer (+) a discussão entre conscientização social e responsabilidade pública (+) né? e justamente a gente fazer um link entre essas suas (+) mas como assim? (+) conscientização social é (+) tá justamente ligado a compaixão ao caráter de solidariedade (+) **é você entender o lado (+) o outro lado do que aquela pessoa tá sentindo (+) né?(...)**

SS: a sociedade tem que progredir junta (+) não pode deixar os outros para trás, é (++) não pode botar uns na frente (+) acorrentar outros num poste e simplesmente ir embora (+) as pessoas têm que progredir juntas e só se faz isso olhando pro outro (+) olhando para si mesmo e olhando pro futuro (+) e (++) é só isso que eu tenho a falar (+)

Segundo Brown e Levinson, o ato ameaçador da face negativa é realizado (on record), a partir de estratégias que diminuem a ameaça a face, como o uso do “por favor” ou ao pedir desculpas. Ao utilizar esses enunciados, o falante evidencia não querer invadir o território do ouvinte ou interferir em sua liberdade de ação.

SS se utiliza dessa estratégia de **polidez negativa on-record - Peça desculpas**. Ao pedir desculpas a médica por não estar atenta a fala dela e dessa

forma não estar apta a responder seu questionamento sobre o tema discutido. Mostrando um certo desinteresse no tema levantado naquele momento.

SS: sim é (++) eu não tava prestando muita atenção quando você disse o tema (+) qual é mesmo? (+) desculpa (...)

Segundo Goffman (1967), não existem situações de fala que não exijam dos participantes uma certa preocupação sobre como tratar a si mesmo e aos outros. Os interlocutores buscam sempre um acordo, visto que a negociação é sempre originária de um conflito ou divergência.

JV em sua fala demonstra seu posicionamento a respeito de nossa sociedade e o desconhecimento a respeito do autismo, que essa sociedade apresenta. Em seu enunciado utiliza-se da estratégia de **polidez negativa - on-record - Seja pessimista.**

JV: o que eu noto assim no caráter social (++) que as pessoas desconhecem (++) elas não entendem é (++) praticamente nada do espectro autista (...)

Outra estratégia bastante utilizada para preservação das faces é a estratégia de **polidez Negativa – on record – para face negativa - Impessoalize o falante (self) e o outro. Evite pronomes “eu” e “tu”**. Nesse exemplo abaixo CS critica as situações nas quais os autistas estão sujeitos. Mas sua fala demonstra um não pertencimento, uma não inclusão ao grupo dos autistas, dessa forma mantém uma distancia da situação abordada.

CS: como a família é (++) trata os autistas ou distrata (+) como as escolas não são adaptadas a acolher esses alunos (++) como as universidades também não são (+) o trabalho (+) o mercado de trabalho também não é adaptado a acolher autistas (++) ou seja (+) a sociedade não tá preparada para acolher autistas de todos os níveis (++) seja o autista leve oralizado (+) seja o autista de nível 3 não oralizado (...)

A segunda roda a ser analisada foi transmitida no dia 03 de julho de 2020, com os 2 integrantes da Casa da Esperança, membros da Abraça Autismo Brasil sede Casa da Esperança Fortaleza, e outros membros da Abraça Brasil em outros estados. A roda apresenta uma discussão entre 3 mulheres autistas, sendo 2 delas participantes de tratamentos terapêuticos na Casa da Esperança, a presidente da

Associação, mulher autista. Na roda também participaram duas mulheres não autistas, sendo elas; a assistente social da Casa da Esperança e uma pesquisadora, que realiza pesquisas sobre o autismo. A discussão vai permear assuntos ligados a sexualidade no autismo e a sua conscientização para a prevenção de abusos sexuais. A roda tem como título: “Sexualidade, relacionamentos e direito ao próprio corpo”⁷. Vejamos como esses sujeitos aplicam as máximas e outras estratégias de polidez em seus enunciados.

⁷ Roda de conversa disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=l6MIqXZDSGc>

<p>Máxima do discernimento a) minimize o custo ao outro; b) maximize o benefício ao outro.</p>	<p>Fala 1 BM: (+) e que falar sobre sexualidade, não vai(+ não (+) não tem nada de errado em falar sobre sexualidade.(+) pode até proteger o seu filho de(+ de abusos (+) porque se você não falar sobre (+) o, sobre sexualidade (+) é (+) vai (+) a pessoa fica mais suscetível ao abuso</p>
<p>Máxima da generosidade a) minimize o benefício para si próprio; b) maximize o custo para si próprio.</p>	<p>Fala 1 FS: (+) a Bruna foi nossa relatora e ela (+) apresentou o:: os resultados do grupo (+) então eu vou convidar Bruna para falar um pouco sobre sobre isso (+) e falar um pouco sobre todas as questões que apareceram lá no eba e durante acampanha ela participou de um monte de rodas de conversa (+) e de ações sobre isso (+) então Bruna fica à vontade tá (+) pode falar B: - (+) como eu falo? (+) eu falo como? FS: - (+) fala (+) fala do jeito que você quiser</p>
<p>Máxima de aprovação a) minimize a depreciação do outro; b) maximize o enaltecimento do outro.</p>	<p>Fala 1 BM: hoje em dia (+) a minha mãe entende mais (+) graças a essa companha (+) ela entende mais (+) minha mãe (+) o importante é que ela entende mais(...)</p>
<p>Máxima da modéstia a) minimize o enaltecimento de si mesmo; b) maximize o outro.</p>	<p>Fala 1 FS: é (+) em relação a questão da::+) da:: (+) da orientação (+) especialmente das crianças(+ eu (+) ham (+) queria recomendar aquele material muito bacana que, que, saiu aí, não há muito tempo (+) que(+ do grupo Eu Me Protejo (+) que tá disponível de graça (+) ham (+) na internet (+) ham (+), a gente pode deixar o link depois (...)</p>
<p>Máxima de concordância a) maximize a concordância entre si e outro; b) minimize a discordância entre si e o outro.</p>	<p>Fala 1 FS: e foi muito bacana (+) assim e foi muito bacana, assim, na ABRAÇA a gente tem tentado fazer essa intersecção porque a gente sabe que tem muita gente que é autista e que é LGBT (+) e é uma intersecção importante porque gera discriminação múltipla (+) ham (++) então as vezes tem umas situações muito (+) muito complicadas(+ que:: (+) que aparecem daí (+) então a gente foi fazer essa discussão lá na página da:: (+) da universidade (...) Fala 2 FS: foi muito legal (+) o resultado foi muito legal, é (+) e (+) é sempre importante a gente cruzar então (+) todas as questões com as questões das identidades (+) ham (++) e aí hoje a Ana Cândida veio falar com a gente, pra falar um pouco sobre (+) é:: a sexualidade (+) que é uma orientação sexual (+) uma identidade (+) né? (...)</p>

(conclusão)

<p>Máxima da simpatia</p> <p>a) minimize a antipatia entre um e outro; b) maximize a simpatia entre si e outro.</p>	<p>Fala 1</p> <p>FS: também cruza aí com um monte de mitos (+) é (+) de mitos tanto sobre o autismo (+) quando a gente se relaciona com o autismo (+) quanto sobre a (+) a (+) a própria sexualidade em sí (+) e:: é (+) então eu vou passar pra Ana falar pra gente sobre isso(+) porque é bem importante a gente abrir espaço pra discutir isso (+) ham (+) aqui no nosso contexto (+) porque é muito fácil a gente cair em um monte de mitos (...)</p>
--	--

Fonte: elaborado pela autora

Partiremos agora para as análises das falas desses sujeitos tendo como fio condutor as categorias propostas por Brown e Levinson (1987). Da mesma forma que fizemos em nossas análises da primeira roda na sessão anterior.

Em sua fala, **FS** utiliza nesse dado momento uma estratégia de **Polidez Positiva *on-record*** para face positiva – **Exagere. Demonstre interesse, aprovação, simpatia com o outro.** **FS** demonstra o seu interesse na fala, bem como na opinião dos outros participantes da roda. Nesse trecho seu interesse maior é com a opinião de Ana, a participante que fará suas considerações a partir do que **FS** menciona abaixo.

FS: que a gente não fala o suficiente a respeito (+) ham (+) e:: (+) também cruza aí com um monte de mitos (+) é (+) de mitos tanto sobre o autismo (+) quando a gente se relaciona com o autismo (+) quanto sobre a (+) a:: (+) própria sexualidade em sí (+) e::é (+) **então eu vou passar pra Ana falar pra gente sobre isso (+) porque é bem importante a gente abrir espaço pra discutir isso (+) ham (+) aqui no nosso contexto (+) porque é muito fácil a gente cair em um monte de mitos (...)**

Segundo Brown e Levinson (1987), uma das estratégias de polidez bastante comuns é deixar claro que seus interlocutores, participantes da roda são ouvintes admiráveis e interessantes. **FS** apela, portanto, para um exagero na aprovação e simpatia pelo ouvinte, nesse caso a assistente social, que participou da campanha sobre sexualidade deixando claro sua estima pela participante. Ao agir dessa forma **FS** faz uso da estratégia de **Polidez Positiva *on-record*** para face positiva - **Intensifique o interesse para com o outro.**

FS: a Sônia participou de um monte de ações (+), ham (++), junto com as famílias e, levando esses materiais que a gente fez. E levando essas discursões pra rodas de conversas e, e, bom, eu vou deixar a Sônia contar, ela sabe muito melhor do que eu (+) e:: (+) (risada) (+) o que (+)

que rolou (+) ham (++) por aí (+) a gente fez em várias partes do Brasil (+) a gente fez ações (...)

FS: é (+) em relação a questão da::(+): da::(+): da orientação (+) especialmente das crianças (+) **eu (+) ham (+) queria recomendar aquele material muito bacana que, que, saiu aí, não há muito tempo (+) que (+) do grupo Eu Me Protejo (+)** que tá disponível de graça (+) ham (+) na internet (+) ham (+), a gente pode deixar o link depois (...)

Na fala de **FS** abaixo ela se refere várias vezes ao material utilizado e como esse material foi importante para que a campanha tenha obtido êxito. Alguns dos participantes da roda de conversa tiveram participação ativa e direta na campanha, por isso FS ao mencionar todas as ações do faz uso de uma outra estratégia de **Polidez Positiva – on record – Pressuponha/ aumente/ confirme pontos/terrenos em comum**. Essa estratégia é utilizada para confirmar as ações realizadas e dessa forma confirma e fortalece o terreno em comum.

FS: Eu me lembro que, **quando a gente conseguiu essa campanha, a gente fez um material muito legal, que aliás, quem tiver interessado, ainda tá disponível no nosso site**. É(...), foi uma, uma, um folder que ficou muito acessível, ficou muito interessante que, trazia várias informações sobre isso, incluindo os vários direitos que **a gente tem e esse material, ham, depois a gente usou esse material pra fazer um monte de ações(...)**

Em seu turno **FS** usa outra estratégia de **Polidez Positiva on-record** ao usar **marcadores de identidade de grupo**, ao mencionar “a gente” se referindo aos autistas, assim como ela, em seu enunciado.

FS: ham (+) **a gente, a gente (+) é (++) a gente fez uma live que foi muito legal (+) é (+) na(+)** na página da (+) ham (+) universidade federal do paraná (+) **é (+) a gente foi convidado (+) pra (+) pra chegar lá e falar sobre autismo (+)** ham (+) orientação sexual e identidade de gênero (+) e foi muito bacana(+): assim (+) na **ABRAÇA (+) a gente tem tentado fazer essa intersecção porque a gente sabe que tem muita gente que é autista e que é LGBT (...)**

Nesse mesmo trecho, **FS** faz uso de outra estratégia de polidez ao demonstrar interesse na opinião de Ana sobre sexualidade. Em momentos durante a roda ela menciona a importância de se discutir sobre o tema, dando bastante valor ao posicionamento de suas interlocutoras. A essa indagação específica sobre como a sociedade vê os autistas como “anjos azuis” FS pede a AC para dar sua contribuição. **FS** faz uso da estratégia de **Polidez Positiva on-record** para face positiva – **Dê atenção ao outro e seus interesses, desejos, necessidades. Note-o.**

FS: - e a galera relaciona a::ai uma suposta pureza (+) é, angélica (+) negócio místico assim (+) que supostamente os autistas tem (+) **e aí eu queria que você falasse sobre (+) é (+) o que (+) que (+) como que isso (+) o que (+) que isso tem a ver com a sexualidade(+)**ou se não tem nada a ver ou (+) ou(+)**a(+)** como que as pessoas confundem uma coisa com a outra (+) ham (...) enfim (+) fala um pouco sobre essa, essa questão do anjo azul (+) **aí se você quiser (+) claro**

AC: - oh (+) sim (+) a:: (+) muitos autistas realmente que não tem essa consciência corpórea (+) isso faz com que as pessoas pensem que eles não pensam na sexualidade (+) mas (+) é como eu falei (+) libido é inerente a anatomia humana (+) é:: (+) é:: (+) mesmo(+)**mesmo aquela (+) aquela pessoa autista não verbal (+) que não oraliza (+) é (+) não (+) não (+) não se comunicam oralizando (+) é:: (+) elas (+) elas (+) elas tem o:: (+) o:: (+) elas tem o direito de desenvolver essa (+) essa sexualidade**

Em sua fala abaixo, **SS** utiliza nesse momento uma estratégia de **Polidez Positiva *on-record*** para face positiva - **Inclua a si (falante) e o outro (ouvinte) na atividade**. Ao incluir a si (falante) e aos outros (ouvintes) na atividade interacional, os participantes autistas da roda de conversa, ela reclama para si um sentimento de pertença a um grupo, que nesse caso específico, é o grupo autista.

AC: (+) nós (+) principalmente autistas (+) que (+) quer dizer (+) eu falo pelo (+) pelo (+) pelo (+) pelo (+) por autistas (+) porque eu sou uma autista (...)

AC em seu turno ao dar sua opinião a respeito de questões sobre orientação sexual, identidade busca um acordo em sua fala. Ao falar sobre os tabus enfrentados por autistas, principalmente no que tange a consciência corpórea desses sujeitos. Dessa forma busca da roda que todos concordem com o que ela explicita, pois sua colocação circunscreve vários aspectos atrelados a sexualidade humana. Ao fazer isso, se utiliza da estratégia de **Polidez Positiva – *on record* - Procure acordo com o outro**.

AC: eu achei (+) eu acho interessante(+)**que essa(+)** essa(+)**a quantidade de tabus que a gente (+) é (+) que a gente é obrigado a enfrentar durante toda a vida faz com que a gente não tenha (+) nós (+) principalmente autistas (+) que (+) quer dizer (+) eu falo pelo (+) pelo (+) pelo (+) pelo (+) por autistas (+) porque eu sou uma autista(+)** né?+) eu não sei se todos(+)**mas(+)** mas eu me vejo com a dificuldade de (+) de (+) de (+) de **consciência corpórea muito(+)** muito grande (+) a:: eu tenho problema(+)**a:: (+) até a Sônia introduziu mas (+) mas não (+) não completou porque eu acho que ela((incompreensível))**

AC em sua fala não afirma que “todos” os autistas têm dificuldades com a linguagem de seus corpos e que essa dificuldade é inerente ao ser autista de como uma característica inata. Mas, ao fazer menção a essa dificuldade que acontece com os autistas que ela conhece, ela restringe esse número aos autistas que conhece. Dessa forma nenhum dos presentes deixaria de concordar com sua fala sobre as dificuldades que ela afirma que acontece com as pessoas com quem tem contato direto. **AC** faz uso de uma estratégia de Polidez Positiva – *on record* – **Evite o desacordo.**

AC: (+) pessoas(+), pessoas como eu (+) por exemplo(+), eu não sei(+), eu não sei exatamente se eu falo por outros autistas(+), mas(+), mas(+), **eu sinto que(+), que pelo menos os autistas que eu conheço(+), tem muitas dificuldades de(+), de encarar a(+), a própria(+), a(+), própria linguagem do corpo, a própria(+), a própria, a própria(+), é (+) as próprias noções(+), de(+), de(+), do(+), do(+), do(+), da(+), dos limites e das possibilidades (+) das(+), das possibilidades do corpo(...)**

Na fala abaixo **AC** ao mesmo tempo que demonstra um certo desconforto com a ideia da sociedade pensar que quando o sujeito não tem uma consciência corpórea dificilmente terá uma sexualidade desenvolvida. Ela menciona que tem seu lugar de fala e que o fato de se descobrir assexuada não a exclui de ter amores platônicos e dessa forma sentir sua sexualidade. **AC** demonstra positivismo ao relatar que apesar de preconceitos estabelecidos socialmente ela foge aos padrões impostos. Sendo positiva em sua fala, ela se utiliza da estratégia de **Polidez Positiva** – *on record* – **Seja otimista.**

AC: só que as pessoas acham que por não ter consciência corpórea(+), a pessoa não pensa(+), ou não(+), ou não quer desenvolver a sexualidade(+), **mas(+), energia(+), é uma questão de energia vital(+), a sexualidade é(+), é:: (+) mesmo para assexuais(+), e isso(+), isso eu falo(+), é::: (+) eu tenho(+), um lugar de fala(+), é::: (+) eu sou assexual(+), e mesmo sendo assexual eu tenho amores platônicos(...)**

Na fala de **BM** esta oferece razões para as famílias falem sobre sexualidade com seus(as) filhos(as), principalmente os autistas, para que haja uma conscientização e através dessa conscientização uma diminuição da estatística de pessoas que sofrem abusos sexuais. Dessa forma ela se utiliza da estratégia de **Polidez Positiva** *on-record* – **Dê ou peça razões.**

BM: (+) e que falar sobre sexualidade, não vai(+), não (+) não tem nada de errado em falar sobre sexualidade. (+) pode até proteger o seu filho

de(+) de abusos(+) **porque se você não falar sobre(+)** o, sobre sexualidade(+) **é (+) vai(+)** a pessoa fica mais suscetível ao abuso (...)

Seguindo em seu turno **AC** faz referência a libido sexual como um aspecto orgânico e inerente a todo ser humano. Ao clamar para si e para todos os presentes o direito inato de ter libido sexual demonstra reciprocidade com todos os presentes na roda. **AC** faz uso da estratégia de **Polidez Positiva – on record - Finja/ simule ou afirme /Evidencie reciprocidade.**

AC: (+) e eu tenho a sexualidade(+) **a(+)** a(+) **a libido embotada(+)** é(+) **mas(+)** **mas a minha(+)** a minha noção de que(+)**todo mundo possui(+)** **todo mundo tem libido(+)** é(+)**pra mim (+)** ninguém tira da minha cabeça (+) **porque é uma questão anatômica (...)**

BM demonstra toda sua simpatia e cooperação com a campanha que a Abraça Autismo Brasil realizou e já evidencia os resultados da campanha em sua vida familiar. **BM** utiliza da estratégia de **Polidez Positiva – on record – Dê presentes ao outro (simpatia, compreensão, cooperação).**

BM: -bom(+) **eu(+)** minha família é muito super protetora(+) **eles acham ruim** o fato de eu chegar nos meninos quando eu tô interessada em algum menino(+) **eu chegar junto(+),** eles se incomodam(+) **hoje em dia(+)** a minha mãe entende mais(+) **graças a essa companhia(+)** ela entende mais(+)**e::** os outros povo da minha família não entende muito bem(+)**mas(+)** minha mãe(+)**o importante é que ela entende mais (...)**

A terceira roda a ser analisada não nos fornece informações sobre a data de sua transmissão. A roda contará com a presença de 3 integrantes, sendo 2 deles da Casa da Esperança, membros da Abraça Autismo Brasil e outro membro da Abraça Brasil no Rio de Janeiro. A roda apresenta uma discussão entre os 2 sujeitos autistas e a mediadora da mesa, pesquisadora sobre o autismo e neurodiversidade. A discussão vai permear assuntos ligados a capacitismo na vida social autista, questões sobre gênero sexual, homofobia e sexismo. A roda tem como título: “Capacitismo e gênero”⁸. Vejamos como esses sujeitos aplicam as estratégias de polidez em seus turnos.

⁸ Roda de conversa disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=v5QsQ9fbwKc>

Quadro 8 - Análise pela autora conforme as Máxima de Leech

<p>Máxima do discernimento</p> <p>a) minimize o custo ao outro;</p> <p>b) maximize o benefício ao outro.</p>	<p>Fala 1</p> <p>AC: - eu acho que que que eu sou(+) eu sou::um ser pensante(+) e seres pensantes são capazes de de de de de evoluir(+) inclusive nos conceitos(+) evoluir(+)alguns involuem(+) eu sei(+) mas mas(+) mas eu acho que a gente é capaz de aprender muito(...) não sei se se(+) se eu falei(+) deu para entender(...)</p>
<p>Máxima da generosidade</p> <p>minimize o benefício para si próprio;</p> <p>b) maximize o custo para si próprio.</p>	<p>Fala 1</p> <p>AC: - então você tem como o Ciel falou você tem a(+) pessoas alinhadas com feminilidade e pessoas alinhadas com a masculinidade(+)você pode ver pessoas performando masculinidade ou performando feminilidade mas(+) são andrógenes(+)tem identidade de gênero androgenim(+) é e pessoas que são esteticamente andrógena(+)andrógenas quer dizer desculpa eu erre(+)são esteticamente andrógenas(+) né?</p>
<p>Máxima de aprovação</p> <p>a) minimize a depreciação do outro;</p> <p>b) maximize o enaltecimento do outro.</p>	<p>Fala 1</p> <p>AC: - não querendo dizer(+)não relativizando a identidade de gênero eu tô querendo dizer que que que que(+) eu não estou diminuindo a importância de uma identidade(+)CLARO que a gente precisa de uma identidade a gente precisa de de de(+)a gente precisa se vestir de si principalmente porque(...) e essencialmente porque a gente precisa ser(+)olha olha o empoderamento da palavra ‘Eu Sou’(+) isso maravilhoso(+)isso é maravilhoso(+)</p>
<p>Máxima da modéstia</p> <p>a) minimize o enaltecimento de si mesmo;</p> <p>b) maximize o outro.</p>	<p>Fala 1</p> <p>AC: - ah (...) inclusive eu queria falar antes sobre essa questão dos padrões que eu achei maravilhoso a fala do Ciel (+) essa essa questão (+) eu tenho até uma teoria sobre sobre sobre essa questão(...)</p>
<p>Máxima de concordância</p> <p>a) maximize a concordância entre si e outro;</p> <p>b) minimize a discordância entre si e o outro.</p>	<p>Fala 1</p> <p>AC: - eu costume (...) eu costume é(...) é pensar (+) inclusive eu acho que muita gente pensa também igual a mim(+) eu acho que que essa questão de capacitismo é muito é muito mais é muito intensa a mulheres ou(+)ou mulheres trans(...)</p>
<p>Máxima da simpatia</p> <p>a) minimize a antipatia entre um e outro;</p> <p>b) maximize a simpatia entre si e outro.</p>	<p>Fala 1</p> <p>AC: - como o Ciel falou (+) como a gente é muito (+) a gente é alvo de muito capacitismo (+) alvo de muitos olhares enviesados (+)</p>

Fonte:elaborado pela autora

Mais uma vez usaremos agora para nossas análises as categorias propostas por Brown e Levinson (1987). Da mesma forma que fizemos em nossas análises das rodas anteriores.

Em outra fala, **AC** utiliza nesse dado momento uma estratégia de **Polidez Positiva on-record** para face positiva – **Exagere. Demonstre interesse, aprovação, simpatia com o outro.** Como noção basilar de sua teoria Brown e Levinson (1987) afirmam que todo sujeito se desdobra para ter sua necessidade de apreciação e reconhecimento satisfeitos. Seguindo essa concepção, **AC** demonstra admiração e

interesse na fala, e o posicionamento de Ciel. Ao fazer esse elogio **AC** comunica que os desejos de ambos são semelhantes. Brown e Levinson postulam que na Polidez positiva é importante que seja demonstrado interesse e aprovação da personalidade um do outro, o que indica que desejos compartilhados e conhecimentos compartilhados ocorrem nas interações. (BROWN e LEVINSON,1987).

AC: - ah (...) inclusive eu queria falar antes sobre essa questão dos padrões que (...) **eu achei maravilhoso a fala do Ciel(+)** essa essa questão(+) eu tenho até uma teoria sobre sobre sobre essa questão (...)

Segundo Brown e Levinson (1987), uma das estratégias de polidez bastante comum é deixar claro que seus interlocutores, participantes da roda são ouvintes admiráveis e interessantes. AC mais uma vez demonstra seu interesse na fala de Ciel. Podemos perceber que ambos compartilham das mesmas opiniões sobre o tem que está sendo discutido. Ao agir dessa forma **AC**, faz uso da estratégia de **Polidez Positiva on-record** para face positiva - **Intensifique o interesse para com o outro.**

AC: - (...) não mas isso é uma opinião pessoal (+) eu acho que as pessoas estão tempo todo agregando valores a a existência estão conhecendo coisas novas so(...) inclusive sobre si (+) e faz com que as(...) e faz com que a gente se questione **como o Ciel falou sobre a nossa(+)** a nossa é(...) é(...) **vivencia de gênero(+)** nossa própria identidade(+) **né?**

AC em sua fala, ao se referir sobre as mulheres, sendo ela também mulher, se utiliza da estratégia **de polidez positiva - on record - use marcadores de identidade do grupo.**

AC: (...) identificar essas características em mulheres porque elas elas moldam o comportamento (+) e **a gente molda o comportamento porque a sociedade exige isso (+)** a sociedade exige que a gente que a gente tem um perfil é:é: **de de comportamento x que faz com que a gente se mascare a vida inteira(+)** né?

AC, em seu turno ao denunciar a discriminação oriunda do capacitismo que é o tema principal da roda de conversa, reforça sua necessidade de ter sua opinião aceita. Ao fazer isso, se utiliza da estratégia de **Polidez Positiva – on record - Procure acordo com o outro.**

AC: (+) isso é muito é muito é muita discriminação é muita é muita é muita rigidez do pensamento é muito a a o **o capacitismo (+)** eu eu percebo muito

**capacitismo quando as pessoas dizem assim para mim (+) e e isso estou falando de uma forma bem pessoal isso na verdade toda a minha fala é toda minha fala é bem pessoal(+)
né?**

AC mulher autista, menciona para os outros participantes da roda sobre sua condição autista, sobre ser mulher ao mesmo tempo delimita a roda, como seu lugar de fala, onde tem voz e é respeitada por ser quem é. **AC** faz uso de uma estratégia de Polidez Positiva – *on record* – **Evite o desacordo**.

**AC: eu falo (+)eu falo principalmente de mulheres (+) de mulheres autistas porque é o meu lugar de fala que eu sou autista (+) e:: e:: e:: e eu percebo isso em mim (+) que que ((incompreensível)) eu já cheguei a(+)
vou vou dar um exemplo prático(+)
uma vez que aconteceu comigo(+)
eu já cheguei a a ser comparada por exemplo a por que que você não é feliz se fulano de tal sofre muito tem uma doença terminal e não é feliz(+)
meu(++)
isso é um exemplo clássico de capacitismo(+)**

Ao longo de várias de suas falas, **AC** se refere várias vezes ao material utilizado e como esse material foi importante para que a campanha tenha obtido sucesso. Alguns dos participantes da roda de conversa tiveram participação ativa e direta na campanha, por isso FS ao mencionar todas as ações do faz uso de uma outra estratégia de **Polidez Positiva** – *on record* – **Pressuponha/ aumente/ confirme pontos/terrenos em comum**. Essa estratégia é utilizada por para confirmar as ações realizadas e dessa forma confirma e fortalece o terreno em comum

**AC: - eu costumo (...) eu costumo é(...) é pensar (+) inclusive eu acho que muita gente pensa também igual a mim(+)
eu acho que que essa questão de capacitismo é muito é muito mais é muito intensa a mulheres ou(+)
ou mulheres trans (...)**

CS ao escolher evitar mencionar o nome do grupo no qual ocorreu o fato que relata, não expõe as pessoas envolvidas na situação. **CS** tendo como pressuposto que o ambiente multimedia pode ser acessado por muitas pessoas ao vivo com a possibilidade de dialogar com os integrantes da roda ou de forma assíncrona, assistindo a roda em um outro momento, prefere não divulgar as informações. **CS** se utiliza da estratégia de **Polidez Positiva** – *on record* – **Afirme ou pressuponha o conhecimento e a preocupação que tem com os desejos do outro**.

**CS: - e assim também teve o caso recentemente um grupo muito grande de pessoas autistas que era o:: eu não sei se eu falo o nome do grupo(+)
melhor não falar não(+)
mas era um grupo do facebook que tem muita gente acho que 13 mil membros e aí uma pessoa fez um post uma enquete e ela usou pronomes neutros nessa enquete(+)
pronomes neutros geralmente para**

incluir pessoas não-binárias(+)o que aconteceu o post dela foi apagado e e ela teve que sair do grupo e o administrador ainda fez posts atacando pessoas autistas não-binárias(+) chamando a gente de floquinho de neve(+),essas coisas(+)

CS ao utilizar-se de vários enunciados com a locução pronominal “a gente” inclui a si e os seus interlocutores. A estratégia utilizada por **CS** é de **Polidez Positiva** – *on record* – **Inclua a si (falante) e o outro (ouvinte) na atividade.**

CS: a gente tem uma maior tendência a buscar autoconhecimento e a buscar padrões de que **a gente se encaixe (+)** então por isso que eu acho que o autista é mais propenso a se descobrir ser trans por causa desse(+), dessa autodescoberta(+), **que a gente vai fazendo sempre.**

AC ao evidenciar a importância de se assumir uma identidade, de se empoderar, vestir-se de si mesma, evidencia reciprocidade com todos da roda. **AC** faz uso da estratégia de **Polidez Positiva** – *on record* - **Finja/ simule ou afirme /Evidencie reciprocidade.**

AC: - (+) Wilson! (+) gente não tem que conviver só com o Wilson (+) né? a gente tem que conviver com outras pessoas(+), né? (+) então a gente precisa se mascarar o tempo todo (+) não querendo dizer (+) não relativizando a identidade de gênero eu tô querendo dizer que que que que: que: eu não estou diminuindo a importância de uma identidade(+), claro! (+) que a gente precisa de uma identidade a gente precisa de: de: de(+), a gente precisa se vestir de si principalmente porque(...)e essencialmente porque a gente precisa ser (+) olha olha o empoderamento da palavra ‘Eu Sou’ (+) isso maravilhoso, isso é maravilhoso, e e e as pessoas é(+), é:: é:: elas tendem a esvaziar discursos que (+) que são extremamente empoderadores porque elas se fixam em padrões(...)

A quarta roda a ser analisada foi transmitida no dia 18 de julho de 2020, com os dois integrantes da Casa da Esperança, membros da Abraça Autismo Brasil sede Casa da Esperança Fortaleza, e outros membros da Abraça Brasil em outros estados. A roda apresenta uma discussão entre cinco sujeitos, sendo dois deles participantes da casa da Esperança, juntamente com outros membros da Abraça Autismo Brasil. A discussão vai permear assuntos ligados ao sentimento de orgulho ao se descobrir parte do Transtorno do Espectro Autista. A roda tem como título: “18 de junho, dia do orgulho autista⁹¹⁰. Vejamos como esses sujeitos aplicam as estratégias de polidez em seus discursos.

¹⁰ Roda de conversa disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=JTAsHWWHYDw>

Quadro 9 - Análise pela autora conforme as Máxima de Leech

<p>Máxima do discernimento</p> <p>a) minimize o custo ao outro;</p> <p>b) maximize o benefício ao outro.</p>	<p>Fala 1</p> <p>WJ: - Bom(+) eu vou passar o comando aqui pra Fernanda(+)vamos lá presidenta</p> <p>FS: - então(+)gente(+) hoje a gente tá aqui pra conversar sobre o dia 18(+)dia do orgulho autista(+) sobre o que isso representa pra gente(...)</p>
<p>Máxima da generosidade</p> <p>minimize o benefício para si próprio;</p> <p>b) maximize o custo para si próprio.</p>	<p>Fala 1</p> <p>FS: -então eu gostaria de convidar vocês(+) também um de cada vez(+)aqui na ordem(+)primeiro aqui(+) Willian(+) Ariana(+)Eve(+)Adriana(+) Ciel por último e depois eu(+)aí a gente fecha o círculo (+)ham(+) para a gente falar o que(+) o que(+) o que vocês mais entendem por orgulho autista e o que vocês acham mais importante da gente levantar sobre esse, esse, esse conceito, essa expressão, esse tema(...)</p>
<p>Máxima de aprovação</p> <p>a) minimize a depreciação do outro;</p> <p>b) maximize o enaltecimento do outro.</p>	<p>Fala 1</p> <p>CS: - bom(+) meu nome é Ciel(+) eu tenho 23 anos(+)apesar de parecer ter 14(+) e eu fui diagnosticado aos 21 anos de idade(+) em 2017 para 2018(+)eu sou estudante de psicologia(+)e eu sou ativista pela Neurodiversidade(+)eu coordeno a página vida no espectro(+) coordeno um grupo de mesmo nome(+)e outros grupos aí(+) e também coordeno o grupo Neurodiversos(+)local de Fortaleza(+) da casa da Esperança(...)</p>
<p>Máxima da modéstia</p> <p>minimize o enaltecimento de si mesmo;</p> <p>b) maximize o outro.</p>	<p>Fala 1</p> <p>AM: - eu sou secretário-geral da ABRAÇA (+) e(+)é uma satisfação enorme estar aqui nesse dia do orgulho autista(+)é:: (+) eu sou uma pessoa autista(+) e::(+) é(+) feliz demais em comemorar o dia em que a gente celebra a nossa própria identidade(...)</p>
<p>Máxima de concordância</p> <p>a) maximize a concordância entre si e outro;</p> <p>b) minimize a discordância entre si e o outro.</p>	<p>Fala 1</p> <p>FS: - é(+) deixa eu começar(+) é contextualizando duas coisas(+) quando a gente fala que eu orgulho autista(+) né?(+) tem muita gente que de forma errônea ou por má fé mesmo(+)né? (+) tenta associar(+) orgulho autista à arrogância(+)não(+) para nós(+)o orgulho autista significar autoafirmação(+)para nós(+) o 18 de junho(+)para nós(+)esse sim(+)é o dia de conscientização(+)aceitação e de resistência(+)para nós(+)o 18 de junho é mais do que uma data(+)é um grito de alerta(...)</p>
<p>Máxima da simpatia</p> <p>a) minimize a antipatia entre um e outro;</p> <p>b) maximize a simpatia entre si e outro.</p>	<p>Fala 1</p> <p>WJ: - então(+) se hoje eu já(...)(+) se já tinha uma noção de::(+)se eu já me sentia numa(...)(+)missão de vida(+)né(+)de(+)de falar para os autistas(+) principalmente com relação ao meu hiper foco(+) até porque o hiper foco é(...)(+)com relação as eleições(+)né(+)meu hiper foco é por política(+) né(+)é(+) eu me sinto na missão de falar para os autistas entrarem para os partidos(+) para os movimentos sociais(+) ocuparem esses espaços de decisão(...)</p>

Fonte: elaborado pela autora

Partiremos novamente as nossas análises a partir de uma outra teoria norteadora, que sucede a teoria das máximas de Leech(1983). No trecho abaixo **WJ** faz uso da estratégia de polidez positiva que, segundo Brown e Levinson (1987), objetiva deixar claro que **FS** é uma participante importante na roda de conversa por ocupar o cargo de president da Abraça Autismo Brasil. **WJ** apela, portanto, para a menção do cargo de **FS** para colocá-la em uma posição de superioridade em relação aos outros presentes e membros da Abraça. Ao agir dessa forma **WJ** faz uso da estratégia de **Polidez Positiva on-record** para face positiva – **Exagere. Demonstre interesse, aprovação, simpatia com o outro.**

WJ: - Bom(+) eu vou passar o comando aqui pra Fernanda(+) vamos lá presidenta

FS: - então(+) gente(+) hoje a gente tá aqui pra conversar sobre o dia 18(+) dia do orgulho autista(+) sobre o que isso representa pra gente

WJ declara sua “missão de vida” como intenção e interesse em conscientizar todos os sujeitos autistas de que eles devem estar situados na política, nos movimentos sociais, nos espaços de decisão, para que suas vozes não sejam silenciadas e que possam ter vez dentro da sociedade. Ao mostrar-se interessado nessas questões sociais demonstra seu interesse em ajudar os autistas que por diversas vezes se vêem prejudicados. **WS** faz uso da estratégia - **Intensifique o interesse para com o outro.**

WS: então(+) se hoje eu já(...)(+)se já tinha uma noção de(+) se eu já me sentia numa(...)(+) missão de vida(+) né(+)(+)de(+)(+) de falar para os autistas(+)(+)principalmente com relação ao meu hiper foco(+)(+)até porque o hiper foco é(...), com relação as eleições, né, meu hiper foco é por política, né, é, eu me sinto na missão de falar para os autistas entrarem para os partidos, para os movimentos sociais, ocuparem esses espaços de decisão(...)

Em sua fala abaixo, **FS** utiliza nesse momento uma estratégia de **Polidez Positiva on-record** para face positiva - **Inclua a si (falante) e o outro (ouvinte) na atividade.** Ao incluir a si (falante) e aos outros (ouvintes) na atividade interacional ela reclama para si um sentimento de pertença a um grupo, que nesse caso específico, é o grupo dos autistas. Ao usar a locução pronominal “a gente” substituindo o pronome “nós”, que remete aos participantes da roda, todos sujeitos autistas.

FS: então(+)vamos começar a falar sobre orgulho autista(+)porque todo ano é a mesma coisa(+) **a gente começa a falar sobre orgulho autista(+)**no dia do orgulho autista ou na semana do orgulho autista(+)vem um monte de gente contestar porque na real(+)não entendem o que significa orgulho autista(+)o **que a gente quer dizer com orgulho autista(...)**

Segundo Van Dick (2015), a ideologia é definida em termos mais gerais, como uma forma básica de cognição social compartilhada pelos membros de um grupo, representando identidade de grupo, ações grupais e seus objetivos, normas e valores grupais, relações com outros grupos, e a presença ou ausência de recursos grupais. Tais ideologias representam interesses do grupo e são desenvolvidas por grupos a fim de organizar e controlar seu discurso e outras práticas sociais, que podem consistir em dominar ou resistir a outros grupos. Usamos marcadores de identidade de grupo quando buscamos fortalecer nosso discurso. Van Dick afirma que tendemos a enfatizar todas as “boas” características que “nosso” grupo possui, fazendo uso de recursos multimodais, lexicais, sintáticos, atos de fala e estratégias de polidez. No enunciado abaixo ao buscar fortalecer a identidade de grupo dos “autistas” **WS** usa a estratégia de **Polidez Positiva on-record – Use marcadores de identidade de grupo.**

WS: não(+) para nós(+)o orgulho autista significa autoafirmação(+)para nós(+)o 18 de junho(+)para nós(+)esse sim(+)é o dia de conscientização(+)aceitação e de resistência(+) para nós(+)o 18 de junho é mais do que uma data(+) é um grito de alerta(...)

Brown e Levinson(1987) afirmam que o enunciador poderá buscar uma conclusão em sua linha de raciocínio. Para atingir seus objetivos, ele reclamará por uma cooperação com seus interlocutores. Essa é a estratégia que **WS** utiliza através de sua fala, pois busca a cooperação de seus interlocutores, visto que todos os presentes possuem os mesmos pontos de vista e comungam dos mesmos pensamentos e sentimentos que inclusive, já foram mencionados anteriormente durante seus turnos. **WS**, em seu turno, busca que todos os integrantes da roda concordem com sua posição, pois utiliza-se de recursos lexicais que lhe permite demonstrar sentimentos comum com o restante dos autistas presentes. Sentir-se orgulhoso de ser quem verdadeiramente é trás realização e empoderamento ao ser humano e de forma nenhuma haveria desacordo com essa ideia que inclusive a mediadora da roda pediu para que todos falassem a respeito e o assunto já fora mencionado antes pelos outros participantes e era o principal motivo da roda de

conversa acontecer. Ao fazer isso, WS se utiliza da estratégia de **Polidez Positiva – on record - Procure acordo com o outro.**

WS: (...)todo mundo tá ligado quem é(+) nem preciso dizer mais nada(+) mas assim(+) **nós termos o orgulho de ser autista(+) não por(+) como apenas(+)como antônimo de vergonha(+)mas nós temos orgulho de ser autistas(+)principalmente porque nós temos orgulho de ser diferentes(...)**

Brown e Levinson (1987) postulam que o sujeito ao optar por ser vago sobre suas opiniões para não ser visto como alguém que tende a discordar faz uso de expressões que demonstram os extremos em uma escala de valor relevante. EV ao se utilizar da expressão “pois é”, que indica que o enunciador não deseja entrar em desacordo com seu interlocutor mas ao contrário, deseja concordar com o que foi dito anteriormente. Todos os outros participantes da roda falaram sobre a felicidade de se descobrir autista e de ter orgulho por quem eles são. **EV** faz uso de uma estratégia de Polidez Positiva – *on record* – **Evite o desacordo.**

FS: - sim(+) sim(+) sim(+) obrigada(+) oh(+) adaptação razoável para a Fernanda(+) vamos na ordem(+) Eve(+) fala aí
EV: - pronto(+) tão me ouvindo? (+) e: (...)**pois é(+) assim (...)**pra mim(+) o orgulho autista pra mim(+) meio(+) meio que seria uma libertação pra mim(+) porque (...) descobrir que eu sou autista foi uma libertação pra mim(+) porque (...)descobrir que eu sou autista foi uma das melhores coisa que aconteceu na minha vida(...)

FS ao querer ouvir a opinião de cada participante da roda demonstra seu interesse em confirmar que todos têm a mesma concepção a respeito do orgulho que todos sentem em ser sujeitos autistas. Assim, durante a conversação todos os participantes confirmarão seus posicionamentos comuns a respeito do sentimento que possuem em ser autistas. O uso do pronome “vocês” e logo depois a locução pronominal “a gente” que substitui o pronome “nós” na língua portuguesa pressupõe que os participantes da roda têm pensamentos em comum a respeito do que está sendo discutido. **FS** faz uso da estratégia de **polidez positiva – on record - Pressuponha/aumente/confirme pontos/terrenos em comum.**

FS: - ham (+) para a gente falar o que(+) o que(+)o que vocês mais entendem por orgulho autista e o que vocês acham mais importante para a gente levantar sobre esse(+) esse(+) esse conceito(+) essa expressão(+)esse tema (...)

Brown e Levinson (1987) afirmam que para que exista uma atitude cooperativa, ambos os interlocutores devem assumir que têm os mesmos desejos e que ambos vão ajudar para obtê-los e não deve haver uma presunção por parte de nenhum deles. Essa é a estratégia que **WS** utiliza através de sua fala, pois busca a cooperação de seus interlocutores, visto que todos os presentes possuem os mesmos desejos em comum e já mencionaram anteriormente durante seus turnos. Ele reclama por essa cooperação ao utilizar a contração “né” por duas vezes e ao pedir que seus interlocutores esclareçam se está cometendo algum equívoco, já sabendo que sua resposta quanto ao cometer equívocos seria negativa. A estratégia utilizada por **WS** é de **Polidez Positiva – on record – Seja otimista.**

WS: - já usando o pronome neutro (+) em respeito à comunidade(+) a comunidade trans(+) a comunidade não binária(+) **né? se eu tiver cometendo algum equívoco(+) por favor me avisem(+)né? (...)**

Brown e Levinson postulam que a existência de cooperação entre os interlocutores pode ser reivindicada através da viabilização de obrigações recíprocas. Ao cumprir os desejos da audiência da roda, **FS**, bem como os outros participantes, recebe como resposta dos presentes que assistem a roda e fazem comentários no chat, uma grande audiência e um grande número de comentários e elogios. Baseados nessa afirmação de Brown e Levinson (1987), podemos perceber que **FS** em sua fala demonstra ter uma reciprocidade com toda sua audiência que assiste a roda virtual e participa pelo chat. Podemos perceber por seu enunciado que **FS** demonstra sua satisfação em saber que todas as pessoas que os assistem apoiam e se posicionam a favor da causa por todos eles defendida. **FS** fala sobre a importância da presença da audiência para que a fala dos autistas ecoe em muitos outros sujeitos e ambientes. **FS** faz uso da estratégia de **Polidez Positiva – on record - Finja/ simule ou afirme /Evidencie reciprocidade.**

FS: - eu só quero agradecer muito (+) muito(+) muito(+) a galera que tá acompanhando a gente no::(+) no facebook(+) ham(+) a gente tá(+) tá aqui(+) é(+) acompanhando os comentários(+) muito(+) muito(+) muito:: obrigada(+) por deixarem aí um(+) um alô aí pra gente(+) isso é muito(+) muito(+) muito legal(+) ver que a gente tem tanto(+) tanto apoio(+) ham (...)e que as coisas(+) poxa(+) as coisas tão mudando(+) sabe? (...)

Brown e Levinson postulam que dar razões é uma maneira de implicar "eu posso ajudá-lo" ou "você pode me ajudar", e, assumindo a cooperação, uma maneira de mostrar que a ajuda do outro é necessária. **FS** pede que **WS** aguarde seu turno para poder falar. Ela pede para que ele deixe a outra participante falar sobre o tema que já haviam iniciado e seguir uma ordem de falas. Dessa forma ela se utiliza da estratégia de **Polidez Positiva on-record – Dê ou peça razões.**

WS: -é(+) antes do(+) da Evelen falar(+) né(+) eu queria rapidamente falar do (...) da pesquisa do(+) que o meu comitê ((incompreensível)) (...)
FS: -**W (+) espera a gente fechar o círculo(+)** pelo amor de **Deus(+)** **oh: a gente fecha essa rodada e aí depois tu fala sobre isso(+)** só pra gente não interromper o fluxo(+) **por que se não(+)** eu vou ficar completamente **doida(+)** aqui(+) **muito obrigada(...)**

A fim de corrigir a ameaça potencial de alguns FTAs, Brown e Levinson (1987) asseguram que os interlocutores podem optar por enfatizar sua cooperação de uma forma quer para o enunciador possa fazer promessas que demonstram sua boa intenção em satisfazer a face positiva de seu interlocutor. Nesse enunciado **A** demonstra toda sua insatisfação com a atitude de alguns sujeitos na sociedade em relação ao respeito pela data do orgulho autista. A partir de sua insatisfação ela promove que resistirá firmemente, que mostrará que a data do dia 18 de julho é uma data importante e diz respeito aos sujeitos com TEA e não seus pais ou **cuidadores**. A faz uso da estratégia de **Polidez Positiva – on record – Ofereça, prometa.**

A: - mas se a gente não falar nada (risadas)(++) a gente acaba perdendo essa dat a(+)**que tem um(+)**um(+)**um** peso tão grande pra gente(+) **que foi criada como uma contestação exatamente da data do 2 de abril ou(+)**ou da mesma data mesmo dos Estados Unidos(+)**que é aquela data(+)**que é voltada completamente para os pais e para os cuidadores(+) **e não pra os autistas em si(+)**então eu acho importante a gente pontuar o como isso(+)**é(+)**isso acontecendo esse ano eu não duvido que vá continuar acontecendo porque(+) **ham(+)**eles viram que eles não iam conseguir calar a gente(+)**que eles não iam conseguir simplesmente acabar com a data(+)**então agora eles estão tentando puxar pro lado deles e **eu acho que a gente tem que(+)**tem que **ser firmes(+)** **tem que mostrar que não(+)** **essa não é uma data pros pais(+)**essa não é uma data pros cuidadores(+) **essa é uma data da gente(+)** pra gente(+)**nós temos orgulho de quem nós somos(+)**de verdade e não pros pais mostrarem o orgulho dos filhos e tudo mais(...)

Ao satisfazer os desejos de seu ouvinte, Brown e Levinson declaram que o falante pode agir com a clássica atitude de polidez positiva em que presenteia seu interlocutor. Esse ato de presentear não ocorre somente com presentes materiais,

mas poderá ser demonstrada através de atitudes como; apreciar os desejos do outro, admirá-lo, cuidá-lo, compreendê-lo, ouvi-lo. EV se utiliza dessa estratégia ao presentear os outros participantes da roda ao declarar que sua vida é melhor por causa da vida deles. Que fazer parte do grupo social deles foi uma libertação, um peso tirado das costas. Dessa forma ela se utiliza da estratégia de **Polidez Positiva** – *on record* - **Dê presentes ao outro (simpatia, compreensão, cooperação).**

EV: - **e receber o diagnóstico(+)** conhecer outros autistas(+) **conviver com eles(+)** ver a vivência deles introduzida na minha(+)**ter a convivência diária com eles(+)** conversar com outros autistas(+)**isso meio que foi um “Bum”(+)** na minha vida que virou tudo do avesso e **deixou tudo melhor(+)** porque foi o momento que eu soube que minhas esquisitices não eram esquisitices(+) **eram características minhas(+)** os stins(+) **que eu tenho muitos stins(+)** eu tenho muitas(+) **é (...)**eu tenho muitos rituais na minha vida(+) **que eu faço(+)** pra tudo e eu sempre tive um (...) um trabalho muito grande de tá suprimindo(+) **eu suprimia tudo que era estranho em mim(+)** ia suprimindo(+) **suprimindo(+)** chegou um ponto que eu virei uma bomba(+) **eu tive muito mal e descobri a libertação(+)** tirar esse peso de mim(...)

9 CONVERSAS ORDINÁRIAS – PESQUISA ETNOGRÁFICA REALIZADA POR ROCHA (2016)

Analisaremos a seguir as conversas ordinárias presentes na dissertação de mestrado de Rocha (2016), fruto de sua pesquisa etnográfica onde esteve em campo acompanhando 2 autistas, com nomes fictícios de Marcos e Carlos, durante alguns meses. As conversas analisadas foram retiradas da dissertação de Rocha fielmente, sem nenhuma modificação, não utilizamos as normas de transcrição segundo Marcuschi (1991), utilizadas na sessão anterior. Distribuimos as conversas em situações independentes, pois não focamos no espaço e tempo de cada situação. Continuaremos nossas análises a partir da categoria de estratégias de Polidez segundo Brown e Levinson (1987).

9.1 Situação 1

Carlos está com seu psicólogo em sua sessão de terapia. Carlos está aborrecido com toda a situação e com o barulho que seus colegas estão fazendo. É sabido que uma das características de um sujeito com TEA é a alta sensibilidade a barulhos, por isso a atitude desesperada de Carlos em querer ir embora. Ele tenta persuadir o psicólogo dizendo-lhe que o hábito que tem de repetir as falas dos filmes não é aceitável e por isso não mais o fará. Por outro lado, o psicólogo deve permitir que ele vá para casa.

Carlos: **Eu não suporto mais ficar aqui (...) aqui tá cheio de gatos e os meninos ficam gritando e minha cabeça fica confusa ...eu tô ficando louco (+) doutor (...) Por que que eu tenho que ficar aqui? Eu já sei que não devo imitar os filmes (...) eu já sei (+) doutor (++) Deixa eu ir embora, doutor? Eu quero ir pra casa...**

O psicólogo sugere a Carlos que ele ficasse apenas para conversar com ele e que depois ele iria embora, ao invés de ficar na sala durante toda a manhã.

Carlos: **“Aceito, doutor (...) Acordo fechado”.**

Carlos utiliza-se da estratégia de **Polidez Positiva - on record – Procure acordo (com outro)** ao concordar com a sugestão proposta pelo psicólogo que o estava atendendo em sua terapia. Carlos também faz uso da **máxima da concordância**, ao concordar com a proposta do psicólogo.

9.2 Situação 2

“Marcos: Coloca aí: eu gosto muito de rock, mas o meu maior problema é quando, é quando tem música que não é o meu tipo, música infantil, lepo-lepo, *funk*. Essas coisas eu não gosto, porque a música infantil é muito colorido véi e só fica aquela voz gasturenta [vez um som que representava nojo] Não parece tão complexo como música popular tipo o Djavan, Nirvana, Guns N’ Roses porque eles sabem mesmo cantar (...) tipo Cássia Eller. Gosto daquela música porque ela expressa o visual agressivo e leve ao mesmo tempo, tipo Nirvana. **Vou te mostrar essa aqui** [e colocou o clipe].

Pesquisadora: Marcos (+) é o clipe oficial?

Marcos: Éeee [enfático e confirmativo] o original! Gosto do som dele (+) mas não tão alto (+) porque alto é poluição sonora (+) gosto das vozes deles mesmo (+) Para de filmar!

Pesquisadora: Tô filmando não (+) só gravando

Marcos: Ah (+) se filmar (+) para mostrar assim como é que é [direcionando o olhar para o clipe (+) sugerindo que a filmagem do mesmo]

Pesquisadora: Você quer que eu filme?

Marcos: Quero

Marcos ao oferecer a pesquisadora o clipe que ela gostaria de assistir utiliza-se da Estratégia de **Polidez Positiva – on record – Ofereça, prometa**. Também faz uso da **máxima da simpatia** ao maximizar a simpatia entre ele e a sua interlocutora.

9.3 Situação 3

Estratégia de **Polidez Positiva – on record – Afirme ou pressuponha o conhecimento e a preocupação que tem com os desejos do outro**. Marcos em sua fala abaixo demonstra sua preocupação com a leitura que seu pai fará diante da situação que ele se encontra. Ele provavelmente está fazendo algo que o pai não aprovaria. Ao se realizar um enunciado que demonstra preocupação com a reação do pai, ele se utiliza da **máxima de discernimento**, onde ocorre a minimização do custo do outro (pai).

Marcos: “**Eu preciso descer (+) mas tô com vergonha do meu pai (...) me camufla (...) me torna invisível**”

9.4 Situação 4

Nessa situação o pai de Marcos deseja demonstrar que é confiável e que Marcos poderá compartilhar com ele todas as suas questões, principalmente as situações que causam problemas. Ao ter essa conversa com seu pai deseja deixar claro que ama seu pai, o aprecia e o aprova. Marcos dessa forma, se utiliza da **máxima de aprovação** onde maximiza o enaltecimento de seu pai, ao mesmo tempo em que faz uso da estratégia de **Polidez Positiva – on record – Exagere. Demonstre interesse, aprovação, simpatia com o outro.**

Seu Antônio - O que é Marcos? O que é?

Marcos - Eu não posso dizer.

Seu Antônio - Se você não disser a mim, nós não vamos resolver. Sou seu amigo, te amo demais!

E abraço e mais abraço(...) muitos durante o dia, porque a coisa tem que ser assim (...) Ele me perguntava inúmeras vezes por dia:

Marcos - Você me ama?

E eu dizia:

Seu Antônio - Amo demais

Marcos - Sabia que te amo?

Seu Antônio - Sei demais.

Era assim o dia todinho (...) um dia ele começou a dizer (...) Ele tinha vergonha de dizer e apontava. Apontava pras caixinhas de som. Troquei as caixinhas de som (...) olhava para janela. Eu perguntei:

Seu Antônio: E se eu pintar?

Marcos: Resolve.

Pintei a janela (...) pintei a outra janela (...) fui pra grade (...) o portão pintei todo e já liberei a frente (...) Agora ficou entrando e saindo pela frente mas não passava pela porta de trás (...) Quando pintei tudo ele disse:

Marcos: Tem um problema.

Seu Antônio: Qual?

Ele apontou para a maçaneta da porta e eu tive que pintar também. Dessa vez, ele olhando ”.

9.5 Situação 5

Nessa situação Carlos interage com a pesquisadora e usa da **máxima da simpatia**. Onde ele busca maximizar a simpatia entre eles. Na categoria de Brown e Levinson ele se utiliza da estratégia de **Polidez Positiva – on record – Brinque, faça piadas**

“Pesquisadora: - e como você entrou aqui?

Carlos: - **Eu infiltrei-me. Quando uma pessoa se infiltra, ela entra sem ninguém perceber. Eu esperei todo mundo sair. Aí a senhora tava (...) a senhora num tava me vendo, aí eu entrei sem que ninguém me visse** {sorria como se estivesse se sentindo vitorioso com o ato}, **aí em esperei todo mundo sair ao lado da avião assim ó** {abriu os braços, tentando mostrar o espaço que tivera para entrar}, **aí eu fui como um espião, olhei assim** {gesticulou colocando as mãos, alternadamente, em cima dos olhos}, **depois entrei correndo e fechei a porta. Aí quando eu percebi que não tava abrindo a porta, aí eu gritei: socorro! Porque eu tava preso aqui dentro** {disse isso sorrindo, como se sentisse vitorioso por sua aventura}”.

9.6 Situação 6

Marcos e Carlos buscam através de suas falas minimizar a discordância entre eles, assim eles se utilizam da **máxima de concordância**. De acordo com as categorias propostas por Brown e Levinson (1989), eles fazem uso da estratégia de **Polidez Positiva – on record – Pressuponha/ aumente/ confirme pontos/ terrenos em comum**. Percebemos que essa empatia é mútua, e a busca por uma saudável interação social é desejo de ambos. Dessa forma, acreditamos que a crença que autistas não interagem não faz sentido.

“Marcos: Tô tentando ver aqui como é que faz mesmo parar (...) acho é por aqui ((disse isso mexendo painel de controle)).

Carlos: Preparar para decolar

Pesquisadora: Este avião teve seu primeiro voo em 1935. Piloto e copiloto, como vocês estão se sentindo?

Marcos: Muito bem

Carlos: Pra que serve isso? ((Referindo-se a um dos botões do painel))

Marcos: Isso aqui ((apontando para o painel)) acho que é pra medir ((Olhou, pegou no botão)) sei lá

Pesquisadora: Vocês se imaginam como se tivessem voando de verdade?

Marcos: Você não queira nem saber, Prefiro ser o passageiro ((risos))

Pesquisadora: E você Carlos?

Carlos: As duas coisas

Pesquisadora: Qual será nosso destino?

Marcos: Por mim eu ia lá para ((pausa)). Um avião desses não consegue atravessar o atlântico, então, a gente ia ter que ir por cima da América do Sul. Depois daria a volta pelo Estreito de Bering, passando pelo Alasca até no outro lado chegar a Ásia, pra ir, por cima, passando na Europa até ir nas minhas primas, prá ir visitá-las.

Pesquisadora: E você, Carlos, qual o destino?

Carlos: Tóquio

Marcos: Então teria que fazer o mesmo percurso, mas não ir para Inglaterra quer dizer, pra Europa. Ia direto da Ásia em direção a lá (...) Tóquio é o extremo oriente e é afastado da Ásia, É numa ilha Tóquio é a capital da China.

Carlos: Do Japão.”

“Pesquisadora: E você, Carlos, qual o destino?

Carlos: Tóquio

Marcos: Então teria que fazer o mesmo percurso, mas não ir para Inglaterra, quer dizer, pra Europa. Ia direto da Ásia em direção a lá (...) Tóquio é o extremo oriente e é afastado da Ásia, É numa ilha, Tóquio é a capital da China.

Carlos: Do Japão

Marcos: Ah, tá, tá é do Japão. É que eu troquei. A capital da China é Pequim.”

9.7 Situação 7

Diante da fala de Carlos que demonstra ordem, superioridade, hegemonia só resta a Marcos concordar com Carlos para evitar um conflito na interação entre os dois. Ao concordar com Carlos, Marcos minimiza a discordância entre ambos, se utilizando da **Máxima da concordância**, bem como da Estratégia de **Polidez Positiva** – *on record* – **Evite desacordo**.

“Carlos: Vira o volante, Marcos!

Marcos: Cuidado, pode quebrar. Eu gostei desse avião (...) Dá vontade de eu ter um desse, no gramado, num casarão, para mostrar aos filhos como é que era; igualzinho a esse com ar condicionado. Mas não ia dar pra sustentar essa despesa, aí teria que colocar em uma instituição. Tipo a nova sede que eu desenhei (...) preciso desenhar um desse lá.

Carlos: Mãe, vamos pedir pra eles que reconstruam esse avião!

Marcos: Não, não, aí eu não sei, cara. Tô tentando saber mesmo é como faz pra levantar voo”.

“Pesquisadora: Você quer que a gente pouse no Pinto Martins?

Carlos: É pra gente pedir aos caras que reconstruam o avião.

Marcos: Meu irmão, é ser perigoso, porque manter um bicho desse é mais caro do que um da ((inaudível))

Carlos: **Eu quero, Eu tô mandando, eu não tô pedindo (...) quero reconstituir esse avião para quando ele voar** ((Marcos interrompe))

Marcos: **Tá, vamos fazer essa história aí, né? Vamos** (sorriu parecendo compreender o Carlo)”

Percebemos que a máxima mais utilizada por esses sujeitos foi a máxima da concordância. Leech parte dos princípios Griceanos em que se é postulado um princípio geral como regra que permeia a conversação, esse princípio dito como de cooperação, determina que todo enunciado deve contribuir para que os objetivos do diálogo sejam alcançados. A pragmática, que enxerga a linguagem a partir de seus interlocutores em seus contextos de enunciação, é influenciada pelas máximas de Grice, que regem essa cooperação.

10 RODA DE CONVERSA REALIZADA NO DIA 28.11.2020

Na roda de conversa realizada no dia 28.11.2021 estiveram presentes somente 2 participantes autistas, Dani e Pedro, a mãe de Dani, e as duas pesquisadoras responsáveis. Dani e Pedro ficaram noivos recentemente e estão muito felizes com o passo que deram em direção ao matrimônio. Nessa roda de conversa discutimos aspectos como a importância do matrimônio, de colocar Deus acima de todas as coisas, o curso de noivos que fizeram, suas impressões, suas alegrias e seus desafios.

Percebemos que tanto Pedro quanto Dani se utilizaram de diversas estratégias de polidez *on record* para face positiva. Eles buscaram ser bastante empáticos, gentis, polidos. Demonstraram grande interesse em agradar todos os que estavam na roda e não medem esforços para fazê-lo.

Pedro nesse turno se utiliza da **máxima da simpatia**, em que busca a simpatia das duas pesquisadoras ao mesmo tempo que se utiliza da estratégia de polidez positiva *on record* para face positiva – ***Dê atenção ao outro e seus interesses, desejos, necessidades. Note-o***

Percebemos a preocupação de Pedro em agradecer por cada ação que as pesquisadoras realizaram deixando claro a sua atenção com a face positiva delas.

Pesquisadora: - Pedro (+) alia um pouco sobre o noivado(...)

Pedro: - eu primeiramente (+) eu gostaria muito de agradecer pelo tempo e pela atenção que vocês tiveram com a gente de preparar(+), de convidar(+), e de estar conosco nessa roda de conversa(+), e também pelo carinho(+), pelas palavras(+)

Nessa fala Pedro deseja demonstrar o quanto está feliz por descobrir o amor e finalmente senti-lo. Ele demonstra aprovação e simpatia por Dani e chega a exagerar em sua fala sobre o amor que Dani o permitiu descobrir. Pedro dessa forma, se utiliza da **máxima de aprovação** onde maximiza o enaltecimento de Dani ao mesmo tempo em que faz uso da estratégia de **Polidez Positiva** – *on record* – **Exagere. Demonstre interesse, aprovação, simpatia com o outro**

Pedro: - eu tava pensando aqui quando a pesquisadora tava falando sobre os poemas e as frases que você disse(+). É(+), eu (+) **antigamente eu pensava que eram assim só palavras das pessoas(+)** assim falar sobre amor(+), eu achava que era algo assim(+), que as pessoas eu achava que era algo que, assim, que as pessoas exageravam nas frases, mas

quando eu conheci a Dani eu pude é(+) finalmente(+) é(+) vivenciar tudo o que estou vivenciando com ela eu pude ver que não são só palavras(+) a gente expressa pelas palavras o que a gente sente mas o que é legal mesmo é você vivenciar(+)e:: eu fiquei(+),eu sou muito agradecido por Deus e Nossa Senhora de ter encontrado a Dani(+)

Pedro declara sua admiração por Dani mencionando características positivas que ela possui, sua intenção nos aponta que ele deseja mostrar para a noiva o quanto está feliz de estar com ela, de estar dando esse passo significativo ao lado dela. Ao mostrar-se interessado em demonstrar sua admiração e felicidade, Pedro faz uso da **máxima da aprovação** ao mesmo tempo que faz uso da estratégia - **Intensifique o interesse para com o outro**. Dani, por outro lado, também menciona sua alegria e admiração por Pedro, dessa forma ambos fazem uso da mesma estratégia e máxima.

Pedro: - Dani é uma ótima pessoa (+) é muito companheira (+) muito ((incompreensível)) e enfim eu finalmente pude é:: acreditar que o amor existisse(+) não só acreditar(+),como dar esse passo com ela(+) que é muito importante(+)

Dani: - eu só tenho que agradecer a Deus mesmo por ter colocado (+) o Pedro na minha vida (+) ele é uma pessoa muito companheira (+) é:: boa

Pedro em sua fala, busca receber de Dani uma confirmação de que há um acordo tácito entre eles. Dessa forma, Pedro demonstra que entre ele e Dani existe um compartilhamento das mesmas opiniões a respeito do momento que estão vivendo na roda. Dessa forma faz uso novamente da **máxima de aprovação** ao mesmo tempo que ao buscar um acordo com Dani ele se utiliza da estratégia de **Polidez Positiva – on record - Procure acordo com o outro**.

Pedro: - dessa maneira informal (+) que a gente tá assim tendo contato com vocês(+) eu nunca tinha namorado antes (+) apesar de na época (+) que eu comecei a namorar com ela eu tinha 25 (+)

Pedro e Dani, em suas falas seguintes, ao se referir a Deus e a Nossa Senhora utilizam a estratégia **de polidez positiva on record - use marcadores de identidade do grupo**. É do conhecimento de ambos que todas as pessoas presentes na roda são católicas e têm as mesmas convicções e crenças religiosas dessa forma eles buscam marcar essa identidade católica no grupo. Pedro e Dani também fazem uso da **máxima de simpatia** quando buscam agradar suas interlocutoras

mencionando pessoas bíblicas importantes para elas, bem como preceitos da religião, como ir a missa.

Pedro: - então eu só tenho que agradecer a Deus (+) e a Nossa Senhora por tudo que tem acontecido(+) e:: o que vai acontecer na minha vida com a Dani(+)
e::é isso(+)
deixa a Dani falar(...)(risos)
Dani: (+) eu sempre rezei para encontrar uma pessoa que fosse de Deus (+) que fosse pra missa (+) por que eu sou muito religiosa eu sempre pedia pra Deus me mostrar essa pessoa (+) que fosse pra missa comigo (+) por que eu acredito que uma relação só vai a frente(+) quando se tem Deus no caminho(+)
a gente reza muito aqui(+)

No enunciado a seguir Pedro e Dani utilizam da estratégia de Polidez positiva on-record - **Afirme ou pressuponha o conhecimento que tem com o desejo do outro.** Ao se preocupar mais uma vez em demonstrar todo o seu amor e toda sua felicidade de estar com Dani. Dani expressa bastante alegria ao ouvir todas as palavras e declarações de amor de Pedro e retribui em seu turno sua admiração por ele.

**Pedro: - e eu na época que (+) quando eu comecei a namorar com ela (+) e:: eu posso dizer que tudo o que eu posso tudo o que eu vivi antes(+)
assim (+) tudo o que eu imaginava que era o amor eu tô vivenciando com ela muito além do que eu imaginava(+)
então eu só tenho que agradecer a Deus por ter colocado a Dani na minha vida(+)**
Dani: - eu só tenho que agradecer a Deus mesmo por ter colocado (+) o Pedro na minha vida (+) ele é uma pessoa muito companheira (+) é::: boa

Ao satisfazer os desejos de seu ouvinte, Brown e Levinson declaram que o falante pode agir com a clássica atitude de polidez positiva em que presenteia seu interlocutor. Nesse caso suas interlocutoras são Dani e sua mãe. Pedro menciona todo seu carinho e gratidão a D. Vilma que o tem acolhido tão bem em sua casa. O ato de Pedro de apreciar os desejos de D. Vilma, os desejos dela de ser admirada, reconhecida, compreendida é demonstrado através do uso da **máxima da simpatia** e da estratégia de **Polidez Positiva – on record - Dê presentes ao outro (simpatia, compreensão, cooperação)**

**Pedro: - e também a d. Vilma (+) e o sr. Felix (+) eu não ganhei somente uma noiva(+)
uma mulher(+)
eu ganhei tb uma família(+)
eu sou muito feliz de ser tão bem recebido(+)
de me sentir em casa por todos que me um dão um grande conforto(+)
assim de ter já no nosso começo de nosso namoro(+)
a concretização da certeza que eu fiz uma excelente escolha(+)**

Percebemos em vários momentos, nos turnos de fala de Pedro a sua intenção explícita de agradar Dani, demonstrando através de adjetivos e outros enunciados o seu interesse em fazê-lo, bem como a intenção de agradá-la indiretamente através de sua família. Dani retribui da mesma forma todas as demonstrações de carinho, admiração e felicidade oralizadas por Pedro. Pudemos perceber que ambos ao tentar agradar um ao outro utilizaram-se na maior parte das vezes da máxima da aprovação, visto que essa máxima diz respeito diretamente sobre a intenção do falante de agradar o seu ouvinte.

11 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossas considerações finais partem de uma percepção sobre nossas descobertas a respeito das estratégias de polidez na fala dos autistas. Não temos a ousadia de afirmar que temos todas as respostas sobre o assunto abordado com premissas totalmente significativas. Mas pudemos ter uma noção a respeito do que tínhamos como inquietação primária, como objetivos geral e específicos e nossas questões de pesquisa.

Nossas investigações devido ao curto tempo do processo de mestrado não puderam ser aprofundadas, mas cremos que posteriormente teremos um espaço de tempo maior, bem como um *corpus* maior para nossas análises ao longo do nosso doutoramento.

Partimos do pressuposto de que quase todos os nossos participantes autistas são agentes racionais, dotados de capacidade e consciência inatas. Dessa forma são capazes de escolher os meios para se comunicar, bem como se utilizar da linguagem para satisfazer um determinado fim e com base em sua liberdade de escolha, por livre e espontânea vontade, escolhem o princípio da cooperação, que segundo Grice (1987) norteia as conversações. Desse modo pudemos claramente perceber acordos entre esses participantes para que houvesse sempre uma conciliação e harmonia nas interações.

Nossa pesquisa indicou que nas rodas de conversa, sujeitos com TEA, com nível leve do espectro jogam com suas faces à medida que a protegem e protegem a face de seus interlocutores. Pudemos perceber uma preocupação a respeito da proteção das faces, pela maioria deles. Brown e Levinson afirmam que toda interação se constitui de atos que inerentemente ameaçam a face, seja a face positiva ou negativa, bem como qualquer das faces em questão, podendo ser do falante ou ouvinte respectivamente.

Teixeira (2011) afirma que o interlocutor, ao usar a polidez positiva *on-record*, pode minimizar aspectos de um ato de ameaça a face, a medida que demonstra ao ouvinte que ele se considera como sendo pertencente ao grupo, sentindo-se seu amigo, que existe afeto entre eles e que ambos possuem desejos em comum. Se os interlocutores se consideram parte do mesmo grupo social e se ambos concordam tacitamente que existirão vantagens mútuas, os possíveis atos

ameaçadores de face serão possivelmente minimizados. Em todas as rodas de conversa, bem como nas falas analisadas na dissertação de Rocha (2016) e na roda de conversa realizada pelas pesquisadoras, foi possível perceber o pressuposto de que existia entre os participantes empatia, amizade e cooperação e por isso os atos ameaçadores de face foram minimizados.

Dentre os sujeitos analisados percebemos que esses utilizaram-se de todas as estratégias de polidez positiva *on record* para face positiva. Essa foi a categoria que mais pudemos visualizar em suas conversas, em todos os contextos que analisamos. Tivemos poucos episódios de estratégias de polidez Negativa – *on record* - para face negativa e nenhuma situação onde os sujeitos autistas fizeram uso de estratégias de Polidez negativa *off-record*.

Esse dado nos mostra que os autistas são diretos, usam poucas palavras e em virtude de sua comunicação ser bastante clara mal-entendidos acabam acontecendo com menos frequência por falta de clareza em seus enunciados. Nesse corpus especificamente, constatamos que ao percebê-los como sujeitos objetivos, podemos levantar o questionamento: autistas não fazem uso de insinuações, pistas, pressupostos, bem como de atos indiretos de fala, metáforas, ironias, generalizações, ambiguidade, etc? Isto é, todas as estratégias de polidez negativa que versam sobre a indiretividade? Contudo, argumentamos ser necessária uma amostra maior para chegarmos a posicionamentos mais exatos e conclusivos. Pretendemos ter essas respostas em nossa tese de doutorado.

Segundo Grice (1967), a polidez pragmática postula que sujeitos interagentes, no geral, preferem expressar ou implicar atos de polidez ao invés de impolidez, e pudemos perceber esse postulado na prática em nossas análises no corpus que tivemos acesso. Percebemos que o princípio da cooperação entre autistas é bastante comum, e que a crença estigmatizada que autistas não sabem ou não querem interagir nesse corpus não pôde ser constatada. Acreditamos dessa forma que existe muito mais especulação nessa crença que uma resposta realmente analisada e concreta sobre o assunto.

Percebemos que a questão da Polidez está muito imbricada a noção de empatia, que permeia as relações sociais. Respeitar o outro e o seu lugar de cidadão do mundo, independente de como essa pessoa seja é um bom começo. A Polidez é um fenômeno universal, pois todas as culturas têm atos polidos e impolidos, porém as

estratégias que permeiam as interações são sócio-culturais e dependem de nossos costumes, crenças e dos ritos que participamos socialmente.

Por fim, buscamos nessa pesquisa, dar o direito e a voz a esses sujeitos que, por diversas vezes são silenciados e esquecidos dentro de nossa sociedade, bem como trazer conscientização de que todas as pessoas merecem ser ouvidas. Mesmo aquelas que em nosso ponto de vista são mais improváveis ou não fazem parte de nosso contexto social.

Fazemos nossas as palavras de uma de nossas participantes autistas, que busca em sua fala apoio, respeito, compreensão, empatia, abraço e amor.

SS: (+) precisamos de amigos (+) precisamos da nossa família e precisamos principalmente de apoio (++) porque é o que falta (++) desde sempre a gente vem se sentindo estranho (+) vem se sentindo incomum (+) vem se sentindo é (+++) excluído e tudo isso por falta de apoio (+) por falta de empatia (+) por falta de conhecimento e é por isso que é muito importante que vocês saibam sobre o autismo(...)

SS: (+) porque a sociedade é deficiente em empatia e quando você tem deficiência (+) deficiência em algum alguma parte do cérebro algum ponto do corpo é (++) essas duas é (++) deficiências se batem e colidem (+) elas formam uma barreira e por isso a gente não é incluído (++) e por isso a gente não é (+) é (+) tipo (+) por isso a gente não é eu não eu não acho a palavra (+) mas é por isso que a gente não é aceito porque aceitar uma pessoa autista (+) respeitar uma pessoa autista e qualquer pessoa neurodiversa ou qualquer pessoa deficiente é um ato de amor e nós seres humanos (+) eu acredito que todos nós temos um pouco de amor dentro de nós (+) porque (++) é porque (++) é (++) é algo muito intrínseco da gente (+) é amar e ser amado e distribuir amor entende? (+) então eu acho que (++) que nós (+) nós precisamos amar mais principalmente pessoas que que não são (++) que não são como a gente (+) entende? porque quando a gente faz isso (+) a gente cria novos horizontes para elas porque é (+) a mas você tem que batalhar você tem que conseguir (+) você tem que você tem que (+) tem que se esforçar mais (++) cara eu ouvir isso é tipo você pedir pra eu virar um neurotípico do nada porque (++) porque tudo que está a minha volta é uma interpretação do meu cérebro que é diferente da interpretação do seu cérebro (+) então nós temos todos uma outra visão todo um outro comportamento todo uma outra é (++) comunidade de autistas (+) então nós precisamos é (+) dar apoio as pessoas para que elas nos apoiem (+) entende? e essa é a função dessa live (+) instruir as pessoas para que elas possam cada vez mais abraçar a gente (+)né?

Podemos perceber que mesmo os considerados absortos em seus mundos buscam algo comum a todos os seres humanos. Na essência todos nós buscamos o que no nosso ponto de vista é nossa essência humana: o amor, a cortesia, o afago, o afeto, a interação social.

Constatamos que assim como as pessoas não autistas são polidas e as vezes impolidas, os autistas também o são. Cremos que nossa dissertação já deu um

grande passo para desconstruir algumas concepções; de que autistas não interagem, que são tão diretos e assertivos que são impolidos, que são sinceros demais a ponto de ferir a face de seu interlocutor.

Através de nossa pesquisa ao mesmo tempo em que buscávamos desconstruir paradigmas existentes, conscientizar a sociedade para que com base no princípio da cooperação, tão importante para as interações, faça mais uso de empatia, respeito e compreensão. Sentimentos esses, tão básicos e necessários, mas por outro lado tão escassos. A fala de **SS** nos soa como um grande clamor, um grande pedido a sociedade para que todos busquem conhecer mais desse mundo autista, muitas vezes tão excluído, que precisa lutar muito para superar desafios, mas por outro lado tão rico e cheio de surpresas.

Finalizamos com um preceito autista que muito nos toca a alma: “**Nada sobre nós, sem nós**” Queremos deixar registrado para eternidade, nessas linhas, que toda essa pesquisa só foi possível por que vocês estiveram conosco!

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, C.; FERREIRA, D. (Orgs.). **Nova Pragmática: modos de fazer**. São Paulo: Cortez, 2014. p.11-14.
- ARUNDALE, Robert B. Constituting face in conversation: Face, facework, and interactional achievement. **Journal of Pragmatics**, v. 42, p. 2078-2105, 2010.
- ARMENGAUD, Françoise. **A pragmática**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2006, 160p
- AUSTIN, J. **How to Do Things with Words**. [S.l.]: Harvard University Press, 1962.
- AUSTIN, J. **Quando dizer é fazer: palavras e ação**. Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- AYDUS, Valeria. **A (des)construção social do diagnóstico de autismo no contexto das políticas de cotas para pessoas com deficiência no mercado de trabalho**. Disponível em: <https://journals.openedition.org/aa/3492>. Acesso em: 10 jul. 2020
- BETTELHEIM, Bruno. **A fortaleza vazia**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- BLEULER, E. **Textbook of psychiatry**. [S.l.]: Macmillan, 1924.
- BRASIL. **Declaração universal dos direitos humanos**. Disponível em: www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2018/novembro/artigo. Acesso em: 30 jul. 2020
- BROWN, P.; LEVINSON, S. **Politeness: Some universals in language usage**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- CAMPOS, Murillo. O grupo das esquizofrenias ou demência precoce. **Arquivos Brasileiros de Neuropsiquiatria e Psiquiatria**, Rio de Janeiro, n.3, p.155-188, nov. 1929.
- CASAGRANDE, C. A. A ética e a formação do eu sob a perspectiva de G. H. Mead: Algumas considerações introdutórias. Ethics and formation of the self under the perspective of G. H. Mead: Some introductory considerations. **Revista Diálogo: Ética e Educação**, n.19, jul./dez 2011.
- CHARAUDEU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. Tradução de Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.
- DOURADO, F. **Autismo e cérebro social: Compreensão e ação**. Fortaleza: Segmento farma, 2012
- DUBOIS, J. et.al. **Dicionário de lingüística**. São Paulo: Cultrix, 2006.

- ESPÍNDOLA, L. Pragmática. In: LEITE, J.E.R (Orgs.). **Linguagens usos e reflexões**. João Pessoa: UFPB, 2010.
- FIORIN, J. L. Pragmática. In: FIORIN, J.L. (Org.) **Introdução à linguística II: Princípios de análise**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 161-186.
- FOLEY, W. A. (2005). **Anthropological Linguistics: An Introduction**. Oxford: Blackwell Publishing, 2005.
- FLICK, U. **Desenho da Pesquisa Qualitativa**. Tradução de Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009a.
- FLICK, U. **Qualidade na Pesquisa Qualitativa**. Tradução de Roberto Cataldo Costa, Porto Alegre: Artmed, 2009b.
- GLOCK, Hans-Johann. **Dicionário Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. [S.l.]: LTC, 1981.
- GOFFMAN, E. **Interaction ritual**. New York: Harp e Ruw, 1967.
- GOFFMAN, E. **Rituais de interação: ensaios sobre o comportamento face a face**. Trad. Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.
- GRANDI, T; PANEK, R. **O cérebro autista**. Tradução de Cristina Cavalcante. Rio de Janeiro: Record, 2015.
- GRICE, H.P. **Logic and conversation in: syntatic and semantic**. [S.l.]: Academic Press, 1975.
- GRICE, H.P. Lógica e conversação. In: DASCAL, M. (Org.) **Fundamentos metodológicos da lingüística**. Campinas: [s.n.], 1982.
- GRINKER, Roy Richard. **Autismo: um mundo obscuro e conturbado**. Tradução de Catharina Pinheiro. São Paulo: Larrousse do Brasil. 2010.
- HOLMES, J. Apologies in New Zealand English. **Language in Society**, London, v. 2, p.155-199, 1990.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. **Análise da conversação: princípios e métodos**. Tradução Carlos Piovezani Filho. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- KLIN, A. Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral. **Rev. Bras. Psiquiatr.**, São Paulo, v. 28, suppl.1, maio 2006
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M.A. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2001

- LEECH, G. Principles of pragmatics, New York: Longman, 1983. Politeness: is there an east-west divide? **Journal of foreign languages**, v. 160, n. 60. Nov. 2005.
- LEECH, G. **The pragmatics of politeness**. Oxford: Oxford University Press, 2014.
- LEVINSON, S. C. **Pragmática**. Barcelona: Editorial Teide, 1989.
- LEVINSON, S. C. **Pragmática**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- LEVINSON, S. C. **Presumptive meanings: the theory of generalized conversational implicature**. Massachusetts: Institute of Technology, 2000.
- MANDAL, Ananya. **História do autismo**. 2020. <https://www.news-medical.net/health/Autism-History.aspx>. Acesso em: 20 out. 2020.
- MARCONDES, Danilo. **A Pragmática na filosofia contemporânea**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. (Coleção Filosofia Passo-a-Passo).
- MARTINET, André. **Elementos de linguística geral**. 8. ed. Lisboa: Martins Fontes, 1978.
- MEAD, George Herbert. **Mind, self, and society: from the standpoint of a social behaviorist**. Chicago: University of Chicago Press, 1992.
- OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **Reviravolta linguístico-pragmática na filosofia contemporânea**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- ORSMOND, G.I.; SHATTUCK, P.T.; COOPER, B.P. *et al.* Social Participation Among Young Adults with an Autism Spectrum Disorder. **J Autism Dev Disord**, v. 43, p. 2710–2719, 2013.
- OTTONI, P. **Visão performativa da linguagem**. Campinas: UNICAMP, 1998.
- PAIVA, G. M. F.; MOREIRA, R. G.; SANTOS, L. A. P. F. **Introdução aos Estudos de (Im)Polidez Linguística**. Fortaleza: Centro Universitário Estácio do Ceará, 2016.
- PICARDI, F. D. **Linguagem e esquizofrenia: na fronteira do sentido**. 1997. 124f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.
- PINTO, J.P. Pragmática. In MUUSSALIN, B. **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2004.
- RAJAGOPALAN, Kanavillil. Os caminhos da Pragmática no Brasil. **DELTA**, São Paulo, v. 15, n. especial, 1999.
- RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Nova Pragmática: fases e feições de um fazer**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Prefácio: Da arrogância cartesiana à “nova pragmática”. In: ALENCAR, C.; FERREIRA, D. (Orgs.). **Nova Pragmática: modos de fazer**. São Paulo: Cortez, 2014. p.11-14.

OLIVEIRA, R.P.; BASSO, R.M. **Arquitetura da Conversação: Teoria das Implicaturas**. São Paulo: Parábola, 2014.

ROCHA, L. K. M. **Vozes silenciadas: o fenômeno da polidez em uma etnografia do cotidiano de pessoas com transtorno do espectro autista-Tea**. 2016. 165f. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016.

RODRIGUES, Rômulo da Silva Vargas. Saussure e a definição da língua como objeto de estudos. **ReVEL**, n. 2, 2008.

SANTOS, Guilherme da Silva dos. A linguística sincrônica de Saussure e o ensino da língua portuguesa. **Revista Linguagem**, São Carlos, v.30, n.1, p. 73-83, jan./jun. 2019.

SEARA, I. R. Contributo para o estudo da (des)cortesia: estratégias de atenuação e de intensificação nas interações. In: CABRAL, A. L. T.; SEARA, I. R.; GUARANHA, M. F. (Orgs.) **Descortesia e cortesia: expressão de culturas**. São Paulo: Cortez, 2017.

SILVA, N. Ser adulto”: Alguns elementos para a discussão deste conceito e para a formação de professores de “adultos. **Millennium: Revista do Instituto Politécnico de Viseu**, n. 29, jun. 2004. Acesso: <https://www.ipv.pt/millennium/Millennium29/35.pdf> Acesso em: 20 set. 2020.

SILVEIRA, S. S. **Teoria das inferências pragmáticas do tipo implicatura: por uma potencial aplicação para o ensino/aprendizagem do Português com L2**. 2007. 198f. Tese (Doutorado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

TEIXEIRA, L. A. S. **A polidez na conversa de pessoas esquizofrênicas. Figuratividade, Estratégias e Faces**. 2011. 115f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

VARELA, D. **Transtorno do Espectro Autista/ TEA**. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/transtorno-do-espectro-autista-tea/> Acesso em: 25 set. 2019

WEISER, H. P. **A produção discursiva da moral no gênero fofoca [manuscrito]: elementos para uma descrição micro e macrosocial da conversação cotidiana**. 2009. 85f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

WERNECK, G.L.; CARVALHO, M.S. A pandemia de COVID-19 no Brasil: crônica de uma crise sanitária anunciada. **Cad. Saúde pública**, v. 36, 2020

WITTGENSTEIN, L. **Investigações filosóficas**. Tradução de J.C. Bruni. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

WITTGENSTEIN, L. **Tractatus Lógico-Philosophicus**, Tradução de Luiz Henrique Lopes dos Santos, São Paulo: USP, 2001.

ANEXOS A - TERMO DE ASSENTIMENTO



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM LINGUÍSTICA APLICADA

(Elaborado de acordo com a Resolução 466/2012-CNS/CONEP)

Você está sendo convidado a participar da pesquisa intitulada A (Im)POLIDEZ NA CONVERSA DE AUTISTAS, UMA ABORDAGEM DAS ESTRATÉGIAS E DO TRABALHO COM AS FACES , sob a responsabilidade da Professora DR.^a Letícia Adriana Pires Ferreira dos Santos e da aluna-pesquisadora Ludovica Olímpio Magalhães, cujo objetivo é trabalhar a roda de conversa e a Análise da Conversação, em manifestações de afagos e de cortesias dos autistas que frequentam a Casa da Esperança. Para realização deste trabalho será necessário gravar as conversas. Seu nome assim como todos os dados que lhe identifiquem serão mantidos sob sigilo absoluto, antes, durante e após o término do estudo. Quanto aos riscos e desconfortos, a pesquisa trará risco mínimo de constrangimento. Esta pesquisa poderá contribuir para percebermos que a linguagem também pode ser uma forma de vida, de libertação, uma forma terapêutica de superação da opressão e violência que começa em nós mesmos. No curso da pesquisa você tem os seguintes direitos: a) garantia de esclarecimento e resposta a qualquer pergunta; b) liberdade de abandonar a pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo para si ou para seu tratamento. Caso haja gastos adicionais, os mesmos serão absorvidos pela pesquisadora. Nos casos de dúvidas você deverá falar com seu responsável, para que ele procure as pesquisadoras, a fim de resolver seu problema (Prof.^a Dr.^a Letícia Adriana - e-mail: leticiaadriana13@gmail.com/ , Ludovica Olímpio Magalhães – pelo email: ludovica.olimpio@aluno.uece.br).

Fortaleza/CE , ____ de _____ de _____.

Assinatura do(a) participante

Assinatura do (a) pesquisador (a)